



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicações
Programa de Pós-Graduação em Música

DISCENTE: MIRTHY KÁTILHY DA SILVA SOUZA

**MARACATU DE BAQUE VIRADO: reivindicação de
tradicionalidade no ‘maracatu recente’ Raízes de Pai Adão**

RECIFE

2024

MIRTY KÁTILHY DA SILVA SOUZA

**MARACATU DE BAQUE VIRADO: reivindicação de
tradicionalidade no ‘maracatu recente’ Raízes de Pai Adão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Música.

Área de Concentração: MÚSICA E SOCIEDADE
Linha de Pesquisa: MÚSICA, CULTURA E SOCIEDADE

Orientador: Dr. AMILCAR ALMEIDA BEZERRA

RECIFE

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Souza, Mirty Kátly da Silva.

Maracatu de Baque Virado: reivindicação de tradicionalidade no 'maracatu recente' Raízes de Pai Adão / Mirty Katlhy da Silva Souza. - Recife, 2024.

97f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Música, 2024.

Orientação: Amilcar Almeida Bezerra.

1. Maracatu Nação; 2. Identidade Cultural; 3. Processos de Legitimação; 4. Raízes de Pai Adão. I. Bezerra, Amilcar Almeida. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MIRTY KÁTILHY DA SILVA SOUZA

**MARACATU DE BAQUE VIRADO: reivindicação de
tradicionalidade no ‘maracatu recente’ Raízes de Pai Adão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Música da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Música Sociedade.

Aprovada em: 29/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Amilcar Almeida Bezerra (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor Doutor Daniel Benson Sharp (Examinador externo)
Tulane University

Professor Doutor Carlos Sandroni (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a todas as comunidades periféricas de maracatu que, mesmo diante de inúmeras dificuldades, salvaguardam e mantêm viva a nossa cultura. Que a resistência, a força e a paixão de cada integrante dessas comunidades sejam sempre fonte de inspiração. Dedico também a todos pesquisadores negros, cuja luta e dedicação têm sido fundamentais para a valorização e o reconhecimento de muito da nossa cultura e história.

Agradecimentos

Quero expressar minha sincera gratidão a todos que tornaram possível esta caminhada, pois nenhum trabalho é possível sem a movimentação de uma grande comunidade.

Agradeço a meu orientador, Amilcar, que me permitiu compreender verdadeiramente o significado da frase "há pessoas que são luzes em nossas vidas". Em cada orientação trouxe tranquilidade e clareza, auxiliando não apenas em minha pesquisa, mas também minha visão do mundo acadêmico e de vida, suas palavras continuarão a ecoar em minha jornada.

Aos queridos colegas e professores do PPGMÚSICA, em especial o professor Carlos Sandroni, grande incentivador e que tem acompanhado minha jornada acadêmica desde a graduação, e ao professor Jorge Ventura que se tornou um amigo, sempre disposto a ajudar. À professora Luciana, presente em momentos muito importantes e que é uma grande inspiração, e tantos outros queridos docentes.

Aos membros da banca examinadora, por terem aceito o convite.

Meu agradecimento especial ao professor José Amaro Santos da Silva, que foi professor por muitos anos no departamento de música da UFPE e tenho a honra de ter como meu Babalorixá, grata por todo auxílio não apenas espiritual, mas pelos compartilhamentos e ensinamentos que muito enriqueceram generosamente meu trabalho. Assim, aproveito para agradecer também à minha família de santo, aos irmãos presentes em todos os momentos compartilhando a amizade e irmandade que enriquecem minha vida.

A todos que fazem o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, a família Raízes de Pai Adão, família essa que me acolhe desde 2013 e que é responsável por tornar essa pesquisa possível. Obrigada a Itaiguara, Maninha, mestre Leandro, Jorge Carneiro, Rainha Luciana, nosso eterno Rei Roberto (in memoriam), cada batuqueiro e cada integrante da corte, cada um da família Felipe da Costa. A vocês todo meu respeito e admiração sou grata demais pela disponibilidade e carinho de cada um em todos esses anos, e que essa história de resistência possa ser contada por muitos e dê muitos frutos.

Aos meus amigos que são grandes pesquisadores e incentivadores, não poderia deixar de citar especialmente Alice Alves, que desde antes da graduação tem sido presente e generosa em compartilhar conhecimentos e reflexões sobre pesquisa e sobre a vida. Fátima Tenório, Luan Luna e Zélio Sales, por proporcionarem momentos de tantas reflexões importantes, trocas e incentivos e serem uma verdadeira fortaleza em diversos momentos.

Por último, ao grande alicerce de minha vida, meus pais, Ronaldo e Eliete, cuja dedicação e sacrifícios em meio à realidade periférica nunca passaram despercebidos. Se hoje sinto orgulho de mim e dos lugares onde cheguei é porque vocês estavam (e estão) ao meu lado.

“Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.” (Woodward, 2014, p.17)

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de tradição no Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, um grupo surgido nos anos 1990, mas que rapidamente alcançou destaque como expressão da cultura de matriz africana em Pernambuco. Através de pesquisa documental e bibliográfica, entrevistas e análise de materiais audiovisuais, busca-se compreender como essa nação afirma sua tradição em meio à existência de nações centenárias. Esta compreensão ocorre examinando as narrativas dos integrantes do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, investigando como constroem e reforçam a ideia de tradição, identificando os elementos que sustentam essa noção e seus processos de legitimação.

Abordando temas como relações familiares, influência da matriz africana, reconhecimento pelo Estado e territorialidade, o estudo oferece uma visão abrangente sobre o maracatu, desde sua origem e desenvolvimento histórico até sua importância cultural. A pesquisa é fundamentada em uma bibliografia específica sobre os maracatus do Recife, incluindo autores como Guillen, Lima e Mac Cord.

O trabalho explora ainda a relevância do Sítio de Pai Adão, um importante terreiro de candomblé no Brasil, e seu papel na história do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. Para balizar as discussões, utilizamos o conceito de identidade cultural, conforme trabalhado por autores como Hall, Canclini e Woodward.

Palavras-chave: Maracatu-nação; Raízes de Pai Adão; Identidade Cultural; Processos de legitimação

ABSTRACT

This work investigates the concept of tradition in Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, a group that emerged in the 1990s and quickly gained prominence as an expression of African-rooted culture in Pernambuco. Through documentary and bibliographic research, interviews, and analysis of audiovisual materials, it seeks to understand how this nation affirms its tradition amidst the existence of centenary nations. This understanding is achieved by examining the narratives of the members of Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, investigating how they construct and reinforce the idea of tradition, identifying the elements that sustain this notion, and their processes of legitimation.

Addressing themes such as family relationships, the influence of African roots, recognition by the State, and territoriality, the study offers a comprehensive view of maracatu, from its origin and historical development to its cultural significance. The research is based on specific bibliography about the maracatus of Recife, including authors like Guillen, Lima, and Mac Cord.

The work also explores the relevance of Sítio de Pai Adão, an important candomblé terreiro in Brazil, and its role in the history of Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. To guide the discussions, we utilize the concept of cultural identity, as discussed by authors such as Hall, Canclini, and Woodward.

Keywords: Maracatu-nação; Raízes de Pai Adão; Cultural Identity; Processes of Legitimization

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Assinatura do decreto de tombamento do Ilê Obá Ogunté - Sítio de Pai Adão</i>	35
Figura 2 - <i>Capa do Livro infanto-juvenil “Pai Adão era Nagô”</i>	44
Figura 3 - <i>Notícia de Coroação da Rainha Nina do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão</i>	49
Figura 4 - <i>Rainha Luciana Trindade sendo coroada pelo Babalorixá Manoel Papai, em frente à capela do Sítio de Pai Adão.</i>	50
Figura 5 - <i>Gonguê, agbês e caixas do Raízes de Pai Adão no desfile do carnaval de Recife no ano de 2019</i>	59
Figura 6 - <i>Bombos chefes e bombos menores, parte do batuque do Raízes de Pai Adão no desfile do carnaval de Recife no ano de 2019</i>	59
Figura 7 - <i>Batuqueira tocando Patangome no Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife</i>	60
Figura 8 - <i>Grupo tocando no Festival de Xangô</i>	80
Figura 9 - <i>Raízes de Pai Adão e Paulo Braz tocando no Festival de Xangô com Bandeira do Brasil</i>	87
Figura 10 - <i>Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e Paulo Braz em Cortejo na Nigéria, com as Bandeiras do Brasil e de Pernambuco</i>	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MARACATU, MARACATUS	16
1.1 MARACATU DE BAQUE VIRADO OU MARACATU NAÇÃO	18
1.2 ILÊ OBÁ OGUNTÊ – SÍTIO DE PAI ADÃO	33
2 O MARACATU NAÇÃO RAÍZES DE PAI ADÃO	46
3 ALÉM DAS IMAGENS: CONEXÃO IFÉ - RAÍZES DE PAI ADÃO E BABÁ PAULO BRAZ	71
3.1 O MARACATU NAÇÃO RAÍZES DE PAI ADÃO: UM FIO DE CONEXÃO	74
3.2 IMPRESSÕES E RECEPTIVIDADE: ENCONTROS NA NIGÉRIA	82
3.3 RAÍZES (RE)CONECTADAS: AS “VIAGENS DE RETORNO”	85
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
4.1 O PAPEL DO ESTADO: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS	91
4.2 RELAÇÕES FAMILIARES: DINÂMICAS E TRANSFORMAÇÕES	94
REFERÊNCIAS	98
ANEXO A - IMAGENS	104

INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho, parto da curiosidade acerca do que seria a tradição dentro das nações de maracatu, principalmente as nações de maracatu “recentes”, - termo que utilizo desde a graduação, quando pude participar da Iniciação Científica, onde fui orientada pelo professor Carlos Sandroni nos anos de 2013 e 2014 - para me referir às nações fundadas nos últimos trinta anos, ou seja, da década de 1990 pra cá. A escolha do termo "maracatus recentes" se fundamenta na necessidade de estabelecer uma distinção temporal que considera a rica tradição dos maracatus centenários, enquanto reconhece o surgimento significativo de novas nações de maracatu a partir da década de 1990. Esta categorização temporal não apenas reflete uma evolução na expressão cultural do maracatu, mas também reconhece as transformações sociais e culturais que influenciaram a fundação desses grupos mais recentes. Além disso, a consistência no uso dessa expressão desde a graduação e na iniciação científica atesta sua utilidade na pesquisa, proporcionando uma abordagem mais precisa e abrangente na análise das dinâmicas do maracatu ao longo do tempo.

A ideia do trabalho, inicialmente era observar o que caracterizava os maracatus recentes como tradicionais - levando em conta que de modo geral, a questão tempo, socialmente falando, tem grande peso para reconhecimento de tradição - até que surge um novo questionamento: como as nações de maracatu recentes - como é o caso do Raízes de Pai Adão - se afirmam tradicionais e alcançam este “título”, mesmo se levando em consideração a existência de nações centenárias? E, principalmente, quais narrativas presentes reforçam essa ideia do que seria tradição? As respostas podem surgir de diversas formas e tantas outras observações e novos questionamentos acabaram surgindo.

Decidi então manter o foco da pesquisa voltada ao Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, fundado em 1998, por ser uma nação que tenho imenso carinho e gratidão, onde cheguei em 2013 como batuqueira, e ali também iniciei minhas pesquisas voltadas ao maracatu, ainda como aluna de Iniciação Científica no curso de Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Assim, podendo realizar um trabalho etnográfico de maior profundidade, levando em consideração as narrativas presentes nas pessoas que fazem o maracatu existir e resistir, estando voltada para uma nação em que estou integrada e traz na sua trajetória uma história de grande importância para o Estado de Pernambuco, assim, estas narrativas, presente tanto em entrevistas aplicadas por mim, quanto em material disponível estarão presentes em todo o trabalho.

Quando se tem uma relação próxima com o objeto de pesquisa, manter o distanciamento necessário ao pesquisador se torna um tanto desafiador, pois mesmo com a possibilidade de acesso aos integrantes do Maracatu Nação raízes de Pai Adão sendo algo menos burocrático e podendo observar todos os processos e agenda do grupo de perto, é necessário o olhar de fora, que também é capaz de dizer muito. Sendo uma pessoa de religião de matriz africana, algumas práticas do maracatu são compreendidas mais facilmente, outras comparadas com as existentes em alguns momentos, por ser de um terreiro¹ que traz uma tradição que pode divergir um pouco em relação ao Sítio de Pai Adão². Naturalmente alguns questionamentos vão surgindo e comparações vão sendo feitas e avaliadas por diferentes prismas. Aproveito para ressaltar que em alguns momentos, para melhor compreender as questões familiares que fazem parte das narrativas do maracatu, a questão religiosa pode parecer como mais ênfase em alguns pontos do trabalho.

Acompanhar e, além de tudo, viver o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão ao longo desses anos proporcionou a compreensão de que os trabalhos de uma nação de maracatu não se dão apenas em frente ao carnaval, mas durante todo o ano, para além da questão musical e cultural, existem as relações familiares, religiosas, ações sociais e principalmente negociações, fatores extremamente relevantes e que se mostram presentes nas narrativas dos integrantes do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, clareando assim as questões que foram surgindo com o decorrer do tempo em torno da questão central.

As entrevistas feitas ao durante a pesquisa, assim como os trabalhos publicados em jornais, artigos e materiais audiovisuais disponíveis auxiliaram na compreensão dos temas, que vão naturalmente surgindo nas falas dos maracatuzeiros, temas como: família (origem e religiosidade) e matriz africana, relações com o Estado (reconhecimento do Estado) e territorialidade (terreiro e como o maracatu se vincula ao território do mesmo) surgem e é a partir destes temas que se faz possível analisar o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e buscar respostas para as questões que fazem parte deste trabalho.

A estruturação dos capítulos e a abordagem dos tópicos foram planejadas, visando proporcionar ao leitor uma compreensão mais aprofundada do tema central deste trabalho.

¹ Sou filha de santo do *Ilê Obá Aganjú Ayrá*, localizado na cidade de Paulista, de tradição *Nagô*, mas muitas vezes dita como *Nagô-Xambá*. Terreiro que tem como Babalorixá José Amaro Santos da Silva (professor aposentado do departamento de música da UFPE), filho de Santo de Mãe Betinha de Iemanjá. Mãe Betinha, por sua vez, era uma das líderes religiosas advindas da *rama* de Fortunata Maria da Conceição, mais conhecida como Baiana do Pina (*Ulefun*), figura importante na história da religião afro pernambucana ao lados de nomes como Pai Adão e Pai Apolinário.

² O *Ilê Obá Ogunté*, ou Sítio de Pai Adão, é um terreiro de tradição *Nagô*, tradição também conhecida como *Nagô Egbá*.

Buscamos criar uma progressão natural, começando com uma visão abrangente e, em seguida, adentrando gradualmente nas nuances do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão.

No primeiro capítulo, inicio apresentando uma visão mais abrangente sobre o maracatu de baque virado, abordando sua origem e acontecimentos ao longo do tempo. Esse contexto histórico tem o intuito de ajudar o leitor a compreender a importância e a influência dessa manifestação cultural, estabelecendo uma base para o avanço dos assuntos nos tópicos subsequentes.

Em seguida, trago um pouco sobre o Sítio de Pai Adão. Nesse ponto, foco em explorar essa figura emblemática que é o Ilê Obá Ogunté, destacando sua relevância histórica enquanto casa de candomblé de grande importância para o estado de Pernambuco e para o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, que é vindo desta casa de culto aos Orixás. Essa abordagem permite ao leitor compreender melhor a importância dos indivíduos e locais que desempenharam um papel significativo na preservação e promoção desta tradição.

No capítulo seguinte, volto a atenção ao Maracatu Raízes de Pai Adão. Esse capítulo é apresentado após a contextualização histórica tanto sobre o maracatu enquanto manifestação cultural, de resistência e negociações, e do Sítio de Pai Adão, casa tida como matriz do candomblé nagô de Pernambuco, terreiro este onde o Raízes de Pai Adão foi fundado, permitindo que o leitor compreenda melhor as narrativas trazidas sobre tradição e identidade e observe um paralelo com o referencial teórico.

No terceiro Capítulo, a ideia é trazer ao leitor um pouco do que é mostrado em audiovisual no documentário *Babá Paulo Braz - Conexão Ifê*³ (2014) que mostra partes da viagem do Babalorixá Paulo Braz Felipe da Costa (1941 - 2017) juntamente ao Maracatu Nação Raízes de Pai Adão às cidades de Ilê-Ifé, Oyó e Oshogbo, na Nigéria. O intuito não é fazer uma análise do documentário em si, mas sim abordar a viagem, seu entorno e acontecimentos, assim como os discursos proferidos sobre essa viagem e que são pontos importantes para se compreender melhor a relação das negociações identitárias. O

³ **Ficha técnica:** Documentário **Ano:** 2014 **Duração:** 62'26" **Bitola final:** Digital **Cor:** Colorido **Sinopse:** Documentário da viagem do babalorixá pernambucano Paulo Braz ao berço sagrado da civilização iorubana, na Nigéria. **Direção** de Gustavo H. Almeida. **Fotografia** de Felipe Peres Calheiros. **Roteirista:** Gustavo H. Almeida **Direção:** Gustavo H. Almeida **Outros - Produção:** Produção Executiva da Viagem: Itaiguara Felipe Da Costa, João Monteiro, Leandro Tavares **Direção de fotografia:** Felipe Peres Calheiros **Imagens adicionais:** Virginia Maria Yunes **Técnico de som direto:** Gustavo H. Almeida **Outros - som:** Tratamento e Finalização De Som: Pablo Lopes **Técnico efeitos especiais:** finalização: Rafael Reines **Montador:** Luciano Valença.

documentário mostra a relação do Babalorixá com o Maracatu que é de sua família, sua postura enquanto líder religioso, suas impressões sobre o Maracatu e a receptividade das pessoas na Nigéria e principalmente, nos traz o entendimento da emoção de Paulo Braz e seus familiares ao realizar o sonho de voltar ao ponto de partida de sua ancestralidade, conexões que vão de certa forma redefinindo as identidades. Refazendo mais de um século depois um caminho feito por seu avô, Pai Adão em 1906 para aperfeiçoar seus conhecimentos religiosos e culturais. A viagem ocorreu por intermédio da participação do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão no *Colóquio internacional Afro-Identities nas Encruzilhadas*, na Universidade Obafemi Awolowo, de Ilê-Ifé, sendo até então o único maracatu que viajou ao Continente africano. A realização deste documentário foi financiada pelo governo do estado de Pernambuco através do Funcultura e é uma prova incontestada da legitimidade da qual desfruta o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, mesmo sendo um *maracatu recente*.

No quarto e último capítulo, estão presentes as *Considerações Finais* onde se consolidam as reflexões e os insights obtidos ao longo deste estudo sobre o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. O foco se volta para a análise das narrativas trazidas tanto pelos integrantes do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, quanto por outros maracatuzeiros e as negociações que ocorreram e ainda ocorrem acerca da cultura e da salvaguarda dessa manifestação que é o maracatu nação. Ao abordar tais questões, nosso objetivo é promover uma reflexão crítica sobre os processos de legitimação e sobre as narrativas de autenticidade que envolvem as questões de matriz africana e as relações familiares dos descendentes de Pai Adão, entre outros aspectos.

1 MARACATU, MARACATUS

O termo "Maracatu", mais que a palavra, é uma janela para a rica e complexa história do povo negro no Brasil. A trajetória do Maracatu se entrelaça com as experiências e tradições culturais destes povos, proporcionando uma visão fascinante das raízes e da diversidade da cultura afro-brasileira. Ao explorar a história dos Maracatus, somos levados a uma jornada que vai além das fronteiras geográficas e temporais.

A antropóloga Katarina Real empregou o termo "nação" ao fazer referência aos maracatus, fundamentando-se em dois motivos específicos. Um deles diz respeito aos pesquisadores que se dedicaram ao estudo da manifestação e à conceitualização da palavra "maracatu", notadamente figuras como Guerra-Peixe e Mário de Andrade. A segunda justificativa emerge da perspectiva de Veludinho, um lendário percussionista que participou ativamente dos Maracatus Elefante e Leão Coroado, tendo vivido até os 107 anos e continuado sua atuação percussiva até os 103 anos tocando seu bombo mestre. Conforme asseverou Veludinho, o termo "maracatu" foi concebido por "homens grandes", sendo sua opinião que a designação apropriada seria "nação" (Real, 1990, p. 58, apud Alencar; Raimundo, 2016, p. 41). Até os dias de hoje essa afirmação de Veludinho é presente nas narrativas de outras pessoas, como a exemplo do Babalorixá Paulo Braz, que afirmou ao antropólogo Olavo Filho: “Esse Negócio de maracatu, não é maracatu que fala, não! [...] É que os brancos ouviam os africanos dizer ‘muraca - tuca’ e entendiam maracatu, ‘olha aquele maracatu de negros’”. (Filho, 2015, p.112)

Num documentário⁴ intitulado “Maracatu Nação”, em uma interessante fala, a historiadora Isabel Guillen comenta que a história do maracatu se mistura com a história do povo negro nessa terra.

“Em todo Brasil existem batuques inúmeros, na cidade de Recife então, há os batuques que vêm a ser chamados de maracatu e este termo aparece em algumas notícias que se encontram em jornais⁵ do final do século XIX.” (Guillen in Documentário Maracatu Nação - IPHAN, 2014)

⁴ Documentário disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=r4ys2SHXJJM&t=0s>

⁵ A exemplo das notícias: Diário de Pernambuco, terça-feira, 5 de fevereiro de 1850. Denúncia ao subdelegado sobre o maracatu que os negros costumam fazer. e Jornal do Recife, quinta 21 de outubro de 1880: é dito que reclamou-se contra um infernal maracatu [...] algazarra e batuque que impossibilita os habitantes de terem sossego.

Em todo o Brasil, encontramos uma infinidade de batuques e ritmos que ecoam as batidas do coração africano. Em Recife, uma das cidades emblemáticas desse cenário cultural, os batuques locais eram, em alguns casos, chamados de "maracatu" em notícias e registros de finais do século XIX. No entanto, essa nomenclatura não se referia exclusivamente a um único gênero ou estilo musical. Pelo contrário, era uma palavra que abrigava uma miríade de expressões culturais, cada uma com suas próprias características e significados.

As histórias dos Maracatus são, assim, um testemunho da diversidade e da complexidade da cultura afro-brasileira. São histórias que transcendem as palavras e nos convida a explorar as raízes profundas e variadas que moldaram essa manifestação cultural. Neste contexto, “a não-diferenciação entre as manifestações existentes denota que o significado de maracatu era polissêmico, não se referindo exclusivamente a um tipo específico, visto que algumas “troças” [...] designavam-se igualmente como maracatu.” (Guillen 2007) Este trecho nos traz um pouco a ideia do que seria a polissêmica natureza do termo "Maracatu" e sua importância na compreensão das manifestações culturais que ele engloba.

Tão importante quanto compreender um pouco sobre o que nos levou ao decorrer do tempo a utilizar o termo maracatu como designador de uma manifestação cultural específica, é o discurso daqueles que fazem essa manifestação cultural resistir e existir. “O que se pode afirmar a partir de uma breve análise dos discursos dos maracatuzeiros da atualidade, é que suas tradições são constantemente atualizadas por seus mantenedores”. (Lima, 2019, p. 259) Ou, como ainda disse Ernesto de Carvalho: “Como pode o sentido de algo feito cada vez mais no presente, atualizado a cada dia, encontrar-se exclusivamente num passado inacessível?” (Carvalho, 2007)

No mais, como bem nos traz o historiador Ivaldo Marciano em um artigo que trata bem sobre narrativas e memórias de maracatuzeiros:

Os maracatus-nação possuem histórias e diferenças, mas estas só são percebidas se levarmos em conta os seus integrantes e as suas escolhas em meio às estratégias para o cotidiano, bem como as suas redes de sociabilidade e solidariedade (Certeau, 1994). Suas estratégias podem ser entendidas em seus modos de cantar as toadas, nas formas de confeccionar os instrumentos e nos sotaques expressos em seus instrumentos musicais. Cada maracatu tem seu jeito, suas escolhas, cores... (Lima, 2016, p. 163)

1.1 MARACATU DE BAQUE VIRADO OU MARACATU NAÇÃO

O Maracatu de Baque Virado⁶, registrado como patrimônio imaterial do Brasil no ano de 2014, também conhecido como Maracatu Nação⁷, é uma manifestação cultural negra brasileira, com forte presença no estado de Pernambuco, com a grande maioria dos grupos concentrada nas comunidades de bairros periféricos da Região Metropolitana de Recife. Esta manifestação teria seu surgimento nas coroações de reis e rainhas do congo⁸ celebradas pela população de matriz africana e, atualmente, tem sua maior visibilidade durante o período de carnaval no Recife.

Em seu trabalho “As origens dos Maracatus-Nação do Recife: uma história linear e sem transformações?” Ivaldo Marciano de França Lima (2019) traz que ao longo dos anos, as origens do Maracatu foram objeto de diversas representações e interpretações. Alguns o consideravam como uma prática trazida do continente africano, embora essa África fosse frequentemente vista de forma indistinta. Outros enxergavam-no como uma herança africana, ou como um “resquício dos tempos antigos da escravidão” e das festas de coroação dos reis e rainhas do Congo. Essas perspectivas nos conduzem diretamente às representações construídas por folcloristas e memorialistas que se dedicaram a essa questão.

Lima ainda traz que esses estudiosos, por sua vez, estabeleceram uma tradição intelectual em que qualquer discussão sobre os Maracatus Nação deveria começar pela busca de suas origens. Para muitos folcloristas, a identificação da origem era a principal maneira de entender e controlar o fenômeno, permitindo-lhes preservar sua forma e evitar “descaracterizações” resultantes de mudanças “desnecessárias” (Vilhena, 1997 apud Lima 2019).

⁶ Guerra-Peixe, músico, compositor e pesquisador da música brasileira, em sua obra *Maracatus do Recife*, publicada em 1955 (escrita a partir de uma vasta pesquisa de campo), “categoriza” em dois os maracatus existentes em Pernambuco: o maracatu-nação (ou de baque-virado) e o maracatu de orquestra (ou de baque-solto). Nos anos em que Guerra Peixe esteve no Recife (1949–1952), havia entre folcloristas, jornalistas e demais intelectuais uma grande imprecisão quanto à categorização dos maracatus, tanto que a obra *Maracatus do Recife* é considerada ainda hoje um dos estudos mais completos sobre a categorização dos maracatus.

⁷A antropóloga Katarina Real, utiliza a palavra nação ao se referir aos maracatus considerando dois motivos principais. Um diz respeito à disputa entre os pesquisadores que estudavam tal manifestação e as conceitualizações e significados em torno da palavra maracatu, como Guerra-Peixe (1980) e Mário de Andrade (1959). outra justificativa situa-se na opinião de Veludinho, batuqueiro lendário que fez parte dos centenários Maracatu Elefante (fundado em 1800) e Leão Coroado (fundado em 1863), sendo ele mesmo um centenário - morreu com 107 anos e tocou até os 103 um bombo mestre. Segundo Veludinho, citado por Real, o nome “maracatu” foi uma invenção de “homens grandes”, afirmando categoricamente que “o nome era nação” (Real, 1990, 4p. 58) in (Alencar, 2016, p. 40)

⁸Segundo Pereira da Costa (1974) “os reis e rainhas do Congo eram investidos por eleição geral entre os próprios africanos, podendo a escolha recair sobre indivíduos livres ou escravos”.

É importante destacar a diferença entre os termos "origem" e "origens". Enquanto o primeiro implica em um ponto único e preciso de início, o segundo sugere que o surgimento de algo é complexo e multifacetado, especialmente quando se trata de práticas e costumes moldados ao longo do tempo por seres humanos. O debate travado por diferentes estudiosos ao longo da primeira metade do século XX demonstra que essa questão motivou intensos debates e reflexões sobre o surgimento de diversas manifestações culturais.

Numa versão trazida pelo historiador Mac Cord, o folguedo teria aparecido na segunda metade do século XIX, produto de uma espécie de fusão entre as coroações dos reis do Congo e os afoxés – a estes por estarem ligados de forma estreita à religiosidade de algumas etnias africanas que aportaram em Pernambuco - (Mac Cord, 2008).

Outra hipótese sobre este surgimento dos maracatus é que no transcorrer da segunda metade do séc XIX, os maracatus teriam substituído as coroações dos reis do Congo por conta das mudanças sociais e modernizações que se apresentavam em Pernambuco. Alguns autores defendem que neste processo histórico a essência ancestral africana teria sobrevivido no maracatu dito tradicional. Outros dizem que a transformação/evolução gerou um novo folguedo, que, comparado com a sua matriz, era culturalmente alterado.

Gostaria de chamar ainda a atenção para a questão dessas coroações de *Reis do Congo* levando em consideração que no Congo, a língua utilizada não é do tronco Iorubá, mas sim Banto. É interessante se ver que se tinha esse ritual da coroação reproduzindo o que seria um imaginário, o quanto a cultura circula, já que hoje em dia o maracatu tem estado muito mais vinculado à cultura iorubá que predomina em Pernambuco. Podemos relacionar também com a história de manifestações culturais existentes em outros locais da América Latina, como o Candombe Uruguaio, que é um batuque que também tem uma história de surgimento que nos faz lembrar o maracatu.

Assim, podemos compreender que o maracatu é a evidência desses fluxos culturais, uma encruzilhada de diversas influências culturais.

Qualquer das perspectivas de consecução é um tanto problemática já que historiadores mais recentes, como Clarissa Nunes Maia, Isabel Guillen, Marcelo McCord e Ivaldo Marciano de Lima, mostraram que não se pode traçar uma relação genealógica linear entre as coroações de reis negros dos séculos XVII-XIX, e os maracatus. Compreende-se porém que, derivados ou não, os maracatus têm uma vida própria em relação às coroações de reis e rainhas do Congo.

A razão é que, quando em meados do século XIX a palavra “maracatu” começa a aparecer nos documentos históricos, ela não vem junto com coroações de reis negros, mas aparece muitas vezes em jornais como um termo usado para designar de maneira pejorativa, festas de rua que “perturbavam o sossego” de moradores.

Um dos primeiros registros conhecidos da palavra "maracatu" aparece no Diário de Pernambuco de 22 de dezembro de 1840⁹. Neste dia, um cidadão de Rio Formoso, então vila (e atual município) do litoral sul de Pernambuco, publicou no jornal da capital uma queixa sobre a política local. Denunciava procedimentos irregulares ocorridos na constituição da mesa para as eleições naquela localidade. A mesa teria sido constituída, segundo ele, "no meio da mais completa anarquia, contra todas as solenidades exigidas na lei." Conclui seu artigo escrevendo que tal mesa eleitoral, "a não conter pessoas tão respeitáveis, bem se podia denominar—mesa de Maracatu..."(Chamone, Carvalho & Sandroni, 2022, p.3)

O maracatu era considerado então a reunião de negros, um batuque, na acepção de "dança africana ao estrépido de instrumentos de percussão" (Costa, apud Silva 1999), mas não o cortejo real, este sim chamado de nação, que levava às ruas a corte dos reis negros.

Sobre o termo “Maracatu Nação”, que se consolidou e é como nos referimos até hoje, podemos pensar como uma conexão deste tipo de manifestação com a diáspora africana, por nos remeter ao conhecido uso desta palavra no contexto do escravismo nas Américas. Durante a vigência do tráfico, a palavra “nação” era usada pelos escravocratas portugueses para designar procedências de negros escravizados trazidos do Continente Africano. (Oliveira, 2021) Falar em nações como “Congo”, “Angola” e “Cabinda”, entre outras, por exemplo, designavam proveniência da África Centro Ocidental. Mas o que contava para definir a “nação” de um grupo de escravos era, principalmente, o porto africano onde embarcavam, o qual não era necessariamente o de seu local de origem. (Chamone, Carvalho & Sandroni, 2022)

Em questão de registros, o primeiro maracatu nação que se tem registro foi fundado em 1800 no bairro da Boa Vista, com o nome de Nação Elefante, também conhecido como o

⁹Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_02&pasta=ano%20184&pesq=maracatu&pagfis=1222

Maracatu de Dona Santa¹⁰, rainha do mesmo no período de 1947 a 1962. (Silva, 1999) De forma geral e que podemos observar, o maracatu nação é composto por uma encenação de cortejo que sai às ruas carregando símbolos representantes da realeza¹¹ e da cultura de matriz africana¹², acompanhado de seu batuque, que tem à frente o mestre munido de seu apito, utilizado para a regência e condução do baque.

No final do séc. XIX maracatu era sinônimo de batuque, algo que envolve instrumentos percussivos, roda, dança, canto e que está acontecendo naquele lugar e o batuque era algo presente no cotidiano, entretanto essa prática de diversão era criminalizada recorrentemente.

O maracatu é o exemplo de uma sociedade marcada pela negação de humanidade às pessoas da comunidade afrodescendente e ao mesmo tempo pela luta e conquista de espaço e legitimidade.

A criminalização dessas pessoas legitimava a violência usada para controlá-las, escravizar os povos africanos e seus descendentes era apenas a ponta. “A negação de humanidade desses povos passa primeiro pela desqualificação de suas práticas e seus saberes.” (Carneiro, 2005)

Segundo Ivaldo Marciano:

“O maracatu era tido nos jornais como o ajuntamento de pessoas pobres e ele vai gradativamente migrando para o carnaval, o maracatu era uma espécie de lazer das pessoas, uma forma das pessoas se divertirem e que, numa sociedade hierarquizada como a do séc XIX provavelmente as pessoas deveriam ter problemas em fazer uso de instrumentos e num ajuntamento de pessoas isso deveria ser visto como algo problemático. Essa civilização se opunha ao selvagem que era representado pela África, então constrói-se um argumento e esse argumento é pautado numa ideia de representação do colonialismo, o colonialismo coloca o continente africano como o não civilizado. Se tem a ideia de um Recife que vai se modernizando e a ideia de modernidade é imitar nesse momento a França, imitar a Alemanha.” (Lima, 2014)¹³

¹⁰ Maria Júlia do Nascimento, mais conhecida como Dona Santa, nasceu em 25 de Março de 1887 no centro de Recife, foi Rainha do Maracatu Leão Coroado, e abdicou da posição ao se casar com João Vitorino, então rei do Maracatu Elefante. Com a morte do marido, Dona Santa assumiu a condução do Maracatu Nação Elefante.

¹¹ Aqui me refiro à “realeza” ao “estilo europeu”, como as roupas do rei e rainha, com coroas, perucas ao estilo Luís XIV, cetros, roupas de armação, figuras como as damas do paço, entre outras.

¹² Figuras no corpo de dança com roupas com tecido ou padrão de figurino africano, figuras como catirinas e atualmente figuras religiosas como pais ou mães de santo com roupas étnicas.

¹³ Fala presente no documentário intitulado “Maracatu Nação” disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=r4ys2SHXJJM&t=0s>

Nos anos setenta do século XIX aparece como notícia no Diário de Pernambuco a presença de cortejos de reis negros durante o Carnaval na edição de 10 de fevereiro de 1872, mas ainda sem a denominação de maracatus:

No dia 11 do corrente mês sairá da Rua de Santa Rita Velha [bairro de São José] a nação velha de Cambinda, a qual vai em direitura à Rua das Calçadas buscar a sua rainha, e depois percorrerá diversas ruas e às 3 horas se achará em frente à igreja do Rosário [de Santo Antônio] onde se soltarão algumas girândolas de fogo e uma salva de 21 tiros; dali seguirá para o Recife e na Rua do Bom Jesus voltará com a vice-rainha de sua nação. (Diário de Pernambuco, 1872)

Segundo o historiador Leonardo Dantas Silva, o maracatu, da forma que se conhece atualmente, tem suas origens na “instituição dos Reis Negros, já registrada na França e em Espanha, no século XV, e em Portugal, no século XVI. Em Pernambuco, registramos a presença de coroações dos soberanos do Congo e de Angola a partir de 10 de setembro de 1666.”. Essas coroações de “reis e rainhas de Angola na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio do Recife, por sua vez, são documentadas a partir de 1674.” (Silva 1999)

Em seu trabalho *A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus do Recife*, ele ainda relata o seguinte:

Das nações dos negros, era do Congo a que mais se destacava dentro das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, cuja função não era tão-somente cerimonial, como deixa entender a descrição de alguns viajantes, mas um encargo administrativo, do interesse do Governador da Capitania e do bem público, com a função de "inspecionar e manter a ordem e subordinação entre os pretos que lhe forem sujeitos", conforme o Diário de Pernambuco, 20 de setembro de 1848:

Publicação a pedido - O Dr Antônio Henrique de Miranda, juiz de direito e chefe de polícia nesta cidade do Recife de Pernambuco, por S. M. L e C. o senhor D. Pedro II, que Deus guarde, etc. Faço saber que, tendo-me requerido o preto liberto Antônio de Oliveira a confirmação da nomeação que tivera para rei de Congo dos pretos desta cidade, e havendo provado com o termo da dita nomeação ser verdade o expedido em sua petição; depois de haver obtido as informações necessárias a respeito de sua conduta, hei por bem confirmar a indicada nomeação, segundo o antigo costume desta cidade, ficando o referido rei de Congo obrigado a inspecionar e manter a ordem e subordinação entre os pretos que lhe forem sujeitos, pelo que lhe mandei passar o presente título, para poder exercer o lugar para que

foi nomeado. Dada e passada nesta secretaria de polícia de Pernambuco aos 14 dias do mês de setembro de 1848. Eu Aprígio José da Silva, 1º amanuense da secretaria de polícia, o escrevi. Antônio Henrique de Miranda. (Silva 1999)

Gostaria de chamar atenção às Irmandades citadas, eram elas - irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos bairros de Santo Antônio e São José - que prestavam assistência aos negros nos bairros portuários do Recife antigo¹⁴.

É interessante perceber no trecho trazido no trabalho de Leonardo Dantas Silva o reconhecimento pelo Estado de uma autoridade exercida pelo rei de Congo sobre a comunidade dos "pretos que lhe forem sujeitos". Aqui percebemos o quanto a relação do folgado com o Estado é antiga e como dentro desse acordo ficava claro que o rei do congo era responsável pela supervisão das ações das pessoas daquela comunidade, embora a autoridade do rei do Congo não fosse concedida pelo chefe de polícia, o chefe de polícia lia esta autoridade "para fora" da comunidade afro descendente, visto que dentro da comunidade afro descendente o rei do congo já tinha a sua autoridade.

Sobre essas coroações ocorrerem em lugares distintos a Pernambuco, temos o seguinte trecho:

A eleição e o coroamento de reis e rainhas negras ocorreram em vários pontos das Américas escravistas. O testemunho mais antigo destas práticas na América Portuguesa é, possivelmente, o do administrador colonial francês Urbain Souchu de Rennefort, em meados do século XVII:

"Neste duro cativoiro, eles não deixam de se divertir algumas vezes. No domingo dia dez de setembro de 1666, eles fizeram festas em Pernambuco. Depois de ir à Missa em grupo de aproximadamente quatrocentos homens e cem mulheres, elegeram um Rei e uma Rainha, e andaram pelas ruas cantando, dançando e recitando versos que tinham feito, precedidos por oboés, trombetas e pandeiros. Estavam vestidos com roupas de seus senhores e senhoras, com correntes de ouro e brincos de ouro e de pérolas." O viajante francês nada diz sobre "nações", mas deixa clara a conexão entre a eleição dos reis negros e o catolicismo.

A conversão do rei do Congo ao catolicismo em 1491, pouco depois dos primeiros contatos com os portugueses, foi um evento marcante das relações entre este reino,

¹⁴ Muitas das narrativas históricas sobre os terreiros e os afro-descendentes em Recife se remetem ao Mercado São José, ao Pátio do Terço e às casas dos sacerdotes da "seita" e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

que constituía a estrutura política mais poderosa da África Centro-Occidental dos séculos XV ao XVII, e a expansão colonial portuguesa. (Chamone, Carvalho & Sandroni, 2022, p.3)

Em Pernambuco, o último reinado do congo foi referenciado em 1848, quando Dom Antônio de Oliveira Guimarães recebeu sua coroa das mãos de um chefe de Polícia (Guerra-Peixe, 1980, p.15 e 162).

Em certo momento, o batuque, junto a figuras de reis e rainhas e possivelmente as coroações de reis do congo vão adentrar o carnaval, e estando dentro do carnaval enquanto uma agremiação, não se dá mais à polícia a autorização de proibir o maracatu, logo, é a partir desta mudança, no século XIX que o maracatu passa a ser visto como uma agremiação/manifestação carnavalesca, se adaptando de certa forma às posturas municipais da cidade do Recife. Essa foi uma chance que as pessoas que faziam o maracatu tiveram de afirmar a legitimidade para manter as suas práticas culturais. Em relação ao Estado, levando em consideração estes fatores citados, podemos perceber que ao mesmo tempo que se tem essa prática de criminalização da cultura negra, se tem também uma tentativa de civilização no carnaval, através da institucionalização do carnaval pelo Estado. Para a comunidade esse reconhecimento do Estado é de extrema importância, pois possibilita a continuidade do folguedo.

Em sua tese, o historiador Lucas Victor Silva discute como as práticas carnavalescas e as discussões sobre o carnaval na primeira metade do século XX se relacionam com as transformações sociais no Brasil, especialmente em Pernambuco e no Recife. Ele examina como a produção cultural foi moldada por processos de modernização, urbanização e industrialização, e pela inserção periférica do país nas relações capitalistas internacionais. O estudo investiga a emergência do carnaval como resultado de interações entre instituições como a Federação Carnavalesca, processos econômicos e transformações sociais, destacando o impacto da governamentalidade e da nacionalidade nas relações entre o Estado e a população, e entre os diversos grupos sociais.

“O Estado pós-trinta, através de novas instituições (e a Federação Carnavalesca Pernambucana era um exemplo disto), procurava controlar a proliferação dos sentidos ao difundir e legitimar suas representações sobre o mundo social a partir de uma nova diversidade de documentos e práticas para definir os grupos sociais, ou “classes” que formariam a nação: operários, trabalhadores, industriais, homens,

mulheres, as autoridades dirigentes, as comemorações de datas festivas cívicas, a escrita e o ensino da “história nacional” e a “defesa da família”. (Silva, 2009, p. 264)

A governamentalidade, definida por um conjunto de instituições e procedimentos que exercem poder sobre a população, evoluiu nas primeiras décadas da República, inicialmente baseada no discurso real-naturalista e posteriormente no discurso nacional-popular dos anos 1920. Este novo discurso transformou a percepção do "povo" como sujeito e objeto do Estado. Enquanto a governamentalidade dirige as relações entre o Estado e a população, o dispositivo da nacionalidade governa as relações simbólicas entre diversos grupos sociais, incluindo as interações entre intelectuais e o povo, e entre o povo e a nação.

Também há um movimento que precede a fundação da Federação Carnavalesca, como bem traz o historiador:

“Entre a realização do primeiro congresso carnavalesco em 1911 e a fundação da Federação Carnavalesca, aconteceram duas tentativas de criação de instituições cujo objetivo seria a organização do carnaval e controle das relações entre as agremiações carnavalescas: a Liga Carnavalesca Pernambucana, em 1923, e a Coligação Carnavalesca, em 1931.” (Silva, 2009, p. 265)

Assim, gostaria de deixar claro que também temos o outro lado nessa legitimação do Estado, por se tratar de algo que as negociações são de fato essenciais. Com a necessidade de adequações por conta de padrões determinados pelo Estado, a exemplo da Federação Carnavalesca que determina o formato dos desfiles dos Maracatus, desde a ordem de apresentação de cada elemento presente na corte e no batuque até as roupas que podem ser utilizadas.

Se por um lado, o Estado garante a legitimidade oficial do Maracatu e divulga a manifestação, já "transformada", como símbolo de identidade cultural pernambucana, por outro há uma negociação onde se estabelecem determinados padrões. A comunidade ganha visibilidade e o Estado faz uso da manifestação.

Por muito tempo o maracatu foi uma forma de muitos afrodescendentes, mesmo com a proibição de cultuar suas tradições, pudessem dançar, cantar e brincar. Alguns elementos que vão pra rua foram inseridos muito provavelmente para camuflar e amenizar algumas situações, tendo em vista toda uma tensão do sistema na época. Então se presenciava o povo

na rua, com as rodas de batuque - compostas muito provavelmente por Ogãs¹⁵ - e uma corte, com grande simbologia européia presente. Algo muito interessante que podemos observar é o traçado dos tambores, que também semelhante a alguns que são presentes em regiões da Europa, ali, na forma que era possível, filhos e filhas de santo com suas roupas de santo faziam a corte.

No documentário intitulado “Maracatu Nação” do ano 2014 disponível no Youtube¹⁶, pelo canal do IPHAN, temos a seguinte fala de mestre Chacon, da Nação Porto Rico:

“Esses símbolos como rei, rainha, corte, eram símbolos adotados do universo europeu como chave de negociação pelo seu direito de existir e sua cultura ser considerada cultura e não violência, usar uma série de elementos para conseguir o mínimo para continuar vivendo. Para tocar sem ser criminalizado nem aparecer em jornais como alguém considerado criminoso era preciso usar essas roupas do universo branco. Fez parte da negociação de legitimidade necessária para desfilar.” (CHACON, 2014)

Desde os anos 20, se tem uma discussão sobre identidade, nos anos 30 essa discussão é ainda mais viva e a cultura popular participa enormemente na construção dessa identidade nacional, não apenas pernambucana. Durante a Primeira República até a década de 1930 há uma perseguição às religiões que conhecemos como de matriz africana, uma perseguição policial aos terreiros do Nordeste. É importante salientar que essas religiões são diversas na sua prática: não podemos pensá-las como religiões únicas, já prontas de uma forma específica, tendo em vista a diversidade e diferenças dentro das tradições dos terreiros de candomblé, com distintas “nações” como Nagô, Xambá, Ketu, Angola, Jeje e outras, além das práticas como a Jurema Sagrada.

Nesse período entre as décadas de 1920 e 1930, documentalmente é possível observar dois tipos de maracatus de baque virado: os maracatus “de fachada” e os que de fato existiam, que inclusive desfilavam no carnaval e pediam licença para o desfile, como por exemplo, o Maracatu Elefante, de Dona Santa e o Estrela Brilhante. Sobre os maracatus “de fachada”, estes eram registrados para camuflar os cultos de religião de matriz africanas, e os pedidos de ensaios eram feitos muito provavelmente para os dias que iriam acontecer os toques nos terreiros. É curioso observar que os mesmo tinham nomes fictícios - geralmente o nome dos

¹⁵ Nome dado aos homens que não entram em transe e ficam responsáveis por determinadas funções no candomblé, mais conhecidos pela função de tocar os ilús (tambores) no candomblé. São os Ogãs que conduzem a parte musical do culto.

¹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=r4ys2SHXJJM&t=0s>

terreiros ou dos pais de santo - que são dos pais de santo mais conhecidos ou os principais daquele período, nos permitindo assim ter uma ideia de quem pode ter feito o pedido de tais licenças.

“Com efeito, frente aos opositores da crença, os xangôs camuflavam-se em centros kardecistas ou em maracatus, ambos mais aceitos socialmente.¹⁷ Dentro de uma enorme criatividade, também ocultavam seus orixás por trás dos santos católicos, ou quando das invasões policiais os escondiam no iroko (árvore sagrada) ou nas casas de amigos parceiros de fé.” (Halley, 2019, pág.44)

No documentário intitulado “Maracatu Nação”, citado anteriormente, temos uma fala de Itaiguara, fundador e diretor do Maracatu Raízes de Pai Adão sobre a documentação de uma dessas solicitações feita por Pai Adão, na época:

“Quando cheguei no arquivo público de Pernambuco pude constatar o que já havia sido dito a mim e a minha família, meu Bisavô, Pai Adão, ele pediu para fazer ensaio de um maracatu, mas não existia um maracatu, era uma forma dele esconder o ritual do toque aqui, que ia ter os cultos no nosso terreiro, me deparei e fiquei assustado, porque não sabia que tinha essa forma, até a família queria ter essa confirmação. Dia 19 de janeiro de 1933 saiu na portaria o pedido p’ra fazer o ensaio do maracatu, uma forma de esconder o culto aqui no terreiro.” (Itaiguara, 2014)

A Noite dos tambores Silenciosos, iniciada nos anos 60 e hoje mundialmente famosa, atraindo turistas de vários lugares, segundo matéria escrita pela jornalista Paula Brasileiro, foi idealizada na década de 1960 por Maria de Lourdes Silva (1936 - 2010), mais conhecida como Badia¹⁸, que morava no Pátio do Terço, localizado no bairro de São José, centro do Recife; de Badia teria partido a ideia de lembrar dos negros escravizados que passaram por aquele lugar na rota do comércio escravagista e não tiveram a oportunidade de conhecer o carnaval, esta ideia que se iniciou como uma discreta reverência e homenagem prestada aos antepassados. Apresento aqui esta versão, por ser uma narrativa trazida pela jornalista a partir de relatos de familiares de Badia, como Maria Lúcia Soares dos Santos, filha adotiva de Badia.

¹⁷ A esse respeito, anunciava a Folha da Manhã: “Muitos macumbeiros, cartomantes, disfarçados de espíritas tentam se instalar no Recife. A Delegacia de Capturas não os deixou em paz”. In: A “MACUMBA” A SERVIÇO DO FUTEBOL. Folha da Manhã, Recife, 31 de julho. 1944, p. 4. Edição Matutina.

¹⁸ Badia costurava para diversas agremiações e criou também a troça carnavalesca “Coroas de São José”. Por tanta dedicação com as festas de carnaval, recebeu o título de “Dama do Carnaval”.

Conta-se que a princípio, o evento era encenado no chão, à porta da Igreja do Terço, e não tinha o caráter religioso que possui atualmente, mas foi unindo forças e tendo a presença dos maracatus *Elefante* e *Leão Coroado*. Por volta de 1968, a festa começou a ganhar o caráter de espetáculo pela ação do sociólogo e jornalista Paulo Viana e a ajuda do advogado Edvaldo Ramos. Paulo Viana era um estudioso sobre as questões negras e os Xangôs de Recife. Musicalmente e socialmente, a noite dos tambores silenciosos era também uma forma dos maracatus celebrarem para além da passarela numa noite comandada por eles mesmos. Certamente em vários momentos da história essa noite vai ter altos e baixos, contradições, mas as parcerias que os maracatus conseguiram fazer, garantiram que essa noite, noite de segunda-feira de carnaval, fosse formada por agremiações carnavalescas de maracatu de baque virado, consideradas maracatus nação que mantém a tradição dos maracatus. Pensando nesse novo modelo de carnaval estabelecido no Recife do ano de 2002 pra cá, percebemos que a noite dos tambores silenciosos recebeu mais atenção da mídia e é atualmente um dos acontecimentos mais procurados pelos turistas e pelas pessoas de modo geral que gostam de maracatu nação. É um momento onde esses maracatus são realmente protagonistas, e não se pode esquecer a contribuição que alguns segmentos do movimento negro tiveram nessa valorização dos maracatus, e este modelo de carnaval é um exemplo marcante.

Ainda sobre a noite dos tambores, no trabalho do antropólogo Olavo de Souza Pinto Filho, há uma fala de Babá Paulo Braz sobre o local de realização do evento, que nos reforça a informação de realização na Igreja do Rosário e nos traz mais uma informação sobre o termo maracatu, quando questionado sobre como surgiu a palavra:

Não, é que os brancos ouviam os africanos dizer ‘muraca –tuca’ e entendiam maracatu, ‘olha aquele maracatu de negros’. E também não tinha esse negócio de Pátio do Terço, não, o certo era na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Era lá que os escravos tinham um dia por ano de folga. Eles se reuniam, lembravam dos que ficaram (em solo africano) e desabafavam todas as amarguras do sofrimento, da escravidão e das saudades dos seus entes queridos. Então, eles rufavam os tambores até as duas horas da madrugada, quando acabava a reunião e todos voltavam para os seus engenhos, os que ficavam ou fugiam eram perseguidos a cavalo e chicoteados ou mortos. Quando chegava certa hora, eles falavam: ‘muraca-tuca’, o que significa ‘vamos parar e se espalhar’. Os estudantes que gostavam de assistir o evento, que não entendiam as palavras, chamavam de maracatu. Um dia falei pra Ajibola e ele: ‘Ah sim, sim, muraca tuca, reunir e espalhar’” (Filho, 2015, p. 109)

Ajibola, citado por Paulo Braz é Nigeriano, conheceu Paulo Braz em João Pessoa ao se mudar para estudar numa Universidade da Paraíba. Tornou-se então grande amigo de pai Paulo e de sua família, tornando-se inclusive filho de santo da casa. Ajibola foi intérprete do maracatu na viagem à Nigéria em 2014 e após a morte de Paulo Braz, em 2016, a família perdeu contato com ele¹⁹. Assim contou Itaiguara, fundador e diretor do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão.

Retomando ao tema anterior, para além de observar como a trajetória de Ajibola, o qual podemos considerar que se tornou parte integrante da família de Paulo Braz, essa trajetória reflete não apenas os laços culturais estabelecidos entre diferentes países, essa dinâmica de intercâmbio e preservação também se manifesta na história dos maracatus.

Com o passar dos anos, tanto por questões de perseguição aos terreiros, quanto a falta de verbas para se manter os maracatus, enquanto agremiação, muitos foram parando suas atividades, chegando a se ter, na década de 1960 apenas três nações de maracatu em atividade. (INRC do Maracatu Nação, 2013, p. 16)

O mestre mais antigo em atividade até o presente momento é Antônio Pereira de Souza, mais conhecido como mestre Toinho (1945), do Maracatu Nação Baque Forte, de Jaboatão. Toinho foi mestre do Leão Coroado quando ele ainda era dirigido por Luiz de França, passou também por diversas Agremiações como o Cambinda Estrela, Maracatu Indiano, Maracatu Estrela Brilhante, Maracatu Elefante (já no período onde a rainha era Dona Madalena, após o período de Dona Santa) e Maracatu Encanto da Alegria. Aos poucos, entre fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, movimentos sociais como o Movimento Negro também passaram a buscar legitimidade para maracatus e maracatuzeiros negociando espaços.

Na década de 1980, novos elementos contribuíram para que o maracatu fosse visto sob nova perspectiva. Em primeiro lugar, os movimentos negros atuantes na Região Metropolitana do Recife definem estratégias de valorização da cultura negra, e, em alguns momentos desses anos, apostam nos maracatus, investindo esforços e participando diretamente dos grupos, em especial o Leão Coroado, retirando de seu entorno preconceitos secularmente consolidados. Jovens militantes dos movimentos negros passam a frequentar os velhos maracatus, a exemplo do Leão Coroado, de Luiz de França, bem como a valorizar eventos em que os negros estivessem presentes, como a Noite dos Tambores Silenciosos. (INRC do Maracatu Nação, 2013, p.51)

¹⁹ Pelo motivo de perda de contato com Ajibolá, não foi possível trazer mais informações sobre o mesmo neste trabalho.

É importante salientar que os maracatus não apenas resistiram, mas também negociaram sua legitimação. A questão da negociação é essencial para entender todas as articulações dos maracatuzeiros com o poder público, com o público (ou consumidores), com a própria comunidade e com os outros maracatus. Entre os anos 1980 e 1990 é mais notória a midiaticização e espetacularização das culturas populares de modo geral em Pernambuco. Entra nesse contexto o grupo Nação Pernambuco (identificado como um “maracatu de palco” inclusive pelas nações de maracatu) que faz sucesso nos anos 1980 e ao longo dos anos 1990 chegando inclusive a viajar à Europa.

Segundo Tiago Marques²⁰, ex integrante do Nação Pernambuco, o Nação Pernambuco se identifica como um “Maracatu artístico” e o grupo que sai a rua é diferente do grupo que vai ao palco. Os integrantes que vão ao palco nas apresentações são chamados de “elenco”, enquanto os que tocam nas ruas em cortejos promovidos pelo Nação Pernambuco, são chamados de batuqueiros, sem denominação para além disso.

Em artigo, Ivaldo Marciano traz que neste período, os maracatus passam a viver uma ampla aceitação e valorização, contrastando com as décadas anteriores onde “o maior espaço da festa era reservado ao frevo. Os maracatus, tanto os do tipo nação, como os de orquestra vivem uma época em que há Cd’s de suas músicas sendo vendidos nas lojas e os seus trajes estão expostos à venda nas lojas de fantasias. (Lima, 2005, p.2) “ Estamos com estas palavras afirmando que os maracatus, antigos primos pobres do carnaval pernambucano, agora ocupam o centro da festa, tendo inclusive o direito de fazer a sua abertura.” (Lima, 2005) lembrando que em 2005, já por quatro anos consecutivos os batuqueiros de onze maracatus-nação ocupavam a condição de partícipes da solenidade oficial que marca o início dos festejos carnavalescos. “Assim sendo, estamos fazendo uma constatação: os maracatus estão na moda, legitimados e com muita força enquanto forma de expressão cultural.” (Lima, 2005, p. 2)

Alguns jovens dessa época de 1980 - 1990, que estão interessados em tocar maracatu, aprender maracatu e saber um pouco dessa cultura se juntam numa renovação de maracatuzeiros. Nos anos 90, surge o Mangue Beat e assim a batida do maracatu alça o mundo em meio às fusões musicais realizadas pela Nação Zumbi (Galinsky, 1999). Há controvérsias quando se diz que a manifestação cultural ganha fama com o movimento mangue, mas é fato que o alcance global das sonoridades pop levaram a influência do Maracatu a outros públicos. Se por um lado a manifestação ganhou em projeção, por outro

²⁰ Conversa tida com o ex integrante, Tiago Marques na data de 01/06/2023

lado o Mangue Beat toma o maracatu como ingrediente fundamental de seu som, sem o que, talvez, não tivesse conseguido moldar sua sonoridade singular. Em suma, o Mangue Beat permite ao maracatu uma divulgação entre um público ao qual ele não chegaria de outra forma. Ao mesmo tempo, o maracatu dá ao Mangue Beat sua característica de singularidade cultural que o torna interessante ao público consumidor de cultura de São Paulo e de outros grandes centros.

Em paralelo ao processo de modernização e de integração do país, que se adensa ao longo do século XX, São Paulo e Rio de Janeiro tornam-se os núcleos produtores e disseminadores dos valores econômicos e culturais, e sediam a maior parte das instâncias legitimadoras dos bens culturais em escala nacional. Dentro da nova lógica que se instala, até mesmo os signos de identidade regional passam necessariamente pelo crivo das instâncias de legitimação sediadas no Rio e em São Paulo antes de serem colocados nacionalmente em circulação e consumidos por brasileiros das mais diversas regiões. No Recife, uma das primeiras mobilizações culturais a se dar conta dessa hierarquização e utilizá-la conscientemente a seu favor é o Mangue. Como brada Fred 04 na canção *Destruindo a camada de ozônio*, do CD *Guentando a ôia* (1996): “Não espere nada do centro, se a periferia está morta. Pois o que era velho no norte, se torna novo no sul.” Vemos objetivada nos versos a consciência de estar situado na periferia, mas também, ao mesmo tempo, a ideia de que esta posição aparentemente “desfavorável”, semi marginal, pode, em algum momento, tornar-se uma vantagem no processo de legitimação. O periférico pode ser incorporado ao campo por representar o “novo”, ou o “desconhecido”, sendo, portanto, um dos vetores que impulsionam seu dinamismo. Essa consciência reflete a maturidade de quem conhece a dinâmica do campo cultural no qual se insere, bem como qual posição pode ocupar nele.” (Nercolini, Bezerra, 2013)

Segundo Carvalho (2007) se voltando ao surgimento e a evolução do maracatu na periferia de Recife, no momento se revela uma intrincada teia de eventos históricos e dinâmicas sociais que moldaram essa expressão cultural ao longo do tempo. Ao retrocedermos no tempo e situarmos os acontecimentos dentro de seus devidos contextos históricos, podemos compreender melhor o fenômeno do “boom do maracatu” que ocorreu por volta da década de 90 e a emergência de novas formas de apropriação dessa prática. Um dos conceitos-chave explorados é o das “precedências”, que aponta para a influência de eventos e práticas passadas na formação de uma base histórica que possibilitou o florescimento do maracatu contemporâneo. Desde o fim do Estado Novo até os anos 80,

foram estabelecidas condições propícias para o surgimento do baque virado e suas tensões associadas.

O antropólogo ainda analisa o surgimento do que é denominado como "maracatu abstrato", uma manifestação que se desvincula de tradições históricas pré-existentes, dando origem a novas formas de expressão musical e cultural e explica que esse fenômeno está intimamente ligado à criação de práticas musicais "abstratas", que se desprendem de suas raízes históricas, mas ainda mantêm uma relação intrínseca com o surgimento de novas formas de maracatu.

Sua análise também aborda as dinâmicas internas e externas ao maracatu que influenciaram seu desenvolvimento. Isso inclui mudanças nas relações de classe, transformações na indústria cultural e fenômenos globais, que contribuíram para a complexidade do contexto no qual o maracatu se desenvolveu e destaca a importância de compreender o maracatu como uma prática cultural dinâmica, influenciada por uma série de fatores internos e externos. Essa compreensão contextualizada é essencial para uma análise profunda da evolução do maracatu na periferia de Recife, destacando sua relevância histórica e social dentro do panorama cultural.

Segundo Lima (2010), o ápice dos maracatus foi no final da década de 1990 até o ano de 2012. Durante cerca de doze anos o maracatu de baque virado define o carnaval do Recife. Uma boa lembrança é do slogan “Recife, terra do Frevo e do Maracatu”.²¹ Entre os anos de 2000 e 2010, houve uma maior circulação dos maracatus em eventos durante o ano.

Essa movimentação das décadas de 1980 e 1990 contribuiu para a fundação de novas nações de maracatu e essa retomada de atividades de nações antigas. Esses acontecimentos foram peças chaves para a revalorização de símbolos que estavam “esquecidos”. Foi neste momento, após anos de perseguição e preconceito por fazer parte de uma cultura de comunidades com “herança sociocultural africana” (Lima, 2005), entre outras dificuldades, que as nações de maracatu se encontram finalmente em um momento favorável a seu ressurgimento neste período de 1980-1990.

Os maracatus são hoje, vistos como autêntica cultura pernambucana e “poucos são os que conseguem admitir a idéia de que até bem pouco tempo, sobretudo nos anos 1980, eram rejeitados e marginalizados em uma sociedade ávida a consumir, inclusive práticas que outrora pertenciam aos “favelados”. ” (Lima, 2005, p.7)

²¹ Contudo, desde os anos 1980 o maracatu era tido como um dos gêneros musicais mais representativos do carnaval pernambucano ao lado do Frevo. O “Frevança”, festival de música promovido pela Rede Globo Nordeste de fins dos anos 1970 até fins da década de 1980, por exemplo, era intitulado “Encontro Nacional do Frevo e do Maracatu” e tinha uma premiação dedicada ao melhor Maracatu.

A grande visibilidade social que o maracatu passou a ter a partir da década de 1990 pode ser visto como parte desses processos, os quais tem colocado o maracatu nação em diálogo com diferentes contextos da sociedade, levando os grupos, em certa medida, a redefinirem suas ações e formas de organização, bem como a retomar uma antiga prática ritual como é a cerimônia de coroação. Nessa perspectiva, figuras emblemáticas da manifestação como a rainha e o mestre respectivamente foram se tornando conhecidos e respeitados por serem detentores do conhecimento sobre a religiosidade do maracatu e a sua musicalidade. (Oliveira, 2017, p. 143)

O Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife é um grande exemplo deste movimento de retorno junto ao mestre Walter de França, ao lado de outros mestres como, Afonso Aguiar do Maracatu Leão Coroado e Chacon Viana do Maracatu Porto Rico (estes últimos, além de mestres também assumiram a função de presidentes dos respectivos grupos), são exemplos dessa mudança no cenário social do maracatu e junto às nações que voltaram à atividade após alguns anos adormecidas. Reforçando assim que a partir deste momento histórico também acontece o nascimento de novas nações, e aí vale destacar o nascimento do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, no ano de 1998, no Ilê Obá Ogunté, o Sítio de Pai Adão.

1.2 ILÊ OBÁ OGUNTÉ - SÍTIO DE PAI ADÃO

As religiões consideradas afro-brasileiras mais antigas tem suas formatações configuradas no século XIX. A religião Católica Apostólica Romana era a única religião tolerada para a época, a única oficialmente legalizada e a única que conferia legitimidade social. Todos os negros escravizados, até mesmo depois da abolição oficial da escravatura, eram obrigados à conversão para esta fé, eram obrigados a se sujeitarem ao batismo religioso católico antes mesmo de serem vendidos, assim que chegavam para as terras brasileiras. Com isso, os negros africanos escravizados tiveram que recriar no Brasil suas religiões dos òrisà, voduns e inquices. (Alves; Souza, 2018)

Desde o início as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismos entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da igreja. Assim aconteceu com o candomblé da Bahia, o xangô de Pernambuco, o

tambor-de-mina do Maranhão, o batuque do Rio Grande do Sul e outras denominações, todas elas arroladas pelo censo do IBGE sob o nome único e mais conhecido: candomblé. Até recentemente essas religiões eram proibidas e por isso duramente perseguidas por órgãos oficiais. Continuam a sofrer agressões, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros independentemente de religião. (Prandi, 2003, p.16)

O Sítio de Pai Adão é um Terreiro de nação Nagô²², reconhecido como casa matriz²³, tem importante papel na formação e na disseminação de diversos conhecimentos para muitos terreiros da cidade do Recife. O sítio possui um grande número de casas de santo advindas de seus fundamentos e ensinamentos²⁴, uma rede de casas de mesma tradição, casas essas que são chamadas pelos praticantes de candomblé de *ramas*.

Consagrado à Orixá Iemanjá, o Ilê Obá Ogunté²⁵, também conhecido como Sítio de Pai Adão, foi fundado entre 1860 e 1870 pela nigeriana Ignez Joaquina da Costa, de nome africano *Ifátinukè*, é o terreiro mais antigo de Pernambuco em pleno funcionamento, terceiro do Brasil, tombado pelo IPHAN²⁶ em 2018.

²² Também chamado de Nação Nagô Egbá por muitos da tradição.

²³ É a primeira casa de culto oficialmente declarada na cidade do Recife, segundo Lima (2010), uma vez que não se encontram registros de nenhum outro grupo em atuação na época de sua fundação.

²⁴ Geralmente um casa de candomblé advém da tradição de uma casa antecessora, de determinada tradição. Quando um filho de santo se torna Egbomi (um filho mais velho dentro dos rituais iniciáticos) e recebe seus “direitos”, se este filho tem em seus caminhos a delegação de ser um babalorixá, irá fundar um terreiro próprio, este novo terreiro então é uma “rama” do terreiro que o mesmo se iniciou, sendo o pai de santo deste babalorixá o avô de santo dos filhos de santo deste novo terreiro.

²⁵ Traduzido do Iorubá – Casa da Rainha Ogunté (Ogunté seria um nome que se refere à orixá Iemanjá, uma “qualidade” ou “caminho” da orixá Iemanjá).

²⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Figura 1 - Assinatura do decreto de tombamento do Ilê Obá Ogunté - Sítio de Pai Adão



Fonte: Acervo do Sítio de Pai Adão

Em 05 de setembro de 1985, o Ilê Obá Ogunté - Sítio de Pai Adão foi tombado pelo governo do Estado de Pernambuco através do decreto 10.712. O título de tombamento foi entregue a Maria do Bonfim da Costa (Tia Mãezinha) e Manoel Papai, na presença de Raul Lody, Waldemar valente, Fernando Freyre e Francisco Bandeira de Melo. No ano de 2009, foi encaminhado à Superintendência Regional do IPHAN o pedido de tombamento a nível federal, este concedido em 2018, assim recebeu proteção federal e foi declarado como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Ilê Obá Ogunté Sítio de Pai Adão foi reconhecido pelo Conselho Consultivo, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como Patrimônio Cultural do Brasil. A decisão, por unanimidade, foi tomada nesta quinta-feira, 20 de setembro, durante reunião do colegiado no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. (IPHAN - IPatrimônio, 2018)

O Terreiro Obá Ogunté Seita Africana Obá Omim, popularmente conhecida como o Sítio de Pai Adão, é a primeira Comunidade/Terreiro tombada no Brasil em nível estadual. [...] É a primeira Comunidade/Terreiro do Xangô, sistema etnocultural de matriz africana, a ser tombado enquanto Patrimônio Cultural; (Lody, p.82, 2020)

Além de casa de culto ao Candomblé nagô em Pernambuco, o Sítio de Pai Adão (importante casa do chamado Xangô de Pernambuco²⁷) é um importante ponto cultural e carnavalesco, onde várias agremiações passam durante o período de carnaval e ocorrem alguns dos ensaios para a abertura do carnaval de Recife. O sítio de Pai Adão fica localizado no bairro de Água Fria, na Estrada Velha de Água Fria, número 1644, na cidade de Recife.

Se tratando da atenção com as atividades culturais do terreiro, nos últimos trinta anos essas aumentaram. Hoje, além do tombamento pela FUNDARPE nos anos de 1980, o terreiro é um Ponto de Cultura. Pontos de Cultura são uma rede de articulação, recepção e disseminação de iniciativas e vontades criativas, segundo a definição institucional. Uma ação de fomento que existe, visando fortalecer grupos culturais já existentes, contribuindo para a manutenção e ampliação de suas ações. Ou seja, a criação de Maracatus e Afoxés também encontra relevância nessa dinâmica do terreiro.

Célio Turino, responsável pela política, dizia que não era o caso de “levar cultura e sim de afirmar a cultura que existe numa localidade”²⁸. No espaço do terreiro reservado para o funcionamento formal dessa atividade, há escrito na porta:

Ponto de Cultura Iroco.

Apoio: Ministério da Cultura

Realização: CEAS Urbano /PE

Coordenação: Manoel Papai e Ceíça da Oyá

Sobre o caráter festivo dos rituais afro-brasileiros, Campos (2011) traz que ao contrário de outras religiões, adquire uma identificação principalmente com os festejos carnavalescos. E isso nos faz compreender que, assim como a autora traz em seu trabalho, “participar de eventos carnavalescos, seja através de Maracatus, Afoxés e escolas de samba, entra em consonância com a liturgia afrorreligiosa brasileira.”

Gostaria de Salientar aqui que na década de 1930, os Xangôs de Recife se restringiam aos “arrabaldes pobres” e que estes arredores já se encontravam disseminados por quase todo o perímetro urbano de Recife, conforme diz Halle (2010) e em Água Fria ficavam localizados os mais importantes terreiros daquela época, com destaque para o Sítio de Pai Adão e o terreiro de Anselmo. “Compreendendo o total de 33% dos casos de Xangôs tradicionais da zona administrativa de Beberibe (Halley, 2010, p.170)

²⁷ O Xangô de Pernambuco (também conhecido como Xangô do Recife, Xangô do Nordeste) é uma forma popular de chamar o candomblé de nação Nagô e nação Xambá.

²⁸ <http://diplomatie.uol.com.br/acervo>

Segundo Gonçalves Fernandes (1937), na década de 1930, o Sítio de Pai Adão era denominado como “Seita Africana ôbaoumin²⁹” ou “Sítio Chapéu do Sol” (documentalmente). Chapéu de Sol era o nome dado ao perímetro que compõe o atual bairro de Água Fria, nome este que faz referência ao riacho de Água Fria, que nasce no Poço da Panela e compõe a margem direita do Rio Beberibe.³⁰

Considerada por muitos como a casa matriz do Xangô na cidade de Recife, o Sítio de Pai Adão é um lugar em que se pratica culto a Orixás e Eguns³¹ e que segue um padrão afro-americano que tem certa similaridade com a santería cubana e com a santería haitiana. O Xangô de Pernambuco tem sua fundamentação no complexo sociocultural religioso da nação Nagô, é uma forma de reorganização da tradição religiosa dos Iorubá provenientes da Nigéria.

O Xangô é uma religião iniciática, onde o ingresso como adepto passa pela realização de ritos de iniciação através de cerimônias e de recolhimentos.

O Sítio de Pai Adão é um terreno grande - com cerca de 4.190m².³² No local, além dos espaços sagrados, destinados ao culto dos Orixás e dos Eguns, há um grande número de casas (residenciais), estas casas no Sítio, que não se distribuem de forma ordenada, são ocupadas por descendentes de Pai Adão (Felipe Sabino da Costa), Babalorixá que exerceu um papel fundamental na construção da imagem tradicional deste terreiro nas primeiras décadas do século XX. Na frente, bem ao lado esquerdo do terreiro, existe a casa principal; uma casa que pertenceu a Tia Mãezinha (Maria do Bonfim), filha consanguínea³³ de Adão (única filha mulher), falecida em março de 2010. Do lado direito, conjugada à construção principal, a casa de Seu Walfrido (sobrinho de Adão, Ogã que teve mais tempo em sua função, falecido aos 105 anos em 2020). Na parte de trás do terreno, foram construídas cerca de sete pequenas casas (algumas de taipa), incluindo a de D. Luíza, que foi Yalorixá do Sítio até o ano de 2018, ano em que faleceu. D. Luíza foi esposa de Tomé (sobrinho-neto de Adão, falecido em abril

²⁹ Em Iorubá, “Obá Omin” significa “Rainha das Águas”.

³⁰ A dissertação “De chapéu de Sol a Água Fria: numa trama de enredos, a construção de identidade de um bairro na cidade do Recife” do geógrafo Bruno Maia Halley (2010) traz ricas informações sobre os terreiros existentes na localidade, as transformações e deslocamentos de alguns ao longo do tempo.

³¹ Espíritos dos ancestrais.

³² informação obtida pelo site do governo federal, disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/setembro/mdh-comemora-o-reconhecimento-do-terreiro-il-e-oba-ogunte-sitio-de-pai-adao-como-patrimonio-cultural-do-brasil>

³³ As relações familiares em um terreiro de candomblé se dão de forma religiosa além da consanguínea, portanto, sempre reforço quando o laço é consanguíneo, pois quando se cita alguém como filho de santo, não necessariamente é filho consanguíneo, ou, filho carnal, como se referem nos terreiros. Um “filho de santo” é tido como filho do babalorixá e da Ialorixá que o iniciaram na religião.

de 1989). Na parte de trás do terreno havia um grande pé de Iroko³⁴, criminalmente incendiado pela segunda vez em dezembro de 2019 (quando veio a ser completamente destruído), acredita-se que tenha sido um crime de ódio³⁵. No mesmo local da propriedade há também uma cacimba dedicada à orixá Oxum.

Há uma grande importância simbólica do Iroko, ou gameleira, relacionada tanto à origem do terreiro (em uma versão da história oral, a compra do terreno onde está o terreiro se deu pela existência dessa árvore no local. Em outra, sua semente teria sido trazida da África por Tia Inês) quanto ao fato de, na época de grande repressão policial aos cultos afrodescendentes, nos anos 1930 e 1940, indumentárias e imagens dos orixás terem sido escondidas em seu interior, que é oco. No Sítio de Pai Adão a árvore era tida como um templo onde se reverenciava o Orixá de mesmo nome, Iroko³⁶.

Já a capela existente na entrada do Sítio teria sido construída pela fundadora do terreiro, Tia Inês, e abriga objetos relativos à religião católica, como imagens de santos, e também relativos ao Xangô, a exemplo de símbolos, indumentárias e louças dos Orixás. Atualmente constitui-se em mais um espaço de memória, uma vez que está havendo maior distanciamento e dissociação entre candomblé e catolicismo.

Neste ponto gostaria de chamar a atenção para uma questão, a questão territorial do Sítio de Pai Adão, principalmente por se tratar de uma estrutura quilombola quando observamos a história de Tia Inês - em alguns discursos trazida como uma africana de muitas posses que fora trazida como escrava (Bastide, 1945) - que compra o terreno para iniciar um terreiro e também abrigar pessoas da comunidade negra.

Sobre a definição de um quilombo, com base no que nos diz o IPHAN:

Utiliza-se, para tanto, a conceituação de quilombos do período colonial, segundo a qual quilombo era definido como “toda a habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”.

Tal definição teria sido formulada pelo Conselho Ultramarino em 1740 como resposta ao rei de Portugal e vinha sendo reproduzida pelos estudiosos e pelos operadores do direito sem nenhuma atualização, até a ressemantização do termo a

³⁴ Ou pé de Gameleira. O Iroko também era tombado pela Prefeitura da Cidade do Recife, por meio do Decreto Municipal nº 14.288/1988. O Iroko é uma árvore sagrada também cultuada como orixá.

³⁵ No Brasil as leis sobre crimes de ódio dão enfoque ao racismo, à injúria racial e ainda a outros crimes motivados pelo preconceito.

³⁶ Orixá que é considerado o senhor do tempo e da ancestralidade.

partir da perspectiva antropológica da teoria da etnicidade, instigada pelos movimentos surgidos no bojo das inovações trazidas pela Constituição Federal de 1988. (Vaz, IPHAN, 2014)

Embora a ideia de considerar o Sítio como um quilombo urbano não seja enfatizada nas narrativas identitárias de seus moradores, vale ressaltar que em fevereiro de 2007, o site da Fundação Palmares³⁷ noticiou que a documentação para o reconhecimento do terreiro como quilombo urbano estava sendo preparada por iniciativa do Babalorixá Manuel do Nascimento Costa, conhecido como Manuel Papai. Esta situação difere da experiência de outros terreiros, como é o caso do terreiro da Nação Xambá³⁸, onde a questão do reconhecimento da comunidade enquanto quilombo é amplamente destacada em suas narrativas.

Além disso, o trecho seguinte também reforça a questão de patrimônio imaterial como algo presente nas comunidades quilombolas:

No campo do patrimônio imaterial, fundado formalmente com o Decreto nº 3.551/2000, é notável que vários dos bens culturais registrados como patrimônio cultural nacional sejam encontrados em comunidades quilombolas, tais como o Jongo no Sudeste, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Complexo Cultural do Bumba-meu-Boi do Maranhão, dentre outros. (Vaz, IPHAN, 2014)

Segundo Itaiguara, diretor e “dono” do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, Ignez teria comprado o terreno e fundado o terreiro. Juntamente veio João Otulú, e Vicentina Joaquina da Costa, tia Vicência³⁹, primeira filha de santo da casa. Após o falecimento de Ignez, outros Babalorixás assumiram a liderança do terreiro e Felipe Sabino da Costa (Pai Adão) assumiu a liderança mais adiante. Após Pai Adão, a sucessão da liderança masculina do sítio se dá por meio de laços sanguíneos, de maneira que, foram babalorixás do terreiro: José Romão (filho de Pai Adão), Malaquias (filho de Pai Adão) e, atualmente, Manuel do Nascimento Costa (Manuel Papai, filho de José Romão e neto de Pai Adão) - *Ogunté Faràn* -

40

³⁷ Notícia disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=1871>

³⁸ O terreiro da Xambá fica localizado na Rua Severina Paraíso Silva, n.65, bairro de São Benedito, Olinda - PE

³⁹ Vicentina é inclusive uma das calungas do maracatu nação Raízes de Pai Adão.

⁴⁰ Todos os babalorixás que assumiram após a morte de Pai Adão, vindos de sua linhagem, pertenciam à sua família profana, de laços de sangue. Em contrapartida, as mães-de-santo que assumiram depois disso e que vinham da linhagem de Tia Inês pertenciam a sua família sagrada, ligadas por laços religiosos. Cfr. Nadijja Carmo Domingos da Silva, Jessica Oliveira e Zuleica Campos; “O terreiro Obá Ogunté e Ilê Axé Oyá Meguê:

Para um melhor entendimento sobre as sucessões de liderança nos terreiros de candomblé, é importante compreendermos que há a necessidade de se seguir, preservar e respeitar uma tradição. As sucessões precisam pensar na manutenção dos ritos sagrados e na garantia de continuidade das práticas religiosas e no fortalecimento da comunidade. Esse processo pode ocorrer tanto após o falecimento do líder ou com a preparação de um sucessor ainda em vida. Se tratando da sucessão com o líder ainda em vida, o líder escolher (não de forma aleatória) e prepara cuidadosamente seu sucessor de forma explícita e gradual, onde se transmite conhecimentos, se ensina os ritos e orienta sobre as responsabilidades do cargo, garantindo assim que quando a transição ocorrer, o novo líder estará bem preparado para assumir suas funções mantendo a continuidade e integridade das práticas religiosas e garantindo uma transição um pouco mais suave para a comunidade. Na sucessão pós-vida, que ocorre quando o líder religioso do terreiro de candomblé falece sem deixar explicitado a indicação do herdeiro, após a realização dos ritos fúnebres específicos do antigo sacerdote e se passar por um processo de luto, um sacerdote (geralmente de outra família) é convidado para que seja apontado pelos ancestrais quem será o novo a assumir o cargo, podendo se convidar outros sacerdotes para novas consultas, a fim de confirmar a primeira resposta, evitando assim a possibilidade de erro de interpretação.

A escolha do sucessor pode seguir duas alternativas principais: Consanguínea ou Não Consanguínea. Na consanguínea, o sucessor é um parente direto do líder falecido, garantindo que a liderança permaneça dentro da mesma família e preservando a herança ancestral direta, essa prática garante que o legado ancestral seja mantido e que os ensinamentos e ritos continuem a ser transmitidos às gerações posteriores. Neste caso, a continuidade familiar é vista como uma forma de preservação da ancestralidade direta e da identidade familiar.

Na não consanguínea, o sucessor não tem relação “de sangue” com o líder anterior. Nesse caso, a escolha não necessariamente perpetuar uma herança ancestral imediata, mas há a possibilidade de se ocorrer em gerações subsequentes. Há famílias/terreiros em que a sucessão não tem a obrigatoriedade de garantir o cunho consanguíneo e o líder escolhido pode ou não ser da família consanguínea do falecido.

Uma sucessão “bem-sucedida” assegura que as práticas sagradas e os ensinamentos ancestrais continuem vivos, promovendo a união e respeito dentro e fora do terreiro.

modernidade e tradição”, em Anais IV Colóquio de História, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010, p. 673.

Sabendo disso, em se tratando de sobre Ignez Joaquina da Costa, fundadora do Ilê Obá Ogunté e líder antecessora (não consanguínea) de Adão. De acordo com as fontes orais, “Tia Inês” não teve filhos consanguíneos, porém adotou quatro: Maria Lori, Onorina, Antônio da Costa e Vicência.

Temos poucas informações sobre Ignez. Brandão fala que “A presença de Inês no cenário dos cultos afro-brasileiros é bastante confusa. Uns a apontam como africana, vinda de Lagos, Nigéria, trazida por ser exímia nos jogos de adivinação (jogos divinatórios), sendo portanto, sacerdotisa de ifá”. (Brandão, 1986, p.178). Já Roger Bastide fala que “Um único santuário tinha uma tradição verdadeira, o de Pai Adam. Fora fundado por uma antiga princesa da África trazida para o Brasil como escrava, e por causa de sua origem recebera o apelido de baronesa. (Bastide, 1945, p.163).

Em uma fala presente no trabalho do antropólogo Olavo de Souza Filho, o Babalorixá Paulo Braz Felipe da Costa, babalorixá do Ilê Iemanjá Ogunté, terreiro que fica atrás do sítio de Pai Adão e é da mesma família, ele conta um pouco do que sabe sobre Tia Inês:

Antigamente, os iorubás, ou lucumi, como se dizia, vieram da África, mas foram obrigados a vir no navio negreiro, e aí se misturou os negros das tribos diferentes, nagô, jeje, xambá. Tia Inês, por exemplo, ela era de Ilê-Ifê, o rei disse que era uma família muito importante de lá, mas ela também era jeje, uma moça disse que ela era de Abeokuta, que nada, ela era jeje, tinha aqueles 3 traços no rosto. Assim como Claudino Bamboxê, que foi um dos principais auxiliares dela no Sítio. O Sítio é nagô, nossa tradição é nagô, mas ela era jeje, tem até aquela toada de Ifá, a gente canta de um jeito e o jeje canta de outro. Não é esse jeje que você vê por aí não, era diferente mesmo. (Filho, 2015, p. 132)

Sobre Felipe Sabino da Costa, com nome sagrado⁴¹ *Adamassi*, mais conhecido como Pai Adão, conta-se que “nasceu em 1877 no Engenho Taquari (atual bairro da Torre), tinha como pai Sabino da Costa, - *Alapini Oyo Oba* -” (Fernandes, 1937, p. 56) e mãe, Maria do Bonfim africanos de Lagos, sudoeste da Nigéria. “Adão teria Viajado e residido em outras cidades como Salvador e Maceió, e chegou a viajar para África” (Filho, 2020, p.18) por volta de 1906.

Sobre Pai Adão, a historiadora Juliana Cunha traz em sua dissertação que segundo relatos do Babalorixá Manuel Papai, após a morte de Tia Inês em 1919 houve “desavença

⁴¹Após a feitura do santo no candomblé, em algumas tradições, se recebe um novo nome, conhecido por alguns como *dijina*, é por este nome que você passa a ser chamado pela família de santo.

entre seus filhos de criação, Felipe Sabino da Costa, José Quirino e Leonardo” (CUNHA, 2018, p.70), que a auxiliavam nas funções religiosas do terreiro e se instruíam nos fundamentos da tradição nagô. José Quirino teria então ficado à liderança do terreiro e Felipe Sabino da Costa (Pai Adão), com cerca de 30 anos de idade, resolveu afastar-se da casa, fundando posteriormente um outro terreiro e ficando a partir daí conhecido popularmente como “Pai Adão”.

Felipe Sabino da Costa [...] destacou-se nos Xangôs do Recife por ter adquirido e compartilhado junto a outros terreiros recifenses um profundo conhecimento acerca das tradições nagô, cânticos rituais e da língua yorubá. Saberes que pôde adquirir e aperfeiçoar na viagem tão sonhada que realizou para a Nigéria por volta de 1906, quando instigado pelo interesse em conhecer a pátria de seus ancestrais resolveu empreender longa viagem até a África. (Cunha, 2018, p. 70)

Ainda em relação à sucessão de liderança do sítio, é trazido que “Quando Quirino faleceu, Felipe Sabino da Costa, que já era popularmente conhecido como Pai Adão assumiu o terreiro. Junto consigo, trouxe outra filha de santo de Ifátinuké [Inês], Joana Batista - *Tinuke* - como mãe de santo dele”. (Cunha, 2018, p. 71) Teria sido Joana, ao assumir a casa com Pai Adão que resolveu registrar o terreiro em cartório, adotando o nome de “Terreiro Senhora Santana”. Adão liderou o terreiro até 1936, ano em que faleceu. A partir daí ocorreu uma série de sucessões envolvendo famílias de santo e de sangue (Filho, 2020) com proeminência da família de sangue, de modo que o sítio hoje é liderado por um de seus netos, Manuel do Nascimento Costa, Manuel Papai - *Ogunté Faràn*.

Sobre Adão, Halley (2019) destaca:

O início de sua ascensão religiosa ocorre quando de sua ida à África, sob domínio do imperialismo europeu, em busca de ensinamentos na terra-mater dos seus ancestrais. Mesmo imerso nas trocas culturais do sistema colonial, o contato estabelecido com a parentela africana de origem islâmica lhe proporcionou saberes exclusivos sobre o culto iorubá, projetando-o como babalorixá quando de seu regresso ao Recife. (Halley, 2019, p. 38)

Pai Adão teria sido filho de santo de Ignez e no período que o mesmo atuou como babalorixá do sítio, desfrutava de grande estima e respeito da parte dos intelectuais que se interessavam sobre os Xangôs de Pernambuco. Muitos dos seus conhecimentos serviram de embasamento para textos clássicos de Gilberto Freyre, Gonçalves Fernandes, Waldemar

Valente e René Ribeiro, expoentes da intelectualidade pernambucana e estudiosos dos candomblés locais.

[Adão] Colaborou ativamente nas reuniões preparatórias do I Congresso Afro-Brasileiro (1934) junto a Gilberto Freyre, estudiosos das “seitas africanas” e outros sacerdotes como Pai Anselmo; Pai Oscar e Pai Rozendo; no entanto, recusou-se a estar presente durante o evento, tecendo sérias críticas aos demais babalorixás participaram do encontro, sobretudo pela falta de discrição quanto aos fundamentos religiosos. [...] Pai Adão havia sido convidado especificamente para tratar dos objetivos desse I Congresso, pois era estimado entre os estudiosos como um intelectual especialista nas “seitas africanas” do Recife e em sua ortodoxia, haja vista os estudos realizados na África. (Cunha, 2018, p. 73)

Vale lembrar que a relação dos terreiros com figuras como Ulisses Pernambucano, Pedro Cavalcanti e Gonçalves Fernandes era ambígua. Isso se deve ao fato de que muitos desses intelectuais eram funcionários do Serviço de Higiene Mental da cidade do Recife, Órgão que tinha a autoridade para estudar, supervisionar e decidir se os terreiros podiam ou não operar na cidade.

Se por um lado, o Serviço de Higiene Mental (SHM) contribuiu para a manutenção de alguns terreiros em meio a forte repressão policial da década de 1930, adotava uma perspectiva que dividia as casas religiosas quase que como entre verdadeiras e falsas, puros e impuros, Xangôs e charlatanismo, gerando conflitos e ao mesmo tempo uma relação de dependência para a garantia de realização de toques e rituais (Cunha, 2018, p. 74)

Entretanto, mesmo terreiros notáveis como o de Pai Adão, que foram objeto de estudo por intelectuais proeminentes como Gilberto Freyre, Gonçalves Fernandes, Waldemar Valente e René Ribeiro, não ficaram completamente imunes à perseguição policial e estatal. Apesar de serem classificados e respeitados como Casa de Xangô de 'linhagem pura', devido à sua preservação das tradições iorubanas “mais próximas às africanas”, ainda foram alvo das autoridades.

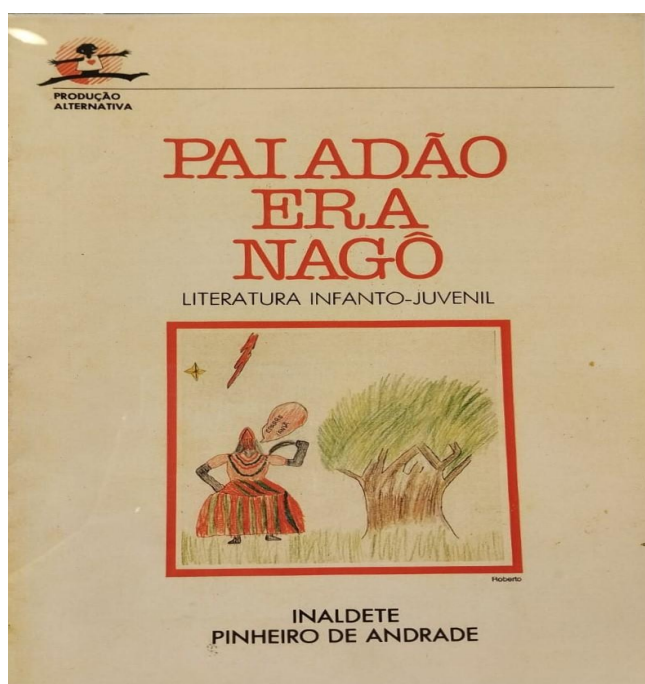
Assim, de acordo com informações fornecidas por Manoel Papai à historiadora, Pai Adão quem teria decidido construir a capela que foi dedicada a Santa Inês, dentro dos moldes católicos, capela essa, adjacente ao terreiro. Essa decisão foi uma estratégia para ocultar o culto, que estava sendo intensamente perseguido pelas autoridades locais. Como medida de

precaução, a capela foi construída com uma entrada independente e sem qualquer ligação interna com a estrutura mais antiga. “Apesar disso, há relatos de que os terços que começaram a ser realizados por Pai Adão nessa capela tornaram-se famosos e bastante frequentados.” (Cunha, 2018, p.75)

Em 1989, o terreiro há tantos anos já objeto de estudo de diversos intelectuais das mais diversas áreas, como antropólogos, historiadores, geógrafos e médicos interessados em saúde mental, foi apresentado a um novo público através de uma publicação infanto-juvenil. O livro "Pai Adão era Nagô", escrito pela autora Inaldete Pinheiro de Andrade, aborda a figura de Pai Adão e o candomblé nagô da cidade de Recife, contando com 12 páginas ilustradas.

Inaldete é uma escritora nascida no Rio Grande do Norte em 1946. Veio ao Recife para estudar enfermagem nos anos de 1960 e construiu uma carreira política e profissional voltada para o fortalecimento da cultura negra e combate ao racismo. Mestre em Serviço Social e pesquisadora é uma das fundadoras do Movimento Negro na cidade (1979) e realiza intervenções no campo educacional com programas de capacitação realizados em escolas do Recife e de outros municípios de Pernambuco segue fomentando as relações políticas e afetivas entre pessoas negras. A escritora prioriza a escrita para o público infanto-juvenil.

Figura 2: Capa do Livro infanto-juvenil “Pai Adão era Nagô”



Fonte: Arquivo do Museu da Cidade do Recife

Voltando aos intelectuais citados anteriormente, aqui faço uma observação para o trabalho *Da África Ao Afro* de Livio Sansone, onde é trazido que no século XX, intelectuais brasileiros exploraram os usos da África. Figuras proeminentes como Nina Rodrigues, Manuel Querino, Ramos, Freyre, Tannenbaum, Carneiro, Herskovits, Pierson, Elkins, Verger e Bastide. Esses intelectuais basearam suas análises em relatos de viajantes, iconografia e descrições etnográficas. Apesar da natureza impressionista dessas fontes, eles buscaram compreender e discutir as heranças culturais e históricas africanas.

Neste trabalho, Sansone ainda destaca que havia a preferência pela cultura iorubá, identificada muitas vezes como representação do "negro verdadeiro" por esses intelectuais, entre as diversas culturas africanas possíveis. Essa preferência provavelmente contribuiu para a dominância da cultura iorubá nos sistemas religiosos Afro-Americanos, especialmente na Bahia e em Cuba. Essa dominância não se deve apenas ao alto número de escravizados originários dessas regiões, mas também a um processo de etnogênese que unificou diferentes grupos e culturas sob a "etiqueta" iorubá.

No entanto, surgiram críticas à dicotomia entre elementos considerados "iorubá" e "bantu", buscando uma abordagem mais inclusiva (houve preferência pela cultura iorubá, mas também críticas à construção polarizada entre elementos iorubá e bantu). Alguns autores questionaram essa construção polarizada e a associaram a uma preferência pela "pureza" cultural. Essa preferência também foi impulsionada por esforços de intelectuais brancos progressistas em fornecer uma imagem positiva do Brasil negro e da Afro-Bahia. Ao longo do tempo, houve um aumento nos contatos com a África, especialmente durante o processo de descolonização. (Sansone, 2002)

2 O MARACATU NAÇÃO RAÍZES DE PAI ADÃO

Raízes de Pai Adão, “nome poderoso para um lugar com uma força muito grande”, como disse o artista plástico e maracatuzeiro Omêga Ribeiro em uma conversa sobre maracatus.

Quando se fala das raízes, me remete a este lugar da ancestralidade, quando se apresenta o tronco, o canal, o caminho que é Pai Adão. A sensação que me passou com um tempo foi de pensar nos galhos, nas folhas, nas flores, nos frutos e nas sementes que virão a ter raízes também. A sensação de um nome tanto ancestral quanto profético que chama para o futuro a partir do passado, como que remetendo a sankofa⁴². (Ômega Ribeiro, 12/02/2024)

O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão foi fundado em 1998, no bairro de Água Fria, Zona Norte de Recife, por Itaiguara, um jovem de 24 anos, em parceria com seus primos Cosme e Tomé. Desde o início, o grupo teve muito claro sua forte ligação familiar e comunitária, refletindo a importância da preservação histórica familiar no maracatu. Itaiguara, movido pela vontade de preservar a história familiar, quanto promover ações sociais através da cultura, viu no maracatu o impulso necessário para iniciar suas ideias e assim, se teve início um grupo que rapidamente se tornou conhecido e reconhecido enquanto maracatu nação.

O primeiro mestre do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão foi o Babalorixá Junior Boto, também primo de Itaiguara, que até hoje participa de diversas atividades da nação, muitas vezes como batuqueiro. A partir dos anos 2000, o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão passou a ter como mestre, Leandro, um experiente batuqueiro com passagem por importantes nações de maracatu, como Leão Coroado, Estrela Brilhante e Indiano. Sob sua liderança, o grupo teve bastante destaque, combinando a tradição com inovações que respeitam a essência do maracatu. Leandro, com sua vasta experiência foi adicionando novas ideias ao baque do maracatu, utilizando não apenas o apito como material para a regência, mas também o corpo.

⁴² Sankofa é um ideograma/símbolo adinkra, representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar).

Mestre Leandro também carrega consigo uma rica herança familiar no maracatu. Ele é parente de terceiro grau da Rainha Madalena, uma figura icônica do Maracatu Indiano, e do lendário Mestre Luiz de França, que liderou o Maracatu Nação Leão Coroado durante quase cinco décadas, de 1950 até seu falecimento em 1997. Essas conexões familiares não apenas reforçam a importância de Leandro dentro da comunidade do maracatu, mas também sublinham a continuidade das tradições e a transmissão do conhecimento entre as gerações. Sob as atuais lideranças, o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão se consolida como um dos guardiões da tradição do maracatu, mantendo viva a memória e o legado daqueles que vieram antes.

Segundo Itaiguara, presidente do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão - em entrevista para esta dissertação -, o maracatu foi fundado com o intuito de levar à rua um pouco do legado e história da família Sabino da Costa, sendo composto inicialmente apenas por pessoas da família e seus companheiros. O nome escolhido, “Raízes de Pai Adão”, deriva deste fato, de o Maracatu ser fundado e composto por descendentes de Pai Adão.

O presidente do Maracatu conta que foi mestre em bandas de samba reggae, como a *Miscigenação* e a *Ojú Obá*, sempre vira maracatus desfilando, mas não tinha muito interesse. O interesse mudou, segundo ele, quando assistiu a uma das apresentações dos maracatus Estrela Brilhante e Porto Rico no Pátio de São Pedro.

Eu [...] via meus primos tocando maracatu, mas não tinha interesse, e teve um belo dia que eu fui pra *Terça Negra*⁴³, aí eu cheguei na terça negra foi a primeira vez que eu tive contato com o maracatu, aí eu vi o Estrela Brilhante, tava lá na época e o Porto Rico, então quando eu vi esses dois maracatus tocando, eu me encantei com a batida das alfaías, do gonguê, do caixa, eu fiquei empolgado, daí em diante eu coloquei na cabeça que ia fundar uma agremiação para representar o nome da minha família, porque a minha família já é conhecida, o terreiro mais antigo, tombado pelo Governo do Estado, muitos pesquisadores, muitas escolas vão lá para saber a história da nossa família, é uma história muito bonita, e muito importante para a história de Pernambuco e de Recife, contribui para a história de Pernambuco, então eu fiz o seguinte, eu olhei e conversei com meu primo, Inaldo costa do nascimento (Cosmo) e meu primo Tomé. Aí eu conversando com meus primos disse, vamos montar uma agremiação, porque a família da gente já é conhecida, mas vamos manter esse legado, colocar o nome da família na rua.

⁴³ Evento que ocorre nas terças-feiras, no Pátio de São Pedro, no centro do Recife desde o ano de 2001 (anteriormente ocorria no “pagode do Didi” desde o ano de 1998). O encontro cultural foi criado pelo Movimento Negro Unificado (MNU), que surgiu no Recife em 1979 e ganhou força na década de 1990. Atualmente conta também com o apoio da Prefeitura do Recife.

[...] Fomos falar com minha tia, tia Mãezinha, filha de Pai Adão, tia Mãezinha era viva na época, aí tia Mãezinha conversou comigo e eu disse a ela, filhos de Pai Adão, netos de Pai Adão, aí ficou Raízes de Pai Adão, aí eu Tomé e Cosmo, a gente fundou em 1998. (Itaiguara, 08/12/2021)

Inicialmente, o maracatu formado apenas por pessoas da família possuía 15 batuqueiros, tocando caixas, bombos e agbês e uma corte que contava com dez pessoas dançando, tendo sua primeira apresentação em um evento em Porto de Galinhas, na cidade de Ipojuca, litoral de Pernambuco.

Com o intuito de ser um grupo representativo da família e ao mesmo tempo educativo para a comunidade, logo foi ocupando outros espaços e se vendo na possibilidade de participar enquanto agremiação nos desfiles carnavalesco, local onde se teria maior visibilidade não apenas como uma agremiação, mas pela possibilidade de ter sua história familiar sendo mais difundida. Para adentrar nos desfiles, alguns ajustes precisaram ser pensados, como figurino, se ter uma corte e passar pelos demais processos que se esperam de um maracatu, como por exemplo, coroação da rainha, para além dos processos religiosos que já eram feitos visando a proteção espiritual de cada pessoa, que inicialmente eram apenas familiares.

O Raízes de Pai Adão teve como seu primeiro rei, José Iguaracy Felipe da Costa (Pai Guara) bisneto de Pai Adão que foi sucedido por Roberto, que foi filho de santo de Iguaracy⁴⁴. Roberto se manteve como rei do maracatu por mais de vinte anos, até seu falecimento em julho de 2023.

A nação teve como rainha desde o ano de 2001, Lígia Rosalina da Silva, filha de criação do mítico Rei Eudes Chagas, fundador do Maracatu Porto Rico do Oriente, conhecida como Nina, que se manteve no posto até o ano de 2014. É curioso o fato de mesmo estando como rainha há muitos anos, a coroação de Nina ocorreu apenas no ano de 2011, na igreja de Nossa senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Bairro de Santo Antônio, Recife. A escolha do local de coroação da Rainha Ligia se deu possivelmente para manter a narrativa do que seria dito como tradicional, visto que a Igreja do Rosário dos Homens Pretos foi o local onde se coroaram no passado tantos Reis Negros e é também uma narrativa presente nas falas de muitas rainhas, mestres e batuqueiros mais antigos.

⁴⁴ É importante lembrar a distinção da descendência consanguínea e religiosa.

A coroação de Nina foi noticiada pela imprensa em diversos veículos, inclusive tendo uma notícia em destaque na seção de cultura do Diário de Pernambuco, no dia 6 de dezembro de 2011, com o título “Para a Rainha, sua coroa”.

Figura 3: Notícia de Coroação da Rainha Nina do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão



Fonte: Diário de Pernambuco, 6 de dezembro de 2011

No ano de 2018 aconteceu a cerimônia de coroação da atual Rainha do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, Luciana Trindade, que está neste posto desde o ano de 2015. A coroação da rainha Luciana, diferente da de Nina, ocorreu em frente à capela do Sítio de Pai Adão e foi celebrada pelo Babalorixá da casa, Manuel Papai em frente à capela do terreiro, ressignificando assim o local de coroações tido popularmente e socialmente como o mais

tradicional, a igreja de Nossa senhora do Rosário dos Homens pretos, mostrando a importância do Sítio de Pai Adão para a história do povo negro, assim como relembrando a escolha de outra figura importante para os maracatus, que foi Rainha Madalena, a qual, em sua época optou por ter sua coroação no Pátio do Terço.

Figura 4: Rainha Luciana Trindade sendo coroada pelo Babalorixá Manoel Papai, em frente à capela do Sítio de Pai Adão.



Fonte: Acervo do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, 2018.

A presença de um Babalorixá confirma a instância sacralizadora da coroação de reis e rainhas de maracatu, além dos rituais religiosos que ocorrem na casa a qual o maracatu está fundamentada, rituais esses que precedem o momento da coroação.

No momento da coroação da Rainha Luciana Trindade, como dita a tradição, estiveram presentes para testemunhar o momento, outras nações de maracatu. Foram elas: A Nação Estrela Brilhante do Recife e a Nação Aurora Africana com suas respectivas rainhas e damas do paço.

Durante a cerimônia de coroação, além dos maracatus, manifestações culturais como os Caboclinhos e Afoxés podem estar presentes. Por razões religiosas, é obrigatória a presença de ogãs, que são figuras responsáveis pela música nas cerimônias de candomblé e são eles os responsáveis por chamar os orixás através dos Ilús, agbês e agogôs, onde tocam

A trajetória das rainhas coroadas no Raízes de Pai Adão, desde Lúgia Rosalina até a atual rainha, Luciana Trindade, ilustra não apenas a continuidade das tradições que legitimam uma nação de maracatu, mas também levanta reflexões profundas sobre a questão da identidade.

A coroação é um momento de extrema importância para uma nação de maracatu, pois além de remeter à memória as coroações de reis e rainhas do congo, traz grande prestígio ao grupo, reforçando a ideia de tradição e também a relevância e compromisso da rainha, detentora de um papel de grande importância para a nação de maracatu, principalmente no sentido da proteção religiosa. Até hoje, muitos dos reis e rainhas de maracatu são Babalorixás e Yalorixás ou pessoas com cargos em seus respectivos terreiros ou de “mais idade” no santo (egbomis).

[...]o ritual de coroação no maracatu com suas respectivas datações indica que o cotidiano dos maracatuzeiros(as) sempre foi marcado por processos que lhes permitiram, e ainda hoje permitem, a ressignificação e/ou a retomada de suas práticas. O intervalo de vinte e dois anos entre coroação de Elda de Oxossi e de Marivalda dos Santos é um bom exemplo disto. Mais recentemente, em 2011, observa-se a coroação de Lúgia Rosalina reafirmando novamente a importância deste ritual na história do maracatu. (Oliveira, 2017, p.142)

Como bem disse Itaiguara e também é dito por tantas outras pessoas envolvidas com a tradição dos maracatus: “As figuras de rei e rainha são essenciais, sem elas não se pode dizer que o maracatu é um maracatu.”

“No período pós Dona Santa, até a década de 1980 não se tem ao certo registros mais detalhados de que alguma rainha de maracatu tenha sido coroada” (Oliveira, 2017, p.141). São poucos maracatus que têm rainha coroada, Oliveira ainda conta que do período de Dona Santa em diante, “as rainhas que se coroaram até hoje, como Elda de Oxossi, do Maracatu Porto Rico, Marivalda, do Estrela Brilhante do Recife, Ivanize de Xangô, rainha do Maracatu Encanto da Alegria (já falecida), Nadja de Angola, do Maracatu Leão da Campina, marcaram a retomada desse ritual.” (Oliveira, 2017, p.142).

Embora a coroação das figuras dos reis não sejam tão destacadas, quando falamos nas primeiras coroações dos Reis do Congo, eles que eram os destaque e as mulheres, embora também fossem coroadas, não recebiam este destaque. Há um motivo para o destaque das coroações das rainhas, além de compreendermos que a figura masculina recebe um destaque natural pelos locais que ocupa na nação, como mestres e batuqueiros, nos trazendo à memória que até pouco tempo mulheres não integravam o batuque, são elas, no contexto religioso, que

estão à frente dos cuidados espirituais. Oliveira (2017, pág. 137) comenta o caso de Rosinete, do Maracatu Elefante, que tinha permissão de ensinar novos batuqueiros a tocar, mas não podia se apresentar publicamente. Ou seja, “Ainda que esses novos arranjos tenham dado destaque a mulher dentro do maracatu, parece haver um lugar em que elas são mais legítimas.” (Oliveira, 2017, pág. 136) neste caso, a corte.

“Os símbolos e práticas religiosas que significam essa manifestação implicam nas posições e na distribuição do poder de homens e mulheres. Do ponto vista simbólico é possível sugerir que o masculino representa o poder temporal, encarnado no mestre que lidera o batuque espaço também simbolizado como masculino, e o feminino representa um poder sagrado, que emana da corte, encarnado nas figuras da rainha e da dama do paço, que carrega uma calunga (boneca), elemento que comporta os fundamentos espirituais do maracatu. Essas duas personagens são consideradas protetoras espirituais da nação Saliente-se que o batuque e a corte são os dois espaços em que o maracatu se divide.” (Oliveira, 2017, pág. 136)

Levando em conta indagações como “por que no passado as rainhas coroadas eram invisibilizadas?” e também “quem regia o batuque dos maracatus?” observamos que com o passar dos anos é possível observar reconfigurações nesta manifestação e um grande símbolo que nos traz à tona essas reconfigurações foi a figura de Dona Santa como Yalorixá e rainha do Maracatu Elefante.

Sobre isso, Oliveira traz: “Seu reinado como rainha coroada e liderança comunitária parece ter posto em evidência o papel das mulheres nessa posição. Isto sugere uma espécie de inversão de valores, ainda que historicamente não se tenha elementos que possam afirmar em que momento se deu tal inversão.” (Oliveira, 2017, pág. 140)

Nesse sentido, sugere-se que a rainha passa a ser mais importante do que o rei. Ao se coroar em 1947, Dona Santa iniciou um legado que a consagrou como símbolo de realeza, de poder sagrado e liderança temporal, reconhecida pelos integrantes da sua nação e por tantos outros grupos existentes na época [...] Luís de França parece ter sido o que mais buscou a mesma primazia e prestígio conferidos a Dona Santa, pelo reconhecimento que possuía como mestre de maracatu por ser detentor de um saber fazer à frente de um conjunto de homens. (...) tendo-se um representante de cada sexo das posições mais importantes e simultaneamente símbolos e emblemas dos dois espaços organizativos (...) corte e batuque, afigurava-se como tudo estando resolvido e devidamente registrado nos anais da história. (Oliveira, 2017, pág. 141)

Até o momento, a coroação mais recente ocorreu em 22 de julho de 2022, onde foi coroada a Rainha Amanda, do Maracatu Nação Encanto da Alegria, com ela também se coroou Rei Jocelmo, da mesma nação. Momento esse de muita emoção, onde é imprescindível a presença de rainhas mais velhas (no posto) de outros maracatus. Na data estavam presentes, as Rainhas dos maracatus: Raízes de pai Adão, Aurora Africana, e Leão da campina. A cerimônia de coroação foi celebrada pelo Babalorixá José Iguaracy Felipe da Costa, de Oxum Ijagurá (primeiro rei do Raízes de Pai Adão) e ocorreu na frente da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, às 18h.

Gostaria de aqui reforçar a importância das coroações das rainhas nas nações de maracatu, por estar atrelada à função de “representação espiritual” e aconselhamento, inclusive é possível encontrarmos rainhas que assumem também o papel de presidente da nação, a exemplo da rainha Marivalda do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife.

No contexto do maracatu, uma manifestação cultural profundamente enraizada na matriz africana, a coroação representa um ritual significativo que exige um envolvimento profundo com as práticas religiosas, especialmente durante a 'feitura'⁴⁸ no santo. Este processo não apenas simboliza a transição para a realeza dentro do grupo, mas também destaca a fortaleza religiosa do maracatu. Ter uma rainha coroada não é apenas simbólico; ela personifica uma conexão viva com as tradições ancestrais, fortalecendo não apenas a própria rainha, mas também enriquecendo a história do grupo como um todo.

A presença da rainha coroada eleva o status do maracatu, consolidando espaços sociais e promovendo um entendimento respeitoso da cultura africana.

O ritual de coroação agencia mudanças sociais, educando tanto a comunidade do maracatu quanto aqueles de fora, evidenciando a continuidade dinâmica destas práticas em contextos modernos. Essa prática continua a ser uma âncora cultural, destacando a resiliência e a riqueza das tradições africanas no cenário contemporâneo.

Dentro da corte do maracatu, as damas do paço e a rainha têm os papéis mais relevantes, pois “recaem sobre elas as responsabilidades de ordem religiosa para proteção do grupo” (Oliveira, 2017, p. 135).

Em seu trabalho: Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife, Guillen traz o seguinte:

Na contemporaneidade o ritual da coroação está associado aos rituais dos cultos afro-descendentes, notadamente o Xangô. Enquanto Dona Marivalda escolheu ser

⁴⁸ termo usado pelas pessoas iniciadas no candomblé.

coroada na frente da igreja de Nossa Senhora do Rosário, observando antiga tradição, Dona Ivanize escolheu ser coroada no Pátio do Terço, local hoje consagrado para os cultos afros, não só por que nesse pátio se realiza a Noite dos Tambores Silenciosos, mas também porque nele se situa a casa onde moravam Sinhá e Badia, renomadas ialorixás, tidas como as últimas africanas em solo pernambucano [...] A presença de um pai de santo nos dois últimos rituais confirma a instância sacralizadora, afora os rituais do Xangô que devem ser observados antes da coroação. (Guillen, 2004, p. 46)

Guillen traz ainda uma fala muito importante de Ivanize, antiga rainha do Maracatu Nação Encanto da Alegria:

No depoimento de D.Ivanize essa relação com os orixás é explicitada, desde quem tem poder para coroar até com o que acontece com a rainha depois de coroada: "Olha, eu tenho um babalorixá, que corta pra meu santo, é que põe o axé na minha cabeça, é que vive com meu santo, zela pelo meu orixá. Então é esse homem que eu tenho confiança de botar a mão na minha cabeça, então ele é que vai me coroar." (...)Mas eu acho importante, eu acho que a rainha só é rainha de fato quando ela é coroada. Seja em qualquer circunstância, ou pelo padre, ou pelo bispo, ou pela mãe de Santo ou pelo pai de Santo, eu acho que ela tem que ser. Eu acho que dá mais sustância, o Orixá chega mais. Chamei Papai para fazer a parte religiosa, uma pessoa assim muito digna, muito importante porque diz que no currículo dele só faltá isto, então..., ele disse que teve a maior satisfação de fazer essa cerimônia. Ele teve e eu tive mais ainda. Ficou muito bonita. (...) O Orixá toma mais conta daquela ... sei lá, você sabe, é como se uma pessoa tosse uma abiã, e tosse fazer o santo, o orixá não toma mais conta, não chega mais, não se aproxima mais? Coroação e orixá, eu acho que eles até agradece. Chega mais para dentro do maracatu, para dentro da casa, fica com mais responsabilidade com aquela pessoa. E se corou-se, então eu acho que quando você está se coroando está coroando também seu orixá. (Guillen, 2004, p. 47)

E reforça ainda sobre o tema que “A coroação hoje, pode-se afirmar, funciona como uma instância legitimadora das rainhas de maracatu diante de sua nação em particular e diante do ‘povo do santo’ de um modo geral”. (Guillen, 2004, p. 47)

A Narrativa explicitada pelo fundador sobre o Raízes de Pai Adão ser um maracatu que visa levar a história da família Sabino da Costa, remete às reflexões sobre a construção identitária, onde em suas duas versões, trazidas por Woodward, demonstra que a identidade pode se fundamentar “na “verdade” da tradição e nas raízes da história, fazendo um apelo à

“realidade” de um passado [...] no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história.” (Woodward, 2014 p. 24) A segunda, trazida pela autora, estaria enraizada na biologia, “Cada uma dessas versões envolve uma crença na existência e na busca de uma identidade verdadeira. O essencialismo pode, assim, ser biológico e natural, ou histórico e cultural. De qualquer modo, o que eles têm em comum é uma concepção unificada de identidade.” (Woodward, 2014 p. 24).

Contudo, diferente dos discursos essencialistas, na prática a identidade é uma construção. Embora o discurso sobre identidade sempre tenha um elemento essencialista, na prática essa identidade é negociada. Isso não acontece só no maracatu; os processos de construção e afirmação de identidade geralmente carregam essa contradição. A identidade depende tanto de reinterpretações do passado quanto de escolhas feitas no presente, como exemplificado pelas controvérsias sobre o lugar da coroação das rainhas, o que evidencia a ideia de que a tradição e a identidade estão em constante reconstrução.

Compreendemos que tradição pode ser algo interpretado como um conjunto de práticas herdadas do passado e que segue fazendo sentido no presente, sintetizadas no pensar, no fazer e no viver que se inserem de tal forma na cultura e no dia a dia que, mesmo passado o tempo, transformado o espaço no qual é praticada e renovados os que as praticam, elas ainda têm grande significado e seguem tendo ressonância para os mesmos (Silva; Silva, 2009). Deixando claro que se utiliza aqui o termo tradição, não como sinônimo de pureza, mas como lugar de invenção e reinvenção de um conhecimento proveniente da tradição oral mesclado com a escrita. A tradição pode ser vista também como uma preservação de aspectos do passado que vão se mostrando eficazes nas dinâmicas socioculturais cultivadas.

Dentro de algumas falas de Itaiguara, diretor do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, percebemos a construção de identidade a partir do discurso, o que nos remete às ideias de Canclini (1997), sobre identidade como narrativa negociada. Nesse contexto, deixa-se de construir o discurso para si mesmo e destaca-se a importância de mostrar para o outro a sua história, como é o caso da história da família de Pai Adão. Isso implica em uma construção de si que permite ao outro conhecer, caracterizando uma ideia de narrativa negociada (Canclini, 1997). Além disso, observa-se a presença da narrativa identitária multicultural, que busca construir pontes com o outro e manter o diálogo, trazendo um discurso compreensível e respeitado, inserindo-se em um contexto de comunicação multicontextual, que também negocia com as expectativas do outro (Canclini, 1997, p. 149).

Trazendo ainda a temática da identidade cultural na pós-modernidade, conforme discutida por Hall (1992), revela-se uma complexidade que desafia as noções tradicionais de

homogeneidade. Ao analisar a história, percebemos que mesmo as narrativas de identidade aparentemente mais homogêneas não se sustentam na prática. Podemos assim dizer que o próprio maracatu é híbrido. Hall argumenta: "A construção da identidade ocorre no encontro com os outros. É por meio das interações, das relações, que moldamos nossa identidade" (Hall, 1992, p. 394).

Nesse contexto, vemos que as identidades locais estão sendo reforçadas, enquanto as narrativas de identidade nacional estão passando por transformações. Ao invés de uma substituição do local pelo global, emerge uma nova articulação entre ambos. Hall destaca: "O impacto global se faz presente, mas ao mesmo tempo, há um interesse renovado pelo local e um retorno à etnia" (Hall, 1992, p. 398).

Essa perspectiva da identidade na pós-modernidade, conforme discutida por Hall, oferece uma lente analítica relevante para compreender a construção de identidade no contexto do discurso do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. Ao interagir com diferentes elementos e influências, a nação de maracatu reafirma suas identidades locais e estabelece uma negociação entre o local e o global, mantendo-se aberta às transformações culturais em curso.

Trazendo para o contexto do Ilê Obá Ogunté e o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, vemos que essas novas identificações globais e locais se conectam com a África, redefinindo as identidades locais. O grupo conseguiu financiamento do Funcultura para realizar uma viagem à África, demonstrando sua conexão com o global, mais especificamente com uma ideia de comunidade negra global. O Maracatu Raízes de Pai Adão é uma expressão singular do local, ligada à religião e ao terreiro, mas ao mesmo tempo constrói pontes com a África, transcendendo o espaço nacional.

Essas conexões com a África estão redefinindo a identificação local do Maracatu. Ele se torna simultaneamente pernambucano e pan-africano global, desafiando e redefinindo a própria noção de identidade pernambucana. Esse processo contínuo de reconexão com a África implica em uma nova identificação local, que vai além do localismo e se abre para um horizonte global.

O Raízes de Pai Adão, embora sendo um maracatu recente⁴⁹, obteve sucesso em ser reconhecido como um maracatu tradicional, questão levantada também em entrevista ao presidente do maracatu, perguntando o que leva este maracatu a ser reconhecido como tradicional.

⁴⁹Utilizo o termo *recente* no sentido de ser uma nação fundada nos últimos 30 anos (termo que utilizarei também para designar nações fundadas de 1990 em diante)

Somos um maracatu tradicional sim, porque a gente é um Maracatu Nação. Tem vários tipos de maracatus, tem maracatus percussivos, tem maracatu de espetáculo, que faz dança... a gente é um maracatu nação que tem todo o preceito⁵⁰, (para ser um maracatu tradicional) tem que pertencer a uma religião ter um outro formato, forma de costura, adereços, vestimentas, o maracatu nação tem várias coisas para ser considerado tradicional, de nação, diferente de outros maracatus. (Itaiguara, 08/12/2021)

Do ponto de vista da musicalidade, o baque do maracatu é a grande marca que o anuncia, podendo se ouvir de longe. Tem a presença dos tambores traçados ou bombos, (por muitos chamados de alfaia⁵¹) que se dividem em marcação e viração. Os chamados “bombos chefes” são muito maiores em relação aos outros, e são produzidos de tronco de macaíba, a função desses bombos é segurar a marcação do baque, assim, ficam geralmente na parte de trás do batuque ou distribuídos numa fileira no meio, ou num formato de T, a depender da quantidade, de forma que o som fique equilibrado, os bombos de viração são menores e ficam nas laterais na parte da frente do baque, próximo aos caixas e taróis, à frente do batuque vêm os ganzás ou mineiros e agbês (alguns maracatus utilizam também o patangome na instrumentação, que é um instrumento mais comum nas congadas, é um chocalho de mão, em formato de disco que lembra dois pratos fechados, ou remete a uma bateia, e dentro possui contas soltas que produzem seu som) conduzidos pela marcação de um ou dois gonguês que circulam durante todo o tempo, mantendo assim uma marcação que vai guiar todo o baque junto ao canto do mestre, que é respondido por todo o batuque, um canto responsorial, assim como ocorre nos terreiros, essa marca que pode ser entendida como um dos fundamentos identitários dos maracatus do Recife. Os discursos cantados, para além do cortejo trazem histórias importantes de cada nação, assim como cada baque tocado, seja Luanda, Malê, Martelo ou Arrasto, simboliza algo, como bem explicou o mestre Leandro em alguns ensaios. Para se visualizar e compreender melhor a instrumentação e loas do Raízes de Pai Adão, está disponível online o vídeo do desfile do maracatu no carnaval do Recife no ano de 2019 no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=rKKHmDdXCGQ&t=1865s>

⁵⁰Muitas vezes também chamado de resguardo, o preceito é um período de tempo onde se tem determinadas restrições por motivos religiosos, como por exemplo não beber ou não comer determinados alimentos.

⁵¹ Neste trabalho opto por denominar como bombo para não remeter os instrumentos a termos que possam fazer alusão a indumentária de igrejas católicas como ‘alfaia’ nem a algo que tem som falho ‘faia’, embora compreenda que o termo alfaia também tem uso corrente na região ibérica, o que induz conceber seu uso entre os maracatuzeiros no cotidiano de Pernambuco pela difusão europeia deste vocábulo de origem mourisca.

Figura 5 - Gonguê, agbês e caixas do Raízes de Pai Adão no desfile do carnaval de Recife no ano de 2019



Fonte: Acervo do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão.

Figura 6 - Bombos chefes e bombos menores, parte do batuque do Raízes de Pai Adão no desfile do carnaval de Recife no ano de 2019



Fonte: Acervo do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão

Figura 7 - Batuqueira tocando Patangome no Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife



Fonte: INRC do Maracatu Nação.

Segundo o mestre, o baque Luanda que é o mais popularmente conhecido, é o baque utilizado entre outras coisas, nas loas que fazem referência aos antepassados⁵², e é possível observar o fato ao ouvir as loas do Raízes de Pai Adão que fazem homenagem a Tia Inês e às calungas Vicentina e Alexandrina. Como por exemplo, a lôa que diz: “Tia Inês me dê licença pr’eu entrar no seu reinado, Raízes de Pai Adão recordando o seu passado”.

O baque Martelo seria uma variação do toque que os ilús de candomblé fazem em referência ao orixá Xangô, ou seja, o alujá de Xangô,

Em uma fala para o dossiê INRC de maracatu nação, o mestre Adriano Ferreira, do maracatu nação Leão Coroado também fala um pouco sobre essa importância da música como uma ligação do total no maracatu:

(...) maracatu é muito complexo, porque maracatu não é apenas tocar bombo, porque se fosse apenas tocar bombo muito grupo percussivo era maracatu. Maracatu não é só colocar a fantasia sem os bombos, porque se colocar alguma corte de reisado imperial sem bombos, cadê o maracatu? maracatu é todo um embasamento de batuqueiro para agradar a rainha, para agradar o mestre que ta ali na frente, pra fazer um cortejo de alegria de negros, de negras, de homo afetivos e de toda liberdade racial. E mesmo quando se vê um negro envolvido num ato do candomblé isso é festa, é cultuação do orixá. (Adriano Ferreira, 2012 in INRC, 2013)

⁵² É nas canções oferecidas a Dona Emília que os músicos executam o ritmo de *Luanda* - o toque "para salvar os mortos" ou *eguns*. GUERRA-PEIXE, César. in *Maracatus do Recife*. Prefácio de Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação de Cultura, 1981. 172 p. il.(Coleção Recife, v. 14).

Compreendemos então que certos rituais devem existir para que uma nação de maracatu mantenha o “vínculo religioso” que é um grande fator legitimador, para além das características de formato do grupo, como personagens integrantes da corte, padrão de vestimentas e tudo o que se leva também na identidade visual. A fala de Itaiguara também traz a reflexão acerca da exigência de uma “forma” que foi estabelecida também pelo fator regulamentador dos concursos de agremiações, neste caso, o que podemos chamar como “caráter de saída”.

De acordo com os regulamentos mais recentes da Federação Carnavalesca da cidade do Recife, as agremiações podem apresentar um tema, que deve ser informado com a antecedência de sete dias da data do desfile e serão julgados pela qualidade de apresentação na seguinte ordem: Batuqueiros, Dama do Paço, Corte Real, Fantasias, adereços e Evolução-Conjunto. As especificações como comprimento das roupas, número mínimo de integrantes atualmente é definida em reunião prévia. A prefeitura do Recife disponibiliza de forma online para todos terem acesso pelo site do sistema de incentivo à cultura (SIC)⁵³.

Embora no senso comum de nossa sociedade a noção de tradicionalidade esteja associada à de antiguidade, a observação dos maracatus de baque virado pernambucanos revela que entre as nações criadas nos últimos 30 anos, algumas tiveram muito mais sucesso que outros em serem reconhecidos pelos mais antigos e por observadores integrados ao meio, como tradicionais. Neste caso, deixando clara a distinção entre as nações de maracatu e os chamados grupos percussivos, que surgiram neste período (primeira década do século XXI) sem terem a pretensão de atender aos “critérios de tradicionalidade” que norteiam o debate sobre a definição, de maracatus como “verdadeiros”.

Diferente das nações de maracatu, podemos observar os chamados Grupos percussivos de Maracatu, que trabalham com a música do Maracatu de Baque Virado, usando instrumentos percussivos tradicionais e sem promover misturas com outros ritmos ou manter vínculos religiosos, mas fazendo variações rítmicas incomuns às nações e também existem os chamados Grupos Percussivos, que utilizam a linguagem do Maracatu de Baque Virado incorporam essa linguagem artística em outras musicalidades, misturando diversos ritmos, como samba, samba-reggae, afoxés, côco, etc, além de danças e instrumentações variadas, sem se limitar a instrumentos percussivos.

⁵³ site: <https://www.culturarecife.com.br/>

“Grupos que não têm o fundamento religioso não podem ser chamados de maracatu nação e sim, grupo percussivo. É preciso nascer e se criar dentro de uma casa de candomblé” Anderson Santos, presidente do Maracatu Encanto da Alegria, em entrevista em janeiro de 2021.⁵⁴

No caso do Raízes de Pai Adão, para além do vínculo religioso, existente desde sempre, existe uma forte questão territorial que também está vinculada à questão religiosa, já que o local onde surge este maracatu, para além de território sagrado, é território familiar. Esse vínculo religioso-territorial-sagrado do maracatu com o terreiro remete à frase: “O terreiro de ontem e hoje, portanto, representa um território transatlântico por excelência, um espaço “transcultural.” (Ortiz, 1991)

Essa essência territorial-identitária é algo muito significativo, inclusive destacado fortemente no trabalho “Território dos Maracatus-Nação de Pernambuco” dos geógrafos Cleidson Ferreira e Rafael Anjos.

Maracatu-Nação se define também a partir de uma essência territorial. Pois está no chão, no terreiro, na terra a sua composição identitária. Ser Maracatu-Nação passa por elos comunitários, afetivos e valores partilhados entre as pessoas que o compõem.[...] Aí está o fato de denominar-se “Nação” e não grupo, e é onde podem ser traçadas as fronteiras identitárias entre os grupos percussivos, os grupos estilizados e os Maracatus-Nação. (Ferreira; Anjos, 2012, p.12)

A preservação da memória familiar e sua explicitação emergem como um dos principais objetivos do Maracatu. É notável que o impulso que motiva o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão a participar dos desfiles de agremiações hoje em dia não é mais o mesmo que impulsionava os maracatus no século XIX. Hoje em dia podemos dizer também que os maracatus são uma representação de uma tradição de matriz africana, de uma ancestralidade, de uma religiosidade e de uma territorialidade. O foco, que no século XIX era uma resistência em busca também de direitos do povo negro, que foi importante balizador nas negociações (embora não tenha deixado de ser), hoje reside na preservação de uma história transmitida através de gerações dentro da mesma família afrodescendente. Este espaço proporciona a oportunidade para que outros possam ouvir suas narrativas, destacando-se a importância atribuída à relação e ao reconhecimento estatal, evidenciada nas suas falas.

⁵⁴ matéria: Maracatu nação é uma coisa, grupo de percussão é outra. Entenda. disponível em: <https://interd.net.br/maracatu-nacao-e-uma-coisa-grupo-de-percussao-e-outra-entenda/20/01/2021/>

“o terreiro mais antigo, tombado pelo Governo do Estado, muitos pesquisadores, muitas escolas vão lá para saber a história da nossa família, é uma história muito bonita, e muito importante para a história de Pernambuco e de Recife, contribui para a história de Pernambuco.” (Itaiguara, 08/12/2021)

Sobre a memória, vemos e compreendemos que ela pode ser tanto individual quanto coletiva, porém ambas em determinado momento se entrelaçam em direção à construção social. “A perda da memória social pode representar o fim da identidade de uma sociedade.” (Deglinomini, 2014). Pensando desta forma, podemos melhor compreender as seguintes falas de Maninha e Itaiguara:

Eu gosto (de fazer parte do maracatu), pelo fato de ser da minha família, de representar minha família, pra mim é uma satisfação. [...] é gratificante porque as pessoas conhecem a história da nossa família é gratificante, a família é grande, a história é boa, é um orgulho pra mim fazer parte do maracatu e da minha família. (Maninha, 08/12/2021)

A gente tem que deixar esse legado bem aceso, bem forte porque se não fizer isso a tradição morre. [...] porque eu tô vendo que até dentro da comunidade do sítio tem pessoas que moram lá e não sabem a história de lá mesmo. (Itaiguara, 08/12/2021)

A preservação da história familiar, considerada como legado ou tradição pelo fundador do maracatu, assume uma importância crucial não apenas pela capacidade de compartilhar essa história com a sociedade, mas também por assegurar sua permanência na memória das gerações mais jovens do próprio sítio.

Retomando a questão religiosa presente na hierarquia do maracatu, notadamente no contexto do papel feminino, observamos a responsabilidade de proteção assumida por figuras como a rainha e, posteriormente, pelas damas do paço. Elas desempenham um papel fundamental nas obrigações rituais internas e indispensáveis do terreiro, onde as oferendas são realizadas. São essas mulheres que assumem a responsabilidade pelo cuidado espiritual de todo o maracatu. Um aspecto digno de nota é que são as damas do paço que lideram o desfile ao lado do porta-estandarte. Esta dinâmica explica a forte participação delas nos rituais pré-carnavalescos e na execução dos preceitos religiosos durante as obrigações, como confirmado por uma dama do paço através da seguinte declaração:

O preceito começa no quarto do balé⁵⁵ Porque as calungas são antepassados, as donas (do maracatu), então tem o preceito do balé pra depois ir pro quarto do santo, tem o resguardo também, então quando começa o preceito a gente que carrega a calunga entra em resguardo junto com elas. [...] pega as calungas, veste elas de branco, dá o banho de amaci⁵⁶, das ervas e depois veste elas, então tem o preceito [...] Dessa forma todos os participantes, não todos porque alguns trabalham, mas participam do preceito, é todo um conjunto. (Maninha, 08/12/2021)

As bonecas de madeira - calungas - são um dos elementos sagrados do maracatu, alguns dizem que já se faziam presentes aos cortejos das nações africanas, do qual se originou maracatu. O fato é que são bonecas feitas em madeira que representam figuras de grande importância para o terreiro e para o maracatu. Faz parte do ritual do maracatu, encarnando nos seus axés a força dos antepassados do grupo e seus orixás. Em sua honra são cantadas, ainda dentro da sede, as primeiras loas, quando a Calunga é retirada do altar pela dama-do-paço. Elas são submetidas a cuidados e restrições para que o maracatu possa sair às ruas com proteção, desta forma, as mulheres que as conduzem se envolvem completamente neste processo junto às bonecas, como deixa claro em sua fala a dama do paço. “São as calungas que estão no centro do segredo da “seita” que articula o “vínculo religioso” entre as “saídas” e os preparativos “feitos” no “terreiro” de cada maracatu.” (Kubrusly, 2007, p. 81) São ainda as calungas que recebem obrigação, para que o maracatu saia protegido às ruas.

As obrigações do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão inicialmente eram feitas no sítio, após alguns anos passaram a ser feitas no Ilê Iemanjá Ogunté, terreiro também da família, fundado por Malaquias Felipe da Costa - *Ojébúi* - (1909 - 1984) - que fica localizado numa rua por trás do Sítio de Pai Adão, no bairro de Água Fria, tendo como Ialorixá Maria Lúcia Felipe da Costa - *Omitoogun* - popularmente conhecida como Mãe Lú, neta consanguínea de Pai Adão que teve ao seu lado na liderança do terreiro seu irmão, Paulo Braz Felipe da Costa até 2016, ano em que ele faleceu.

⁵⁵ Quarto de balé é o local do terreiro onde se cultua e se faz as oferendas (obrigações) aos ancestrais da casa, diferente do quarto de santo, que é onde ficam os orixás. São locais separados.

⁵⁶ Banho com ervas consideradas sagradas.

As obrigações já foram feitas no sítio, que é a casa matriarca da gente, mas eu fazia muito na casa da minha tia de Iemanjá Ogunté, de tio Paulo Braz, (o terreiro) era do meu avô, ficou com tio Paulo e meu pai, babá⁵⁷ Jaci. (Itaguara, 08/12/2021)

A relação do maracatu com uma almejada autenticidade da tradição se dá então (principalmente) a partir da ligação com a religião, segundo os maracatuzeiros, e as obrigações religiosas fundamentam também a afirmação de tradição e autenticidade. Podemos observar também que “Essa relação dos maracatus com as religiões de matriz africana é histórica, apontada por folcloristas no início do século XX, e demais estudiosos no decorrer do século.” (Koslinski; Guillen, 2019, p.149).

“Os maracatus vinculam pessoas, orixás e ancestrais no carnaval, em especial, através de sacrifícios e oferendas nos dias que antecedem o desfile de carnaval e sua participação no mesmo.”(Filho, 2015, p.110)

Para além disso, “para alguns segmentos da população negra, a Zona Norte guarda a importante história da resistência dos maracatus e dos terreiros das religiões afro- brasileiras à perseguição da era Vargas.” (Carvalho, 2007, p. 62)

Sobre a Zona Norte, gostaria de trazer também algumas informações sobre ocupação de espaço, em especial dos morros na Zona Norte do Recife que remonta ao período colonial, como traz o geógrafo Santana (2019). Quando Olinda foi estabelecida em uma área elevada para facilitar a vigilância dos estuários dos rios Capibaribe e Beberibe. Em contraste, o Recife começou como um pequeno lugarejo na planície costeira, expandindo-se gradualmente a partir do século XVI. A população mais pobre se estabeleceu em mocambos nos manguezais, enquanto as classes mais ricas ocupavam as áreas "de terra firme", menos sujeitas a inundações.

Com o tempo, a migração para o Recife após a abolição da escravidão intensificou a formação de mocambos e palafitas nos manguezais. Durante as décadas de 1940 e 1950, a pressão para o fim dos mocambos na região central levou à transferência não planejada dos moradores para os morros de Casa Amarela, Beberibe e Água Fria, na zona norte. Essa ocupação se expandiu significativamente, como evidenciado pelo adensamento populacional nos bairros de Morro da Conceição, Vasco da Gama e Alto José Bonifácio, entre outros, marcando uma mudança significativa na paisagem urbana do Recife.

Essa região é uma região de ocupação periférica mais antiga, as comunidades dessa região são mais organizadas, mais enraizadas e conseguiram conquistar melhorias de

⁵⁷ É comum se referir a Pai ou Babalorixá pelo termo Babá. Tradução do Iorubá: pai.

infraestrutura, urbanismo bem antes das periferias das outras regiões da cidade por conta da organização comunitária, se existe uma história de resistência importante ligada à essa antiguidade.

Ao se falar da religiosidade nas nações de maracatu de Pernambuco, é importante se considerar que “tal prática cultural é organizada através dos terreiros de religiões de matriz africana, mas não limitada a eles. Assim os maracatus-nação de baque virado possibilitam o diálogo com suas intersecções sociais, artísticas e comunitárias.” (Alencar; Raimundo, 2016, p.39)

As Calungas do Raízes de Pai Adão, Alexandrina e Vicentina, foram duas Yalorixás. De acordo com a genealogia da família: Vicentina é a calunga que representa Tia Vicência, uma antiga mãe de Santo do Sítio (consagrada a Iemanjá), era filha biológica de João Otolu e foi mãe de Santo de Mãe Lú (Maria Lucia Felipe da Costa). Vicência era tia de santo de Alexandrina (consagrada a Oxum), representada pela calunga com seu nome, Alexandrina foi Mãe de Santo de Zite - *Oyin Osun* - (falecida em 2018). A essas calungas é oferecido anualmente uma obrigação no balé, nos dias que antecedem o carnaval, ritual esse que também é acompanhado por cantos, assim como todos os rituais dentro da liturgia do candomblé. Não irei detalhar o ritual aqui por ser uma função muito interna dos terreiros e não ter total acesso por se tratar de um rito conduzido e presenciado apenas por homens.

“Apesar do carnaval ser constantemente trabalhado como uma festa ligada à espontaneidade e à quebra das hierarquias e da ordem, os carnavais brasileiros, e em especial a festa recifense, possuem uma relação direta com o Estado.” (Andrade, 2016) Com a criação de esquemas para regular o festejo popular. A partir dos anos 1970, a Prefeitura do Recife, reforça seu interesse pela festa sob a ótica da gestão pública para o turismo. Esta relação entre carnaval e administração pública em Recife encontra seu ápice no início dos anos 2000, com a criação do Carnaval Multicultural do Recife, visando a democratização da festa, a variedade de manifestações culturais tão diversas no estado e a descentralização dos polos de animação. Assim, promovendo shows em todos os bairros e tendo em sua programação a presença das diversas manifestações culturais.

Durante o período carnavalesco, além do momento do desfile oficial das agremiações, o Raízes de Pai Adão participa da Abertura do Carnaval (atualmente o TUMARACA)⁵⁸ de Recife e da Noite dos Tambores Silenciosos, além dos cortejos que ocorrem em polos

⁵⁸ Até o ano de 2016, a abertura do carnaval contava com as nações de maracatu sendo regidas pelo percussionista Naná Vasconcelos. Após seu falecimento, as nações passaram a tocar no TUMARACA, em homenagem ao nome dado por Naná a esse encontro de nações que ocorria na abertura. o TUMARACA ocorre um dia antes da abertura oficial do carnaval da cidade.

descentralizados, tendo assim muitas vezes mais de uma apresentação por dia, em diferentes locais (algumas vezes foi preciso dividir a nação em dois pequenos grupos, para se fazer presente em mais de um local).

Uma das grandes preocupações da direção é o pequeno número de batuqueiros na nação, quando comparada a outras, então, pensando em atrair novos batuqueiros para a mesma, uma forma que a direção do maracatu encontrou foi oferecer oficinas em colégios e em outros bairros, pois, para além do fato do pequeno número de integrantes no batuque, muitas vezes acontece de alguns batuqueiros saírem do maracatu para outra agremiação ou para outra nação que possua mais destaque e seja maior, já que na região da cidade em que fica localizado há uma grande quantidade tanto de nações de maracatu quanto de outras agremiações. Atualmente o Raízes de Pai Adão conta com cerca de 40 ou 50 batuqueiros, enquanto podemos observar nações que conseguem reunir 150 ou até mais.

O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão foi fundado sem intenção inicial de desfilar no carnaval. Foi feito para fazer apresentações, sem intenção de participar em concursos como o desfile oficial de agremiações no carnaval do Recife, contudo, no ano de 2003 a nação desfilou pela primeira vez no carnaval, no grupo de aspirantes⁵⁹, e em 2006 o maracatu saiu do grupo de aspirantes e entra na segunda categoria onde conseguiu sair campeão, subindo assim para a primeira categoria no ano seguinte (2007) e, tendo também neste ano de 2007 conquistado o primeiro lugar, entra para o grupo especial, grupo que o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, apesar de ser um maracatu recente e pequeno se comparado a outros maracatus antigos, tem se mantido há nove anos. A seguinte fala ilustra bem este fato:

Quando eu cheguei no primeiro grupo ainda foi bom, mas quando a gente chegou no grupo especial a gente se deparou com aquela monstruosidade, a gente viu aqueles maracatus enormes, eu olhei assim... meu Deus, como é que a gente vai disputar com esses maracatus? [...] (Itaiguara, 08/12/2021)

A grande preocupação de Itaiguara ia além do batuque, mas também a corte, ao observarmos os desfiles de nações como o Estrela Brilhante do Recife, na mesma categoria

⁵⁹ Nos desfiles de carnaval, os grupos são divididos por categorias onde as nações que estão desfilando pela primeira vez entram como aspirantes. Tendo os critérios de julgamento cumpridos, vão subindo de categoria, se atingirem a primeira colocação, até chegarem no grupo especial, que é onde estão os “melhores” maracatus. No grupo especial desfilam nações como Porto Rico e Estrela Brilhante, nações amplamente conhecidas e antigas.

que o Raízes de Pai Adão, é muito nítida a diferença do tamanho, mas ainda assim, o tamanho não impediu o Raízes de Pai Adão de se manter na categoria especial

Através da nação de maracatu, também se iniciaram trabalhos sociais que impactam diretamente a comunidade de forma positiva, merecendo destaque apropriado. Durante vários anos, o maracatu ofereceu cursos de computação, dança, corte e costura, os quais funcionaram até 2017, quando foram interrompidos por questões financeiras. Alguns desses cursos foram ministrados pelo Ministério da Cultura e outros pelo Governo do Estado. Esse fato é inclusive trazido no trabalho de Campos (2011) em entrevista concedida pelo Babalorixá do Sítio de Pai Adão, Manoel Papai:

Dentro da rendazinha, lá a gente dá curso. Agora a gente deu curso de corte e costura; serigrafia, artesanato, estamparia (...) Estão de fato. Nós temos uma feira básica, uma cesta básica mensalmente para a comunidade carente. Nós temos esses cursos. Esse primeiro curso foi dado pelo Ministério da Cultura, foi uma maravilha. Esse segundo agora vai ser dado pelo Governo do Estado... (Manoel Papai, 2010).

Esta interrupção se deu tanto pelo fim desses apoios, quanto pela incapacidade de se manter o aluguel de uma das antigas sedes do maracatu, que ficava localizada na Estrada Velha de Água Fria, nº 1463, local que dispunha de um amplo espaço disponível para as atividades. Anteriormente o Raízes de Pai Adão teve uma sede que apenas comportava as roupas e parte dos instrumentos, também localizada na mesma rua e que não possibilitava a realização desses trabalhos, que aconteceram no Sítio de Pai Adão por um período. Com o dinheiro de uma das premiações, foi possível mudar para a sede maior no ano de 2014 e permanecer até o ano de 2017, de 2017 até recentemente os instrumentos e roupas ficaram em um espaço cedido pela direção da escola de samba Gigante do Samba, também localizada no bairro de Água Fria, a sede atual fica numa das casas dentro do Sítio de Pai Adão e é compartilhada com o Afoxé Povo de Ogunté, também fundado no mesmo terreiro. Atualmente, há um projeto que permanece ativo, a escolinha de futebol do Raízes Futebol Clube, sediada no bairro de Jardim Brasil, em Olinda. Além de oferecer novas perspectivas aos moradores locais, com um trabalho muito importante de combate ao racismo, esse projeto tem servido como uma estratégia para também atrair mais membros para o maracatu, possibilitando o contato entre a comunidade e os integrantes da nação.

Em dezembro de 2011, no blog sobre o inventários do maracatu nação, foi publicado sobre a coroação da primeira rainha do Raízes e um dos parágrafos se voltou aos projetos que o maracatu promovia com auxílio do governo do Estado:

O Raízes de Pai Adão acumula uma série de participações e prêmios de vários carnavais, isso sem falar no projeto Nação Cultural do governo do Estado, que se apresentou em Nazaré da Mata, Petrolina e Floresta, e, o Projeto “Na onda do Raízes” desenvolvido junto com crianças de várias comunidades, realizando oficinas de Maracatu, Coco, Afoxé, Ciranda e iniciação a Ogan Alabê (ritmos Nagô pernambucano). Vencedor também do Prêmio Cultura Viva do MINC, pratica visitas a museus e outras agremiações, e claro, atividades recreativas, ainda mantém uma escolinha de futebol com quase 90 crianças e adolescentes da comunidade de Água Fria e Bomba do Hemetério. (Inventário Cultural dos maracatus nação, 2011)⁶⁰

Há uma considerável dificuldade financeira para a manutenção do maracatu, sendo uma das principais queixas a falta de uma sede com espaço adequado. Durante muitos anos, o maracatu enfrentou essa questão, armazenando seus adereços e instrumentos em um espaço cedido pela diretoria da escola de samba Gigante do Samba, localizada no bairro de Água Fria. Atualmente, o maracatu compartilha uma sede no sítio de Pai Adão com o afoxé Povo de Ogunté, que também foi fundado no mesmo terreiro por outros familiares.

As dificuldades são relatadas não apenas pela direção do Raízes de Pai Adão, como também por integrantes de outras agremiações. Um dos movimentos feito pela direção para manutenção da nação é a realização de inscrições do maracatu em editais possíveis, um deles, foi o que possibilitou a participação do Raízes de Pai Adão na *Celebração da Consciência Negra*⁶¹, evento promovido pelo Engenho Poço Comprido, que é um museu histórico localizado no município de Vicência, Pernambuco. O fato de se pensar na nação como uma “agremiação” que vai além do carnaval, mas também o condutor de cultura, incentiva sua liderança a buscar meio dessa manifestação cultural mostrar um pouco de sua história em vários locais e ambientes, como foi o caso de apresentações que ocorreram no FIG (Festival de Inverno de Garanhuns) 2019, fenearte (em diversos anos) e outros locais, além de festas em clubes próximos ao terreiro. É uma forma de cumprir a proposta narrada pelo diretor, de levar a cultura e história da família a todos, e ainda arrecadar fundos para a manutenção.

⁶⁰ disponível em:

<https://inventariomaracatusnacao.blogspot.com/2011/12/coroacao-da-rainha-e-do-rei-do-maracatu.html>

⁶¹ Primeiro evento realizado de forma presencial no Museu Poço Comprido. Informação presente também no conteúdo sobre o evento, no site do museu, acesso através do endereço eletrônico: <http://pococomprido.com.br/13-celebracao-da-consciencia-negra-no-museu-poco-comprido/>

[...]Através disso, de a gente mostrar a nossa identidade , o nosso legado, colocar na rua uma agremiação, foi isso que a gente queria mostrar e estamos até hoje, há mais de vinte anos que o maracatu está na ativa. [...] o maracatu foi feito para a gente divulgar o legado da nossa família. (Itaiguara, 08/12/2021)

As falas de Itaiguara e Maninha, sobre o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e a história do mesmo, assim como seus discursos sobre tradição, mostram um pouco a importância de cada parte existente no maracatu, seja batuque ou côrte, e como suas funções contribuem para a manutenção da nação, assim suscitando reflexões sobre a concepção de tradição a partir dos membros do maracatu e como a trajetória desta nação, assim como ações contribuem para a manutenção e asseguram a transmissão desse legado.

É interessante observar a importância das ações realizadas para além do momento carnavalesco, não apenas musicalmente falando, mas as ações que visam um movimento que proporciona a muitas pessoas um maior contato não apenas com o maracatu, mas com a história e cultura local. Com a participação de alguns integrantes do maracatu nas visitas proporcionadas a escolas da região até o Sítio de Pai Adão, os visitantes têm a chance de conhecer a história do terreiro mais antigo em funcionamento do Estado e conhecer o maracatu, entender para além de sua histórias, as ações sociais existentes e proporcionar a muitas pessoas a experiência de tocar algum dos instrumentos do maracatu e posteriormente, ter sua própria narrativa acerca de sua experiência pessoal. Vale ressaltar que esta questão do território específico do terreiro e vivências do maracatu no mesmo, é algo que se aplica apenas ao Raízes de Pai Adão.

Gostaria de lembrar ainda do conceito de "tradição-objeto" trazido por Carvalho (2007) que implica na ideia de que elementos culturais, como o próprio maracatu, são constantemente moldados e reinterpretados ao longo do tempo, adaptando-se às demandas simbólicas e comerciais da sociedade em que estão inseridos. Nesse sentido, o maracatu não é apenas uma continuidade estática do passado, mas sim um objeto em constante processo de recriação e reconfiguração, moldado pelas forças sociais e culturais que o cercam.

Essa perspectiva reconhece a complexidade da tradição cultural, destacando que ela não é apenas transmitida passivamente de uma geração para outra, mas sim constantemente negociada e reinventada pelos indivíduos e grupos que a praticam. Assim, o maracatu, enquanto "tradição-objeto", é tanto um produto das influências históricas e culturais que o precederam quanto uma construção ativa e em constante evolução por parte de seus praticantes e comunidades.

3 ALÉM DAS IMAGENS: CONEXÃO IFÊ - RAÍZES DE PAI ADÃO E BABÁ⁶² PAULO BRAZ

No ano de 2014 foi ao ar na TVU Recife - TV pública ligada à Universidade Federal de Pernambuco - o documentário intitulado “Babá Paulo Braz - Conexão Ifê”, com duração de 62 minutos, tendo como diretor e roteirista Gustavo H. Almeida e direção de fotografia de Felipe Peres Calheiros. O documentário teve como intuito propagar o legado da família, do terreiro e do maracatu, refazendo a lendária viagem realizada por Pai Adão, em 1906 - realizada para aprimorar seus conhecimentos religiosos, que foram incorporados ao Candomblé de tradição Nagô de Pernambuco - e trazer à tona semelhanças culturais existentes através do que se foi preservado pela família Sabino da Costa. As semelhanças vão se constatando ao longo da viagem, desde hábitos familiares e organização estrutural das casas no sítio - segundo relatos de Itaiguara - até os *àdùrà*⁶³ e cânticos em iorubá que Paulo Braz teve a oportunidade de entoar ao rei de Oyó - tendo sido muito elogiado pela fluência na língua iorubá - ou o sistema de divinação utilizado pelo mesmo, sendo reconhecido como herdeiro espiritual legítimo (Omo Bibi – O Bem Nascido), de Adifabola-Babalawo Alakèomo e confirmado Alapini⁶⁴ por herança familiar. Há também diferenças, as que bem traz Olavo em sua dissertação, entretanto, como o mesmo diz a cerca dos relatos de Paulo Braz sobre a viagem “isso (diferenças) não impediu que os viajantes reconhecessem certas “coincidências” Esse coincidir não equaciona a diferença, mas a reverte em movimento de atualização.”(Filho, 2015, pág. 152)

No bojo de de uma longa trajetória de lutas pelo reconhecimento oficial das comunidades de religião afro brasileira em Pernambuco, o documentário representa a construção de uma narrativa identitária negociada (Canclini, 1997) em diversas instâncias, desde a propagação do legado da família Sabino da Costa, a legitimação de sua primazia entre os terreiros locais a partir da retomada dos vínculos com a matriz Iorubá, até aspectos mais gerais referentes ao fortalecimento das conexões entre Brasil e Nigéria e à redefinição de uma identidade negra pós-moderna (Hall, 1992) para além das fronteiras locais e nacionais, se integrando às narrativas contemporâneas do panafricanismo.

⁶² Babá, traduzido do iorubá, pai. Forma comumente utilizada pelos adeptos do candomblé para se dirigir ao babalorixá (Pai de santo / Pai do Orixá) da casa/terreiro.

⁶³ Orações ou invocações

⁶⁴ Cargo ritualístico do Candomblé relacionado com os ciclos vitais de transformação na terra e a dimensão ancestral da vida.

A realização do documentário contou com financiamento do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura) - mecanismo de fomento a projetos culturais com recursos do governo do estado. O projeto para a realização do documentário contou com auxílio do historiador João Monteiro, amigo da família Sabino da Costa e que está sempre envolvido nos projetos do Maracatu, tendo na produção executiva Itaiguara Felipe da Costa, sobrinho de Paulo Braz e fundador do Maracatu Nação raízes de Pai Adão. Algumas imagens, feitas anteriormente no terreiro, com o babalorixá cantando, foram captadas por Virgínia Maria Yunes.

Tendo como proposta inicial de falar sobre a história do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, vendo Paulo Braz - importante figura religiosa enquanto Babalorixá no Candomblé de tradição nagô, ou Xangô de Recife - presente e sua alegria em refazer os passos de seu avô, o filme se voltou para, além de registrar o Raízes de Pai Adão enquanto único maracatu de baque virado a viajar ao continente africano e levar um pouco da cultura Pernambucana, também ser um registro do líder religioso, cuidador espiritual da nação de maracatu e ascendente dos integrantes, realizando assim o sonho da família, uma viagem ao berço sagrado do Iorubá, as cidades de Ilé-Ifé, Oyó e Oshogbo, na Nigéria, onde o Babalorixá teve importante participação junto ao maracatu no "Colóquio Internacional Afro-Identities nas Encruzilhadas", na Universidade Obafemi Awolowo de Ilé-Ifé, Nigéria, além do "World Sango Festival" (festival mundial de Xangô) e visita ao palácio do Rei de Oyó, Obá Sijuede.

Paulo Braz Felipe da Costa (in memoriam), nasceu na cidade de Recife, em 3 de fevereiro de 1941, filho de Malaquias Felipe da Costa (*Oje Biyi*) e Leônidas Josefa da Costa (*Omiṣèún*), neto legítimo de Felipe Sabino da Costa (*Adamassi*) (conhecido como Pai Adão) e Maria da Hora da Costa. Bisneto do alapini Sabino Felipe da Costa (*Adifabola – Babalawo Alakèomo*) nascido em Oyo-Oba - Lagos Nigéria e tataraneto de *Abilaré*.

Reforço neste trabalho a ascendência e os nomes de batismo e de roncó de cada membro citado por ser algo relevante para a história da família e também por proporcionar uma narrativa de resiliência que transcende as adversidades ocorridas quando se leva em consideração os acontecimentos históricos do Brasil.

Segundo o historiador Alexandre L'Omi L'Odò, em texto publicado⁶⁵ sobre o sacerdote, conta-se que o nome Braz foi escolhido devido ao fato do sacerdote ter nascido no dia de São Braz, santo católico "invocado para curar engasgamentos e problemas na garganta". Em uma

⁶⁵ texto presente em seu blog, no endereço:

<https://alexandrelomilodo.blogspot.com/2012/02/tio-paulo-braz-ifatoogun-um-sacerdote.html>

fala de Paulo Braz, na defesa de seu nome como patrimônio vivo de Pernambuco⁶⁶, o mesmo conta que em sua família haviam devotos de santos católicos, inclusive comenta sobre as novenas para Nossa Senhora da Conceição, promovidas por Pai Adão.

Paulo Braz teve uma vida bastante “heterodoxa” profissionalmente.

“Pernambucano, não poderia fugir às suas origens, portanto, o carnaval invadiu sua vida, levado pelas mãos de seu próprio pai. Foi presidente do Bloco Carnavalesco Madeira do Rosarinho entre 1967 a 1975, “em um império” de muito sucesso. Seu pai também foi presidente deste mesmo bloco em 1944. Em 1974, foi tesoureiro da agremiação. Gafieira e carnaval embalam sua juventude recifense. Ainda foi secretário do 13 Atlético Clube e fundou a escola de samba A Charanga que posteriormente transformou-se em Escola de Samba Couro de Bode, que ainda hoje está em atividade na Cidade de Camaragibe/PE.” (L’Omi L’Odò, 2012)

Paulo foi taquígrafo profissional, formou-se em contabilidade comercial e trabalhou no Banco Irmãos Guimarães, onde, segundo relatos de familiares, iniciou servindo cafezinho, mas com o tempo granjeou outros cargos, tendo sido promovido a escriturário e posteriormente a contador. Em entrevista cedida por Paulo Braz em 2011 ao historiador Alexandre L’Omi L’Odò, o assunto é abordado.

Foi em 03 de fevereiro de 1965, dia de seu aniversário que se empregou oficialmente pela primeira vez. Sempre relembra: “Meu avô Adão e meu pai queriam muito que todos os seus filhos tivessem anel no dedo, mas infelizmente as condições da família não davam na época”. Portanto, a maioria aprendeu um ofício, como carpinteiro, costureira, serralheiro etc. relata.”

Após provar sua capacidade como escriturário, foi mais uma vez promovido a contador do Banco, e isso “sem anel no dedo”, fala rindo, ao lembrar das dificuldades e racismo sofridos por ele neste período. Fala que era difícil um negro chegar ao alto escalão de um banco, lugar aonde ele chegou, e que isso provocou a ira de muitos ditos brancos na época, sobre tudo porque ele ainda avançou mais e foi gerente de expediente e depois gerente administrativo da empresa. (L’Omi L’Odò, 2012)

O Babalorixá além de seguir as tradições do Nagô de Pernambuco, foi iniciado no culto de Ifá tendo como seu sacerdote e amigo o Nigeriano Ajibolá, assim obtendo o domínio

⁶⁶ vídeo disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ewOKVYhatGE&t=583s>

sobre os jogos divinatórios como Opelé⁶⁷ e Ikin⁶⁸ no Opon Ifá⁶⁹, além dos búzios dentro da tradição de odú nagô pernambucana⁷⁰.

Conta-se que após um problema de saúde, foi recomendado pelo médico ler bastante e em voz alta para exercitar movimentos e coordenação da fala, assim como fortalecer a memória, e assim, Pai Paulo Braz foi presenteado por seu filho de santo nigeriano com um livro sobre Ifá, tendo a partir daí reescrito os versos para trabalhar a memória, assim como estudar o Ifá para posteriormente iniciar-se no culto.

3.1 O MARACATU NAÇÃO RAÍZES DE PAI ADÃO: UM FIO DE CONEXÃO

A viagem do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão para a Nigéria representa um marco significativo na preservação e disseminação da cultura afro-brasileira, em particular da tradição dos Maracatus Nação.

Como o primeiro e único Maracatu Nação a realizar tal jornada ao continente africano, este evento não apenas evidencia a importância e a singularidade desta manifestação cultural, como a importância enquanto agremiação e amplia suas fronteiras além do território nacional. O maracatu nação tem uma importância dentro da política cultural do estado e podemos dizer que o maracatu Nação Raízes de Pai Adão tem uma importância dentro desse contexto porque ele foi o maracatu escolhido para ir nesta viagem, o que reforça e afirma seu prestígio.

Enquanto presidente do maracatu, Itaiguara enfatiza a relevância histórica dessa viagem, ressaltando a reconexão dos integrantes com as raízes ancestrais através dos passos de Pai Adão, cujo nome batiza a própria agremiação. Essa experiência transcende o aspecto artístico, constituindo-se em um ato de reverência e reconhecimento público às origens e às tradições que fundamentam o Maracatu Nação.

O registro documental dessa jornada não apenas documenta os feitos e algumas das falas dos que vivenciaram a experiência da viagem, mas também funciona como uma

⁶⁷ Opelé-ifá é uma espécie de rosário, um colar aberto composto de um fio trançado de palha da costa ou fio de algodão, que tem, pendentes, oito metades de fava de opelé

⁶⁸ É um jogo composto de 16 nozes de um tipo especial de dendezeiro.

⁶⁹ Tábua utilizada para marcar os signos (sequências) obtidos com o jogo de iquins sobre um pó chamado ierossu.

⁷⁰ A diferença entre o jogo de búzios que conhecemos, com 16 búzios é que dentro do culto de Ifá o jogo terá mais combinações, sendo 16 Odu que tem 15 respostas, cada um formando o número de 256 odus e cada odu citando 16 versos chegando a um total de 4096 versos, que devem estar presentes na mente do Babalawo. É a partir destes versos que o sacerdote de Ifá faz as orientações espirituais.

ferramenta de legitimação da tradição do Maracatu. As narrativas presentes no documentário, especialmente aquelas compartilhadas pelo presidente do maracatu e pelo babalorixá, destacam a importância cultural, espiritual e histórica do Raízes de Pai Adão e do terreiro em que a nação está fundamentada.

É importante destacar que o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão é duplamente parte de um legado cultural. Enquanto manifestação cultural, os maracatus nação receberam em 2014 o título de Patrimônio Imaterial Nacional, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000⁷¹, e o Raízes de Pai Adão tem sua origem em um terreiro de candomblé que é patrimônio cultural a nível nacional e de grande importância histórica e religiosa e essa inclusão do ilê Obá Ogunté no rol dos bens tombados a nível federal atesta não apenas sua relevância cultural, mas também a necessidade de preservação e promoção de manifestações religioso-culturais afro-brasileiras.

O raízes surgiu numa conversa entre mim e meus primos [...] nós fundamos, pensamos em “filhos de Adão”, ou “netos de Adão”, mas Raízes de Pai Adão foi pra nos referir a toda a família [...] a família é conhecida, no Brasil, até fora do Brasil, por ser o terreiro mais antigo de nação Nagô de Pernambuco e o terceiro do Brasil, o nome de pai Adão é bem falado, nossa família veio da África, o sítio se fundou através de Tia Inês, depois da morte dela assumiram outros sacerdotes, e veio meu bisavô, a gente cresceu no sítio escutando as conversas do meu tio, do meu pai, do meu avô, todas as agremiações de Água Fria, da zona norte, que é uma região que tem isso (da cultura) muito forte, passavam no sítio [...] então a gente fundou, precisava fazer uma coisa que levasse o nome da nossa família também pras ruas, pra trazer um pouco mais da nossa história. (Itaiguara, 20/12/2023)

Iniciado apenas com pessoas da família, os ensaios do maracatu eram feitos no Sítio de Pai Adão⁷², contavam muitas vezes com o auxílio de batuqueiros de outras nações de localização próximas, como o Estrela Brilhante do Recife.

O que inicialmente era concebido como a mera exposição da história familiar gradualmente evoluiu, desencadeando aspirações mais profundas. Por sempre ouvir que a família tinha vindo do continente africano, a ida à Nigéria era um sonho compartilhado por

⁷¹ certidão de registro disponível em:

<http://colaborativo.ibict.br/taianacan-iphan/documentos-do-process/certidao-de-registro-de-bem-cultural-maracatu-nacao/>

⁷² Atualmente os ensaios acontecem à noite em um espaço ao lado do sítio, o estacionamento da policlínica Salomão Kelner.

toda a família. No ano de 2009 surgiu a ideia de levar o maracatu, mas infelizmente não houve a possibilidade, tampouco conseguiram a participação por editais. Mas a oportunidade surgiu no ano de 2013, através do historiador João Monteiro, amigo da família e filho de santo da casa, que tem se especializado na temática da cultura Iorubá no Recife.

Em agosto de 2015 foi publicada no Diário de Pernambuco uma matéria sobre os moradores do Sítio de Pai Adão, sob o título “Moradores do Sítio de Pai Adão representam herança da Nigéria para o Recife”, onde citam a viagem do maracatu ao continente e trazem também a fala do historiador:

Há dois anos, um grupo de 15 músicos e dançarinos viajou à Nigéria. Foi divulgar o trabalho realizado pelo maracatu, ao mesmo tempo em que teve a chance de conhecer as origens do próprio trabalho. Quem explica é o historiador João Monteiro. "Tive um artigo sobre a cultura iorubá no Recife aprovado para uma conferência no país. Perguntei ao professor anfitrião se não era possível levar representantes dessa tradição para o evento. Ele gostou da ideia, conseguiu a verba e nós fomos" (Diário de Pernambuco, 27 de agosto de 2015)⁷³

Essa mediação foi muito importante pela noção da história e ligação religiosa com o terreiro e a família Sabino da Costa que o historiador tem.

O auxílio financeiro para a obtenção de passagens aéreas para 16 pessoas foi possível com a participação de órgãos públicos como a EMPETUR (Empresa de Turismo de Pernambuco). Segundo Itaiguara, essas passagens foram destinadas aos participantes e aos que iriam produzir o documentário. Apesar de algumas dificuldades e incertezas, foi possível levar o número de pessoas desejado. Algumas passagens foram conseguidas no dia anterior à viagem.

Em 2013 a gente chegou a ter essa possibilidade, o historiador João Monteiro conseguiu um convite, disse: “E aí, Itaiguara, tu vai? Vamo simhora!” Eu disse: “A gente consegue essas passagens todinhas? É Deus, a gente e os Orixás.” A gente conseguiu dez ou onze passagens com o Governo do Estado, se ao todo (no planejamento) se passou três anos, foi faltando quinze dias que a gente conseguiu fazer isso tudo, foi coisa que eu nunca imaginei na minha vida, tava tudo num “vai, não vai” de repente as portas se abriu, o Governo do Estado conseguiu onze passagens aí depois um deputado conseguiu três passagens e a prefeitura no último

⁷³ Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2015/08/moradores-do-sitio-de-pai-adao-representa-m-heranca-da-nigeria-para-o-recife.html>

dia, a gente saiu da prefeitura oito horas da noite e foi Lêda Alves que conseguiu essas passagens. (Itaiguara, 20/12/2023)

Em uma entrevistas cedidas aos antropólogos Olavo de Souza Filho e Oswaldo Giovaninni Junior, a yalorixá Maria Lúcia (Mãe Lu) conta sobre o êxito em conseguir as passagens e como foi possível a realização da viagem:

“Itaiguara, meu sobrinho, conseguiu essa viagem para lá, pelo maracatu, e queria que a gente fosse, eu e mais Paulo, foi então que Oscar, que é presidente do diretório do PT, deu a passagem minha e de Paulo para a gente ir para África. Foi muita emoção conhecer as terras de nossos ancestrais.” (Filho, 2015, pág. 125)

Essa viagem foi um filho de santo nosso que conseguiu (enviar o projeto) para a Universidade Obafemi. Conseguiu colocar um projeto pra lá, com o nosso Maracatu. Nós temos, meu sobrinho tem, o ‘Maracatu Raízes de Pai Adão’.

Aí, ele fez um projeto com as negras do ‘Pátio do Terço’, que eram muito amigas do meu avô, Sinhá e Iaiá, que eram descendentes de nigerianos também. Então, formou um projeto falando sobre elas e um sobre o Maracatu de Pai Adão. A Universidade nos convidou e fomos pra lá, pra Nigéria. E foi uma coisa maravilhosa! (Junior, 2023, p.231)

A inscrição no congresso foi feita por intermédio do historiador João Monteiro, que também mediou o contato do professor Félix Aiomi da Universidade Obafemi Awolowo, na Nigéria com a família de Pai Adão. Junto a Itaiguara com os auxílios para as passagens, foi possível levar à viagem dezesseis pessoas, entre elas: o Babalorixá Paulo Braz, a Yalorixá Maria Lúcia Felipe da Costa (Mãe Lú), Leandro Gomes (mestre), Jorge Mirchel (na época, contramestre do maracatu), Thiago Nagô, Roberto (palio), Roberto (Rei), Ligia (ex-rainha), Júnior Boto (antigo mestre), Felipe Taichucuan da Costa (antigo contramestre), Itaiguara, Ajibolá (africano, filho de santo de Paulo Braz, que foi como intérprete), Gustavo e Felipe (responsáveis pelo filme), além do historiador João Monteiro.

A escolha de cada integrante que viajaria se deu de acordo com a importância dessas figuras para uma nação de maracatu e levando em consideração sua função religiosa dentro do mesmo, então cada pessoa foi escolhida com muito cuidado, Rei e Rainha como figuras importantes da corte e figuras que também têm sua importância espiritual no maracatu, assim como a calunga Alexandrina - que foi nesta viagem - não poderiam ficar de fora.

Michel era contramestre, Leandro o mestre, tia Lu como (nossa) mãe de santo, Junior Boto por ter sido mestre e também sabia cantar as toadas em iorubá, e meu tio (Paulo Braz) ia estar lá, ia cantar, então foi importante, eu sou ogã, Júnior também como ogã foi muito importante. Leandro o mestre, Roberto o rei e Nina a rainha, Roberto o que era amigo de João foi o Paleo, pra a gente mostrar que tem uma corte, e os africanos lá eles também tem coisa que a gente vê aqui no maracatu e (a gente) pensa que é história que contam, mas lá em Ile Ife, em Oyó a terra de Xangô a gente viu isso igual. (Itaiguara, 20/12/2023)

Em sua formação musical, o maracatu teve um batuque com 1 gonguê, 2 agbês, 1 tarol e 3 bombos. Os integrantes ainda levaram 3 ilús para outros momentos onde mostraram os toques de candomblé. Apenas 6 pessoas puderam fazer o papel de um batuque que originalmente tem entre 40 e 50 batuqueiros, o que não dá a dimensão do que é de fato uma nação de maracatu, mas foi o que se fez possível neste contexto, onde a corte se limitou a rei, rainha, calunga e palio.

Na viagem, o maracatu tocou não apenas com o mestre Leandro cantando as loas compostas para o grupo, mas principalmente acompanhando o Babalorixá Paulo Braz cantando toadas para os orixás, possivelmente uma forma de mostrar a ligação de cada baque do maracatu com os toques dos ilús no culto do candomblé. Para o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e para a família Sabino da Costa, uma viagem a este nível é também uma forma de reconstruir vínculos de origem e legitimar uma identidade global pan-africana que transcende o local e o nacional.

Na dissertação intitulada *Cadernos Nagô. A reversibilidade do Alapini Paulo Braz Ifamuyiide*, o antropólogo Olavo de Souza Pinto Filho traz diversas falas de Pai Paulo Braz sobre a viagem à Nigéria. Em muitos trechos as falas do Babalorixá são sobre ter cantado para os orixás em terras iorubás, a resposta receptiva do rei de Oyó⁷⁴ ao ouvi-lo e uma confirmação de reconhecimento de sua própria origem.

Como o rei de Oyo falou pra mim: ‘Você fala ioruba arcaico. Foi preciso alguém vir lá do outro lado do oceano para cantar para mãe de Xangô. Se tiver seis africanos que sabem o nome da mãe de Xangô, é muito’. E eu sabia! Essas coisas ninguém me ensinou. (FILHO, 2015, Pág. 75)

Esse momento, narrado por Paulo Braz é sempre reforçado por outros presentes na viagem:

⁷⁴ Os reis de Oyó são considerados descendentes de Xangô, na Nigéria as cidades tem nomes de Orixás ou dos reinos dos mesmos, sendo Oyó conhecido por ser o reino de Xangô.

(Em Oyó) A gente chegou lá no palácio... uma coisa é você estar aqui, não abaixa a cabeça pra ninguém, chegou, naquela festa [...] Todos sentados naqueles tronos, depois o ministro pegou o microfone e falou, avisou que o rei vinha, todo mundo se ajoelhou, aí apresentou meu tio Paulo, meu tio falou em iorubá com o rei, todo mundo abaixou a cabeça pro rei e meu tio falando em iorubá, o rei abriu bem os olhos, viu meu tio falando, meu tio cantou a toada pra ele e ele (o rei) disse que nunca viu alguém falar iorubá bem assim, a gente depois saiu do palácio e foi pro festival lá fora, a gente no palco, tocando, e meu tio cantou a música para a mãe de Xangô, e o rei disse que não tinha escutado mais essa toada que meu tio cantou. (Itaiguara, 20/11/2023)

Mãe Lu: - Ele cantou para o Rei de Oyó! O Rei de Oyó ninguém chega junto dele pra fazer nem isso aqui: um carinho. Ele é intacto. Nem o Presidente da República de lá chega junto, porque quem manda no pedaço é ele. Mas o meu irmão cantou pra ele, invocou ele, que ele é descendente ainda de Xangô, do Orixá Xangô mesmo, que ele ainda é um dos descendentes. Aí, meu irmão foi, ele levantou sobre o trono e abraçou meu irmão de rei pra rei. De rei pra rei! Foi uma coisa inédita dentro da África. O rei falou para todos: "Se dentro da Nigéria, dez sacerdotes soubessem o nome da mãe dele, de Xangô, era muito! Mas esse sacerdote, que veio do outro lado do oceano, sabe". (Junior, 2023, p. 232)

Essa receptividade quanto a semelhanças culturais-religiosas, que parece ser uma narrativa comum aos viajantes, traz um ponto importante quando levamos em consideração a tradição do candomblé nagô do Sítio de Pai Adão que, consequentemente, é a tradição dos viajantes. Do ponto de vista dos praticantes do nagô, "a ligação deles com a África parece depender mais das noções herança e descendência, do que da "sobrevivência" de traços originais que se preservaram." (Filho, 2015, pág. 151). Essa reflexão ressalta a importância do documentário 'Babá Paulo Braz - Conexão Ifé' como um registro histórico e antropológico significativo ao capturar a presença do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e do babalorixá nas cidades sagradas de Ilé-Ifé, Oyó e Oshogbo, na Nigéria."

Itaiguara fala sobre semelhanças observadas entre o que viu em Oyó em relação à corte do maracatu, além dos costumes existentes no candomblé, alguns que não se praticam mais, mas que existiam até pouco tempo, também fala de uma semelhança entre moradias e espaços no sítio.

O rei não ia sair, mas em consideração ao meu tio, que cantou lá no palácio, ele foi assistir, foi nessa hora que a gente viu o pátio, a sombrinha cobrindo o rei, cobrindo as mulheres dele, o cortejo com pessoas acompanhando ele, aí eu vi ao vivo o cortejo

que a gente vê no maracatu que é uma expressão, lá é o rei e suas rainhas. Vinha um cortejo com ele, ele sentou no palco lá, a gente tocou pro rei, ele olhando, a gente parou e fez “bora encerrar aqui, vamos fazer um cortejo tocando pro rei” e fomos tocando o cortejo, meu tio dançando, e o povo jogando dinheiro no chão. (Itaiguara, 20/11/2023)

O que de certa forma, dentro da narrativa comum era algo que podia ser ligado à realeza européia - uma corte com pálio acompanhando as figuras reais - passa a ser compreendido e visto como uma realidade da realeza Africana, trazendo assim o entendimento que ainda no período das coroações dos reis do Congo, possivelmente a referência de corte se dava a este modelo. Referência essa mantida nos maracatus até hoje. Algo que só era visto pessoalmente na “expressão” que é o maracatu-nação, como bem ressaltou o presidente do maracatu.

Algo que também chamou atenção foi a instrumentação utilizada por um grupo, em que podia-se dizer que se assemelhava ao maracatu no sentido de ter instrumentos de percussão como o “tama”, também conhecido como tambor falante, junto ao que se assemelhava a um agbê, em proporções bem maiores.

Figura 8 - Grupo tocando no Festival de Xangô



Fonte: Imagem presente no documentário Babá Paulo Braz - Conexão Ifê

Em relação a questões ritualísticas musicais, Itaiguara traz observações que evocam à tradição religiosa:

Lá os africanos querem vender as coisas e se tocar (música) querem receber dinheiro, uma coisa deles mesmo que são semelhantes aqui, umas coisas da tradição de lá que

ainda pegam aqui, como os ogãs, antigamente tinha um pratinho pros ogãs receber dinheiro, tinha isso antigamente, ou os orixás ficavam assim... pegando o dinheiro, isso a gente viu lá, e quando chegou no palácio com tio Paulo, é uma coisa que vou levar pro resto da minha vida, aquele contraste, o palácio do rei, imenso (Itaiguara, 20/12/2023)

A prática de se pagar a quem está tocando nos terreiros de candomblé é algo que se mantém hoje de uma forma diferente, há alguns anos se perdeu a prática de se pôr pratos aos pés dos ogãs, mas é mantida a tradição de se fazer uma “paga”, pois são eles os responsáveis também por “invocar” os orixás para festejarem, e o fazem através dos ilús.

Já em relação à semelhança envolvendo as estruturas físicas dos locais, Itaiguara relata o seguinte:

O festival tava rolando a gente teve uma fala com o rei e quando a gente foi pro pátio tinha um iroko enorme como era o do sítio, tem muita semelhança, as casas de palha, que até antigamente no sítio, eu criança, era aquelas telhas de zinco que hoje não tem mais, mas na África tem igual era no sítio, antigamente no sítio as casas eram assim, de palha, então a gente lá no (dia do) festival viu. (Itaiguara, 20/11/2023)

Essa percepção quanto a semelhanças destaca a importância das noções de herança e descendência para o Raízes de Pai Adão, assim como para o Sítio de Pai Adão. O documentário constitui assim um registro histórico e antropológico significativo, captando não apenas a viagem física, mas uma jornada de imersão que externaliza semelhanças entre o que pôde ser preservado na família Sabino da Costa e a cultura Iorubá.

As narrativas transmitidas em relação à origem nigeriana constituem um exemplo concreto da construção identitária e da preservação da memória cultural dentro do contexto afro-brasileiro, o que conversa com as ideias de Woodward (2014). Um exemplo eloquente dessas narrativas pode ser extraído dos relatos de Itaiguara em entrevista e dos relatos de Paulo Braz em suas falas sobre o documentário e também em sua participação na defesa de seu nome como patrimônio vivo de Pernambuco⁷⁵. Nesse contexto, tais narrativas desempenham um papel crucial na manutenção do sentido de pertencimento e na valorização da herança étnica da família. Dessa forma, se enfatiza que essas histórias não apenas perpetuam uma conexão viva com as raízes africanas, mas também funcionam como um elo

⁷⁵ Paulo Braz foi indicado por duas vezes a concorrer ao título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, a primeira em 2013, a segunda em 2016, ano em que defendeu mais uma vez seu nome na indicação, mas também não obteve o título e veio a falecer em dezembro do mesmo ano.

entre passado e presente, ressaltando a resiliência e a continuidade cultural ao longo das gerações. Assim, as narrativas da família Sabino da Costa transcendem o local familiar, e com o maracatu, levam a público, ou como dizem, às ruas, parte da tradição, oferecendo um insight valioso sobre a interseção entre identidade, história e memória dentro da diáspora afro descendente.

3.2 IMPRESSÕES E RECEPTIVIDADE: ENCONTROS NA NIGÉRIA

Uma das falas mais marcantes de Paulo Braz em relação às impressões e alegrias da viagem, parte de sua narrativa sobre seu encontro com o rei de Oyó na viagem, viagem esta marcada por muitos encontros ou, como muitos que puderam estar nesta viagem dizem, reencontros.

“Eu cantei para a mãe de Xangô e o Rei se levantou e me abraçou de igual para igual, como se fosse de um rei para outro rei. Nesse momento eu fui tomado pela emoção, já não era mais eu, era meu pai Malaquias, meu avô Adão, meu bisavô. Eu não consigo nem dizer. Ele nos reconheceu, reconheceu que a gente era de lá da África. Ele disse que nosso ioruba era arcaico, que não teria hoje na África seis pessoas que soubessem do nome da mãe de Xangô, e eu sabia, ele disse que precisou vir alguém do outro lado do Atlântico e cantar para a mãe de xangô como eu cantei” (FILHO, 2015, pag.124)

Sabe-se que Pai Adão foi a Lagos em 1906 “através de uma viagem familiar organizada por Marcolina da Silva Marques, a Dudu Obaytó.” (Halley, 2019, p.38). Mãe Lu conta um pouco dessa história:

O meu avô foi à África, né?! Naquelas épocas remotas. Que era aqueles navios bem rústicos. Ele disse: “Eu vou conhecer de onde meu pai veio, minha família veio”. E ele foi com o marido de tia Inês. Pegaram o navio. Foram pra Bahia e de lá pra África. Quando eles tão no meio do caminho, João Otolú, que era o marido da minha tia Inês, a que fundou o Candomblé, ele morre.[...] E vô seguiu só. Vô era muito destemido também, né?! Muito corajoso. Seguiu só. (JUNIOR, 2023, p. 233)

Após a determinante viagem de Pai Adão que provavelmente muito contribuiu para a reconstrução do saber e divulgação do Xangô em Recife, visto que “à época, as buscas de “retorno à origem” validavam os xangôs como “autênticos” redutos de manifestações afro-brasileiros” (Halley, 2019, p. 39), o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão embarcou em uma outra jornada, relembrando os passos de Adão. Essa nova etapa da viagem, repleta de

expectativas e significados, teve um acolhimento significativo por parte da comunidade local, destacando a relevância cultural e histórica do maracatu.

Assim que chegaram a Osogbo, foram recebidos pelo governador, conta Itaiguara. O maracatu foi prestigiado por importantes líderes, além de todo o público presente nos locais que as apresentações aconteceram.

“O professor Félix ligou pra Oyó e nos disse: Vamos para Oyó, o rei de Oyó vai receber a gente, depois de Oyó a gente foi para Oshogbo, nisso o professor Félix já tinha falado com o rei de Oshogbo, a cidade de Oxum, porque lá as cidades tem nome de orixá, então a terra de Xangô é de Oyó.” (Itaiguara, 20/11/2023)

Após falar das empolgantes perspectivas de serem recebidos pelos reis de Oyó e Oshogbo, conforme relatado por Itaiguara, ele fala sobre a experiência em Lagos. Ao chegar ao aeroporto, uma cena peculiar protagonizada por seu tio, Paulo Braz, deu início a uma nova compreensão da diversidade cultural na África.

Quando chegamos em Lagos, meu tio falando em iorubá no aeroporto com o guarda, começou a dançar para o guarda, aí o professor Félix que foi nosso guia lá, professor da universidade lá, ele disse: Pai Paulo, eu sei que o senhor tá animado, mas nem todo mundo aqui fala iorubá⁷⁶ não. A maioria da África na verdade é tudo mulçumano e evangélico, então depois dali a gente tomou outra percepção, mas foi muito bom, a gente chegou pensando uma coisa, mas foi outra. (ITAIGUARA, 20/11/2023)

Retornando às narrativas sobre o encontro de Paulo Braz com o rei de Oyó, as histórias se divergem em alguns pontos em suas perspectivas, mas convergem ao tratar da importância e do simbolismo presentes nesse momento singular, um encontro histórico com reconhecimento do próprio rei ao expressar admiração pela preservação da cultura religiosa mantida por Paulo Braz, enquanto descendente de Pai Adão.

Depois teve uma parte que a turma ri, foi que o rei não pode ser tocado e o meu tio cantou a toada, o rei foi agradecer, ele levantou e meu tio foi e abraçou ele, o segurança levantou, mas meu tio não teve culpa, pois não sabia do protocolo que não podia abraçar o rei. (ITAIGUARA, 20/11/2023)

Ele cantou para o Rei de Oyó! [...]

Meu irmão, invocando a mãe dele e cantando pra ela e pra ele. Ele não aguentou,

⁷⁶ Vale lembrar que se fala Iorubá na Nigéria, mas também se opta por adotar o inglês como idioma para se comunicar com estrangeiros, assim como em outros países se falam outros idiomas próprios.

né?! Levantou-se e abraçou-se com meu irmão, de rei para rei. (JUNIOR, 2023, p. 232)

Durante a viagem, pode-se dizer que Paulo Braz teve uma liderança marcada por profunda reverência pelas tradições africanas, refletida em sua participação ativa e reconhecimento por todos enquanto líder religioso. Podemos afirmar que Braz desempenhou um papel de facilitador quando se pensa na compreensão mútua - entre sua própria comunidade e os nigerianos - levando à tona o que vem sendo preservado ao longo de todos esses anos em sua família. Essa postura durante a viagem é um ponto legitimador tanto dele enquanto Babalorixá quanto do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão como herdeiros genuínos de uma tradição de matriz africana, fortalecendo os laços culturais entre o Brasil e a Nigéria, país originário de sua família.

Os encontros com autoridades nigerianas, como o Rei de Oyó, o Rei de Osogbo e o Primeiro-Ministro de Ilê-Ifé, representaram momentos de significativo intercâmbio cultural e espiritual. O ato de “re-batizar” Paulo Braz como Ifá Muydê, "o filho que retornou ao lar de origem", simbolizou o reconhecimento do mesmo como importante figura religiosa da tradição iorubá em Pernambuco e de certa forma estabeleceu-o como uma ponte viva entre o Brasil e a Nigéria, unindo diáspora e terra natal.

As palavras de Paulo Braz, conforme documentadas na dissertação de Olavo de Souza Pinto Filho, revelam sua conexão com as tradições iorubás. Seu conhecimento das práticas religiosas e sua habilidade de se comunicar na língua iorubá foram reconhecidos e elogiados pelos líderes nigerianos, demonstrando autenticidade e profundidade de seu conhecimento religioso e a ligação preservada com as raízes africanas.

Pensando no contexto dos estudos afro-brasileiros, as “viagens de regresso” ao continente africano por praticantes do candomblé constituem um tema de profunda relevância. Pessoas como Babá Paulo Braz e Itaiguara destacam que essas jornadas representam não apenas uma volta física, mas uma reconexão com as raízes familiares. Para eles, esse reencontro com o passado familiar é crucial, pois fortalece os laços com os antepassados africanos e contribui para a compreensão da formação do Sítio de Pai Adão, inclusive refazendo um caminho feito anteriormente pela figura importante que foi Pai Adão, tendo a religião como ponto crucial. Desta vez, o retorno trouxe a possibilidade de levar para além do seu local de surgimento, uma manifestação cultural derivada de resistência, o Maracatu Nação raízes de Pai Adão.

Sendo a proposta do Maracatu levar às ruas a história da família, a partir desta viagem foi possível levar para além das fronteiras continentais.

3.3 RAÍZES (RE)CONECTADAS: AS “VIAGENS DE RETORNO

Sobre as viagens de retorno à África, que eram realizadas por alguns afrodescendentes à época de Pai Adão, alguns acadêmicos interpretam essas narrativas como “mitos inventados”, utilizados pelas comunidades candomblecistas para legitimar suas práticas e tradições, especialmente no que diz respeito à concepção de “pureza ritual”. Entretanto, como traz Halley (2019) em seu artigo, a ideia de muitos, como era o caso de Pai Adão, era o processo de “reafricanização”, no sentido de retomar “costumes perdidos culturalmente”, inclusive, costumes que provavelmente eram incentivados por seu pai, como “falar a língua da África” e não a do colonizador, o que de fato com a realização da viagem, permitiu a Pai Adão aperfeiçoar o idioma iorubá, utilizado na liturgia do culto, iorubá esse, repassado a seus familiares e falado tão bem por Paulo Braz.

Sobre a Viagem de Adão, um assunto interessante é trazido por Lima (2010)

Conta-se que Pai Adão comportava-se com altivez ao voltar da Nigéria. Considerava os outros chefes de culto despreparados para exercer função tão importante. Converteu-se, no Brasil, ao islamismo e lhe auferiram a alcunha de ‘Mussurumi’ de Adam-massi, sendo assim, logo conhecido como Adão. Com o respeito adquirido com sua viagem a África e o consequente conhecimento do ritual e da língua litúrgicos apreendidos in loco [...].(RIBEIRO, 1988 apud LIMA, 2010, p. 61-2).

Sobre Adão ter se convertido ao islamismo, pouco se comenta na família, mas os mais velhos contam que quem havia se convertido na verdade seria o Pai de Pai Adão por decepção às práticas que era forçado enquanto escravizado. Paulo Braz contou isso em sua defesa como patrimônio vivo, em 2016⁷⁷. Outras narrativas dizem que a conversão de Adão ocorreu sim, mas como forma de articulação com outras comunidades negras, de fortalecimento.

No trabalho de Halley ainda se comenta sobre as negociações à época de Pai Adão com o Serviço de Higiene Mental, e traz que “com efeito, ao testemunhar sua viagem ao médico do S.H.M. Gonçalves Fernandes, Adão mencionou as transformações então em curso

⁷⁷ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewOKVYhatGE>

no xangô, decorrentes dos intercâmbios no mundo Atlântico, em especial dos libertos retornados à África.” (Halley, 2019, p.39) Estes contatos com instituições que regulamentavam o funcionamento dos Xangôs à época e também com outras comunidades religiosas, além das negociações com o Estado garantiram a preservação do Sítio e de outros terreiros.

“Para os africanos e crioulos, pertencer a mais de uma comunidade religiosa era algo relevante para garantir seus arranjos políticos e sociais”, sublinha Costa (2013, p. 222). Sabedor disso, Adão circulava por outros grupos e espaços, fazendo valer seus propósitos e conhecimentos. No Recife, procurava legitimar seus saberes como iguais na diferença, mesmo que tidos como “inferiores” e/ou “folclóricos” pelos homens da razão científica, em particular médicos-psiquiatras do S.H.M. e intelectuais regionalistas (HALLEY, 2019, p. 40)

José Jorge Carvalho aborda a dimensão mítico-histórica das fundações dos terreiros de candomblé em Recife com uma outra perspectiva. Ele explora os sentimentos contraditórios dos membros do candomblé recifense, que oscilam entre o orgulho do passado glorioso e a sensação de perda de memória coletiva.

Carvalho (1987) identifica três processos decorrentes dessa visão histórica dos cultos: a valorização do passado, o reconhecimento da crise na memória coletiva e os movimentos de transformação na busca pela continuidade do modelo de culto. No entanto, é importante ressaltar que ele não interpreta essas viagens como meras disputas por legitimidade e prestígio. Pelo contrário, busca entender os significados mais profundos desses processos.

É preciso insistir também que essa curiosidade que leva muitos líderes a mudar seu sistema, fazer viagens, etc., é pelo menos tão religiosa quanto a pesquisa de um acadêmico é legalmente intelectual. Pois há, entre alguns estudiosos, uma tendência a ver essas mudanças como um puro jogo de poder por parte dos líderes (CARVALHO, 1987, p.52)

Assim, as viagens de retorno ao continente africano por praticantes do candomblé desempenham um papel complexo e multifacetado no contexto religioso e cultural do Brasil. Elas representam uma oportunidade de reconexão e renovação cultural, ao mesmo tempo em que levantam questões sobre identidade, pertencimento, preservação das tradições e negociações.

Por muito tempo, por meio dessas viagens os praticantes do candomblé reafirmavam sua herança africana e sua dedicação à continuidade e vitalidade dessa religião tão profundamente enraizada na história do povo, e no caso da viagem do Maracatu Nação raízes de Pai Adão, a viagem que também pode se considerar uma viagem de retorno, não apenas reforçou aos integrantes a existência de semelhanças e importância da manutenção da preservação histórica familiar, como promoveu um intercâmbio que levou à África uma expressão de identidade pernambucana e brasileira.

Figura 9 - Raízes de Pai Adão e Paulo Braz tocando no Festival de Xangô com Bandeira do Brasil



Fonte: Imagem presente no documentário Babá Paulo Braz - Conexão Ifê

Figura 10 - Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e Paulo Braz em Cortejo na Nigéria, com as Bandeiras do Brasil e de Pernambuco



Fonte: Imagem presente no documentário Babá Paulo Braz - Conexão Ifê

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a autenticidade é uma construção narrativa (Hall, 2006), assim como a identidade cultural, e ela é algo presente não apenas na fala das pessoas que fazem o Raízes de Pai Adão, mas também na vivência dessas pessoas. Compreendemos também que a autenticidade pode ter outros significados para outras pessoas, então neste trabalho a ideia de trazer narrativas que mostrem como os fundadores e integrantes entendem a autenticidade se torna algo necessário.

O Maracatu Raízes de Pai Adão, fundado em 1998, emerge como um interessante caso de estudo no que diz respeito às narrativas de autenticidade e aos processos de legitimação dentro do contexto das manifestações culturais afro-brasileiras. Apesar de sua relativa juventude em comparação com outros grupos tradicionais, o Maracatu Raízes de Pai Adão reivindica uma autenticidade que transcende o mero fator temporal, amplamente utilizado na sociedade para atestar a tradição de uma prática cultural.

O filme "Babá Paulo Braz - Conexão Ifê" constitui uma evidência tangível da legitimidade desfrutada pelo Maracatu Raízes de Pai Adão. Sua viagem à África, financiada em parte pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura), representa um marco significativo na história do grupo, uma vez que nenhum outro Maracatu havia realizado uma jornada semelhante com apoio estatal. Esse respaldo governamental não apenas reforça a posição de destaque do Maracatu Raízes de Pai Adão no cenário cultural pernambucano, mas também confere uma dimensão adicional de autenticidade e legitimidade à sua prática. A ida do Maracatu Raízes de Pai Adão ao berço dos iorubás, na Nigéria, é um ponto relevante no discurso de legitimação e autenticidade do grupo. Ao realizar essa jornada às origens de sua matriz cultural, o Maracatu reafirma também sua conexão espiritual e ancestral com as tradições africanas, estabelecendo-se como um guardião vivo da cultura afro-brasileira.

Para além, a vinculação do Maracatu Raízes de Pai Adão a um terreiro centenário, tombado a nível estadual e federal, acrescenta uma camada adicional de profundidade histórica e autenticidade à sua prática. Ao estar inserido em um contexto religioso ancestral, o Maracatu Raízes de Pai Adão encontra uma base sólida para sua narrativa de autenticidade, ancorada em séculos de tradição e sabedoria acumulada.

É notável o contraste histórico em que o Estado que, outrora, perseguia as práticas de matriz africana, hoje em dia reconhece tanto o Terreiro Sítio de Pai Adão quanto o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão como elementos históricos e culturais de grande relevância. O

tombamento pelo IPHAN, que confere prestígio e proteção legal a esses patrimônios, é um reflexo dessa mudança de postura, marcando a importância para o conjunto da sociedade de preservação e valorização das tradições afro-brasileiras.

A legitimação do Estado em relação às manifestações culturais afro-brasileiras, como o Maracatu Nação, é um processo complexo permeado por negociações e adaptações necessárias para atender aos padrões determinados pelas instituições governamentais. Um exemplo claro disso é a intervenção da Federação Carnavalesca, que estabelece diretrizes para os desfiles dos Maracatus, desde a ordem de apresentação dos elementos da corte e do batuque até os trajes permitidos. Essa intervenção estatal, embora garanta a legitimidade oficial do Maracatu e promova sua divulgação como símbolo da identidade cultural pernambucana, implica em uma negociação na qual são estabelecidos certos padrões. Nesse processo, a comunidade ganha visibilidade, enquanto o Estado se apropria da manifestação cultural. No entanto, é importante reconhecer que essa visibilidade muitas vezes é moldada e condicionada pelos interesses e padrões estabelecidos pelo Estado.

Nesse contexto, a legitimação estatal das manifestações culturais afro-brasileiras não ocorre de forma unilateral, mas sim através de um processo de negociação e adaptação mútua entre as comunidades e o poder público. Essa dinâmica complexa reflete as tensões históricas e culturais presentes na construção e preservação da identidade afro-brasileira, evidenciando a necessidade de um diálogo contínuo e inclusivo para garantir o reconhecimento e a valorização plena dessas tradições.

Com base nas reflexões sobre a construção identitária e as questões de matriz africana apresentadas ao longo deste trabalho, percebemos que o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão desafia as noções mais “populares” de identidade e tradição. Ao se propor a levar a público a história da família Sabino da Costa, o grupo reafirma a importância das negociações com o Estado, assim como a relevância de difundir as narrativas familiares e as conexões existentes com as raízes africanas na formação de sua identidade.

Contrariando os discursos essencialistas, o Raízes de Pai Adão mostra a identidade como uma construção contínua, influenciada tanto por interpretações do passado quanto por escolhas no presente. A tradição é vista não como algo estático, mas sim como algo sempre presente e inclusive como um processo dinâmico de reinvenção e adaptação às dinâmicas socioculturais contemporâneas.

As narrativas identitárias apresentadas por Itaiguara, presidente do maracatu, refletem a ideia de identidade como uma narrativa negociada, conforme proposto por Canclini. Ao compartilhar a história da família de Pai Adão, o grupo busca construir pontes com a

sociedade e manter um diálogo aberto, inserindo-se em um contexto de comunicação multicontextual. Há uma ideia de essência presente na narrativa, mas ao mesmo tempo uma prática que negocia conforme discutido por Hall (2006).

No âmbito dos maracatus, o reconhecimento pelo Estado à manifestação, também desempenha um papel significativo. Além de conferir prestígio e proteção legal à manifestação cultural, o apoio institucional do Estado viabiliza o acesso a recursos e oportunidades, como foi a organização da viagem de importância histórica que foi a jornada à Nigéria.

Ao interagir com diferentes elementos e influências, o grupo reafirma suas identidades locais enquanto estabelece uma negociação entre o local e o global. Paulo Braz, assim como Pai Adão, personifica a resistência e a resiliência das práticas religiosas e culturais de matriz africana.

É interessante observar que ao chegar em Lagos, Paulo Braz se dá conta que a África real é diversa, ela é também muçulmana, protestante, e é muito mais diversa para além do que se idealiza no imaginário de tantos de nós.

A conexão com a África, exemplificada pela viagem que resultou num rico documentário, redefine a identificação local do Maracatu, tornando-o simultaneamente pernambucano e pan-africano global. O episódio do cântico à mãe de Xangô, entoado por Paulo Braz ao rei de Oyó, sendo essa cantiga reconhecida pelo rei como uma cantiga muito antiga, que já não se ouvia, traz também um elo de conexão, a canção consegue promover ali um reconhecimento mútuo que se dá através da música.

Esse processo contínuo de reconexão com as raízes africanas implica em uma nova identificação local, que transcende fronteiras geográficas e culturais. Assim, o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão emerge como uma expressão singular da identidade afro-brasileira, enraizada nas tradições familiares e religiosas, mas aberta à influência e ao diálogo com o mundo ao seu redor. Seu sucesso em ser reconhecido como um maracatu tradicional reflete não apenas sua importância cultural e histórica, mas também sua capacidade de se adaptar e se reinventar em um contexto em constante mudança.

4.1 O PAPEL DO ESTADO: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS

A história do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e de tantas outras manifestações culturais de matriz africana revelam as contradições e desafios enfrentados pelos grupos afrodescendentes no Brasil, especialmente em relação ao papel do Estado no reconhecimento e valorização de suas tradições.

Desde os anos 20, o Brasil tem sido palco de intensas discussões sobre identidade, e nos anos 30, essa questão se tornou ainda mais proeminente, com a cultura popular desempenhando um papel significativo na construção dessa identidade, não apenas em nível pernambucano, mas nacional. No entanto, durante a Primeira República até a década de 1930, observou-se uma perseguição às religiões de matriz africana, com uma atuação policial repressiva contra os terreiros do Nordeste.

Nesse contexto de repressão, como já dito no primeiro capítulo, existem os maracatus de baque virado divididos entre os "de fachada" e os autênticos. Os maracatus "de fachada", registrados como uma fachada para encobrir os cultos de religiões de matriz africana, enquanto os verdadeiros desfilavam no carnaval e solicitavam permissões para seus ensaios, como é o caso do Maracatu Elefante, de Dona Santa, e o Estrela Brilhante. Os registros desses maracatus fictícios, muitas vezes, utilizavam os nomes dos terreiros ou dos pais de santo mais proeminentes da época, revelando uma tentativa de camuflar as práticas religiosas sob a aparência de uma manifestação cultural popular. Inclusive, ao observarmos o que é trazido por Campos (2011), percebemos que há uma mudança notável discutida no texto, que é a rejeição do termo "Xangô" por alguns adeptos da religião, que preferem "Candomblé" devido à associação histórica do primeiro com a repressão estatal nos anos 1930 e 1940. Contudo, o Babalorixá do Sítio de Pai Adão, Manoel Papai defende a manutenção do termo "Xangô", destacando sua importância cultural e histórica.

Contrastando com o período de repressão, observamos o reconhecimento oficial de manifestações culturais afro-brasileiras como o Maracatu, reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil desde 2014, e terreiros como o Sítio de Pai Adão, tombado a nível estadual e federal. Essa mudança de postura do Estado, que anteriormente perseguia essas práticas religiosas, para um reconhecimento e proteção legal, representa de certa forma, valorização das tradições afro-brasileiras. O tombamento pelo IPHAN confere prestígio e proteção legal a esses patrimônios, destacando sua importância histórica e cultural para a sociedade brasileira. No entanto, essa mudança de postura não é isenta de contradições.

Apesar do reconhecimento oficial, os grupos culturais afro-brasileiros ainda enfrentam uma série de desafios no acesso a recursos, apoio institucional e na salvaguarda de suas tradições.

A inclusão dos maracatus na identidade pernambucana também levanta questões sobre a apropriação e adaptação dessas práticas para atender a interesses comerciais e turísticos, destacando a complexidade das relações entre cultura, mercado e identidade. Como bem traz Lima (2005) em seu artigo “Maracatus em moda: de coisas de negros xangozeiros para símbolo da identidade pernambucana”.

As políticas públicas existentes muitas vezes são insuficientes para atender às necessidades específicas desses grupos, deixando-os à mercê de dificuldades financeiras e administrativas. Além disso, o combate ao racismo estrutural continua sendo um desafio urgente. Apesar dos esforços do Estado em promover a diversidade cultural, a discriminação racial ainda persiste em diversos aspectos da sociedade brasileira. Nesse contexto, questionamos a efetividade das ações do Estado na promoção da diversidade cultural e no combate ao racismo estrutural.

Através de instituições como a Federação Carnavalesca Pernambucana, o Estado desempenhou um papel na regulamentação e promoção dos grupos carnavalescos, influenciando indiretamente na forma como os maracatus eram percebidos e valorizados.

Hoje, podemos observar que os maracatus ocupam um lugar de certo destaque no carnaval de Recife, sendo reconhecidos como parte fundamental da identidade pernambucana. No entanto, as questões sobre autenticidade e representatividade ainda estão presentes, refletindo os desafios contínuos enfrentados pela cultura popular em um mundo em constante mudança.

Pensando no que é trazido por Lima (2005) sobre o papel do Estado, no contexto do carnaval de Recife observamos contradições significativas. Por um lado, instituições como a Federação Carnavalesca Pernambucana desempenham um papel ativo na promoção e regulamentação dos grupos carnavalescos, influenciando indiretamente na valorização dos maracatus. No entanto, é importante reconhecer que, historicamente, essas manifestações foram alvo de desconfiança e desprezo por parte da sociedade, evidenciando uma lacuna entre a promoção estatal e a marginalização passada das práticas culturais populares.

Além disso, a busca pelo desenvolvimento turístico muitas vezes entra em conflito com aspectos da tradição cultural. O interesse de setores das elites locais em apoiar a "cultura local" para atrair turistas pode levar à comercialização e padronização das tradições carnavalescas, levantando questões sobre a autonomia e representatividade dos maracatus dentro do contexto cultural mais amplo de Pernambuco.

Outra contradição surge na inclusão dos maracatus na identidade pernambucana. Embora sejam reconhecidos como parte essencial da cultura local, esse reconhecimento pode estar acompanhado por processos de desafricanização e embranquecimento das práticas culturais, levantando questões sobre sua relevância dentro do panorama cultural diversificado de Recife quando observamos a grande procura de jovens de classe média por algumas nações ou o boom de grupos parafolclóricos que ocorreu. Estas questões são discutidas de maneira mais aprofundada por Ernesto Carvalho em sua dissertação “Diálogos de negros, monólogos de brancos: Transformações e apropriações muscals no maracatu de baque virado”.

Em suma, a análise do papel do Estado em relação aos grupos culturais afro-brasileiros, especialmente no contexto do carnaval de Recife, revela uma série de contradições e desafios enfrentados ao longo da história. Desde a perseguição às práticas religiosas de matriz africana até o reconhecimento oficial e a valorização dessas tradições, a trajetória é marcada por avanços e retrocessos.

Embora tenha havido progressos significativos, como o reconhecimento do Maracatu como patrimônio cultural imaterial e o tombamento de terreiros importantes, ainda persistem desafios consideráveis. A falta de acesso a recursos e apoio institucional, bem como a discriminação racial enraizada na sociedade brasileira, continuam a ser obstáculos para a preservação e promoção das tradições afro-brasileiras.

Além disso, a comercialização e padronização das práticas culturais, impulsionadas pelo interesse turístico e comercial, podem comprometer a autonomia e representatividade dos maracatus e outras manifestações populares. É essencial que o Estado, em parceria com a sociedade civil, busque formas mais eficazes de promover a diversidade cultural e combater o racismo estrutural, garantindo assim o respeito e a valorização das tradições afro-brasileiras como parte integrante da identidade nacional.

Ao refletirmos sobre essas questões, fica claro que o caminho rumo à inclusão e ao reconhecimento pleno das manifestações culturais afro-brasileiras é longo e complexo. No entanto, é fundamental que continuemos a promover o diálogo e o engajamento ativo na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as expressões culturais sejam valorizadas e respeitadas em sua diversidade.

4.2 RELAÇÕES FAMILIARES: DINÂMICAS E TRANSFORMAÇÕES

As narrativas do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, juntamente com a experiência do Sítio de Pai Adão, proporcionam insights valiosos sobre as interações entre as dinâmicas familiares e a preservação das tradições culturais. Tais reflexões convidam a uma análise crítica do papel do Estado e das políticas públicas na promoção e proteção dessas práticas culturais, visando uma compreensão mais abrangente e contextualizada desse contexto cultural multifacetado.

Ao observarmos alguns estudiosos do maracatu como Guerra-Peixe (1980), entre o final do século XIX e início do século XX se trazia um discurso sobre a preocupação com a diminuição de nações que desfilavam. Na década de 1960 do século XX, o número de maracatus-nação que desfilavam não passava de 6. Certamente alguns fatores contribuíram para a diminuição desse número e outros fatores surgiram para o crescimento posterior do número de nações que desfilam. Como Koslinksi (2011) aborda algumas possíveis questões que possivelmente resultaram nessa diminuição de nações de maracatu. Ao abordar autores como Katarina Real e Pereira da Costa, que escreveram sobre o maracatu em 1960 e 1974 respectivamente, é importante observar que eles tratam sobre a época depois da abolição da escravatura, em que se acreditava que o maracatu teria perdido a sua intenção original e logo o movimento deixaria de existir.

No entanto, é importante considerar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo na história dos “batuques” e como isso também pode ter refletido em tantas dinâmicas familiares e as relações delas com o maracatu. Digo isso, pois, mesmo sabendo que o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão foi fundado em 1996, quando paramos para refletir sobre os maracatu que eram registrados sem existirem, os maracatus “de fachada”, como foi abordado ainda no primeiro capítulo, o Sítio de Pai Adão teve um desses registros à época e não deixamos de ao menos tentar imaginar como isso pode ter afetado as dinâmicas familiares e da comunidade do Sítio em si. Esse fato também faz parte das negociações e das transformações sociais, econômicas e culturais que têm impactado a continuidade dessas tradições, colocando em questão a adaptação das práticas culturais às novas realidades.

Como descendentes de Pai Adão, esses indivíduos herdam não apenas um “legado cultural”, mas também uma linhagem histórica e que também tem sua parte afetiva ligada à prática do maracatu e às crenças do candomblé nagô, assim como uma responsabilidade pública de preservação de patrimônios.

Essas relações familiares funcionam como um canal essencial para a transmissão de conhecimento cultural, proporcionando um contexto propício para a transferência oral de práticas, rituais e valores. Através de laços familiares, os mais jovens da comunidade têm a oportunidade de absorver não apenas aspectos como os padrões musicais seja do candomblé ou, no caso do Sítio de Pai Adão, do maracatu para além dos contextos históricos e simbólicos relacionados à resistência do povo negro e as negociações necessárias ao longo dos anos para preservação de práticas religiosas e culturais.

Durante as décadas de 1980 e 1990, o Ilê Obá Ogunté experimentou um período de profundas transformações. A crescente influência de membros do Movimento Negro e a necessidade de modernização para responder às demandas contemporâneas foram catalisadores dessas mudanças. O terreiro foi submetido a reformas estruturais, possíveis com auxílio de programas do Estado e passou a implementar programas governamentais destinados à reparação das populações afrodescendentes. Além disso, passou a promover eventos culturais e religiosos, e com a fomentação de grupos como o maracatu, amplia a divulgação da cultura afro-brasileira. Esse momento é trazido no trabalho de Campos (2011). Um elemento que podemos considerar como central desse processo de transformação foi o movimento anti sincretismo, defendido por importantes líderes religiosos, como Mãe Stella do Ilê Axé Opô Afonjá. Este movimento visava afirmar o candomblé como uma religião autêntica e independente, desvinculando-o das práticas sincréticas com o catolicismo que se haviam desenvolvido ao longo dos anos. O objetivo era reconfigurar a percepção pública do candomblé, combatendo estigmas e promovendo uma identidade religiosa mais coesa e reconhecida.

O espaço físico foi reformado, há leis contra a desigualdade social; os programas governamentais de reparação às populações afrodescendentes; as instituições de fomento, de tombamento da cultura material e não material foram acionadas nas instâncias municipal, 184 Universidade Católica de Pernambuco estadual e federal para captação de recursos, como também políticos ligados à causa afrodescendente. (Campos, 2011, p. 183)

É importante ressaltar nesse aspecto a importância dos ancestrais para o candomblé, esse é um ponto crucial porque engloba a valorização da própria existência enquanto indivíduos, e quando pensamos na perspectiva de que a sabedoria ali está posta nos mais velhos, lembramos que as tradições passam obrigatoriamente pela transmissão de

conhecimentos dos mais velhos para os mais novos, podendo isso estar ou não ligado à idade cronológica.

As relações familiares estabelecem um senso de continuidade cultural e identitária, reforçando o vínculo dos indivíduos com sua herança cultural e comunitária. O sentimento de pertencimento a uma linhagem específica, a qual se conhece a história por terem feito o possível para mantê-la viva e que possa ser compartilhada motiva os membros da família Sabino da Costa a se envolverem ativamente na salvaguarda e disseminação tanto histórico religioso quanto de manifestações culturais, como o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. Essa participação e engajamento são impulsionados pela necessidade de conservar não apenas as tradições culturais em si, mas também as memórias e o legado de seus antepassados. As relações familiares neste caso são também responsáveis por fornecer um ambiente propício para expressar e vivenciar a cultura, incentivando os mais novos a se envolverem e a se comprometerem com o maracatu como uma extensão de sua própria identidade e conexão histórica, levando adiante essa narrativa de resistência existente e também construindo novas narrativas.

Este estudo se propôs a explorar a tradição dentro do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, nação que classifico como um “maracatu recente”, através também das narrativas de seu fundador e outras pessoas importantes para a nação de maracatu, destacando a importância deste maracatu e sua história.

Ao discutir como essas narrativas são construídas e negociadas, podemos observar a complexidade e a dinâmica das identidades culturais no maracatu. A análise das falas trazidas demonstra a importância da tradição oral e escrita na construção de uma identidade coletiva e na legitimação da prática cultural (Woodward, 2014; Canclini, 1997).

Assim deixamos claro que a identidade no maracatu é uma construção contínua e negociada, dependente de (re)interpretações do passado e de escolhas feitas no presente. A tradição, longe de ser um conceito fixo, está em constante reconstrução, refletindo as mudanças sociais e culturais, como traz Hall (2006).

O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão exemplifica essa dinâmica, mostrando como um maracatu "recente" pode afirmar sua legitimidade e importância cultural através de práticas e narrativas que conectam o passado e o presente

A viagem do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão à Nigéria, sendo a primeira de uma nação de maracatu ao continente africano, não apenas evidenciou a importância dessa manifestação cultural, mas também ampliou suas fronteiras além do território nacional. Este evento reforça a legitimidade e a relevância do Raízes de Pai Adão dentro da política cultural

de Pernambuco, destacando-o como um símbolo de resistência e continuidade das tradições não apenas pernambucanas, mas afro-brasileiras.

Em suma, a tradição no maracatu é uma construção dinâmica, influenciada por fatores históricos, culturais e sociais. O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão exemplifica essa contínua construção e reafirmação da identidade cultural, demonstrando que tradição e inovação coexistem e se fortalecem mutuamente. Este estudo contribui para a compreensão das complexas interações entre identidade, tradição e cultura no contexto das nações de maracatu, e sugere caminhos para futuras pesquisas sobre a evolução dessas manifestações culturais no Brasil.

Com este trabalho não busquei apenas oferecer uma compreensão aprofundada do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão a partir das narrativas, mas também lançar luz sobre questões mais amplas de identidade, autenticidade e preservação cultural. Desejo que este estudo contribua para um maior reconhecimento e valorização do maracatu de baque virado, assim como das manifestações que compõem o patrimônio cultural afro-brasileiro, dos terreiros de candomblé e inspire futuras pesquisas neste campo vibrante e em constante evolução.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Alexandra; RAIMUNDO, Charles. Religiosidade nos maracatus nação pernambucanos. Periódico Equatorial, v.3, n.4. UFRN. 2016

ALVES, Alice Emanuele da Silva; SOUZA, Mirty Kátly da Silva. Maracatu-Nação Raízes de Pai Adão: um canto Nagô na cidade de Recife. - La música y los mitos. Investigaciones etnomusicológicas / Editores María Luisa de la Garza Chávez y Carlos Bonfim.-- 1a. Ed.-- Tuxtla Gutiérrez, Chiapas: UNICACH, UFBA, 2018. Disponível em: <https://repositorio.cesmecha.mx/handle/11595/945?show=full>

ANDRADE, Rafael Moura de. A política multicultural no carnaval do Recife : democratização, diversidade e descentralização. Dissertação (mestrado em Antropologia) UFPE, 2016. 106 f.

BRASILEIRO, Paula. Noite dos Tambores Silenciosos: legado de uma mulher negra. Revista Leia Já, 2021. Disponível em: <https://m.leiaja.com/cultura/2021/02/15/noite-dos-tambores-silenciosos-legado-de-uma-mulher-negra/>

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Os afrodescentes do Ilê Obá Ogunté: espaços e deslocamentos híbridos. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, 1(1), Recife, 2011.

CANCLINI, Nestor García. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese de Doutorado. 2005.

CARVALHO, Ernesto Ignacio de. Diálogos de negros, monólogos de brancos: Transformações e apropriações muscals no maracatu de baque virado. - UFPE, 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Recife, 2007.

CARVALHO, José Jorge de. A força da Nostalgia: A concepção de tempo histórico dos cultos afrobrasileiros tradicionais. *Religião e Sociedade*, 14, (2), p. 36 - 61. 1987.

CHAMONE, Emilia; CARVALHO, Frederico Lyra de; SANDRONI, Carlos. Maracatus Transatlânticos. *Transatlantics-Cultures*, 2022. Disponível em: <https://transatlantic-cultures.org/landing/921d955e-bfb8-4d9e-b6a5-bcecb7f135a0>

CUNHA, Juliana da Mata, Quem pode mais do que o dono da casa? Participação social no processo de patrimonialização do Terreiro Ilê Obá Ogunté (Sítio de Pai Adão) no Recife-PE. – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro, 2018.

https://www.facebook.com/Oxum.Lade/posts/1773254066318861/?paipv=0&eav=AfYHSITCOzNibwjrbk-8tjfl4JgFYNhgMHpq5o7-EODwEq-M2QAJOilz_txL126_wA&_rdr

FERREIRA, Cleidson Leite. ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. Território dos Maracatus-Nação de Pernambuco: Interpretação preliminar. - *Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território*, v.3, n.1 (2012), 46:80 p., 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i1.22253>

FERNANDES, Gonçalves. Xangôs do Nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

FILHO, Olavo de Souza Pinto. Cadernos nagô. A reversibilidade do Alapini Paulo Braz Ifamuyiide. Universidade de São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - São Paulo, USP, 2015.

GUERRA PEIXE, Maracatus do Recife, 2ª ed., Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1980

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Guerra-Peixe e os maracatus no Recife: Trânsitos entre gêneros musicais (1930-1950). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 235 - 251, jan - jun, 2007.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós Modernidade. 11a Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLEY, Bruno Maia. Pelo Retorno à África: Memórias sobre Pai Adão em Territórios Transatlânticos (Recife, 1877-1936) Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.10, n.2 (2019), p.31-53.

Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/>

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Maracatu Nação, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf

IPatrimônio - IPHAN. 2018. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/recife-terreiro-oba-ogunte/#!/map=38329&loc=-8.021607999999993,-34.895248,17>

JUNIOR, Oswaldo Giovannini. Encontro de saberes e ancestralidades: entrevista com Mãe Lu e Bárbara Costa. Ayé: Revista de Antropologia, n. 1, v. 5, p. 224:245, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/index>

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. "A minha nação é nagô, a vocês eu vou apresentar": mito, simbolismo e identidade na nação do maracatu do porto rico. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine; GILLEN, Isabel Cristina Martins. Maracatus-nação e a espetacularização do sagrado. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39, n.1, p. 147:169, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333147221_Maracatus-nacao_e_a_espetacularizacao_do_sagrado

KUBRUSLY, Clarisse Q. A Experiência etnográfica de Katarina Real (1927-2006): Colecionando os maracatus em Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2007. 140 p.

LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. OLÚDÁNDÈ: Estudo da Normatização na Estrutura de Poder das Casas-matrizes Iorubás, no Recife e em Salvador. 2010. 104 p. (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE, 2010.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Maracatus em moda: de coisas de negros xangozeiros para símbolo da identidade pernambucana. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

_____. Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África: história dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000). 2010. 419 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

_____. Em defesa da tradição: Luiz de França, mestre do maracatu-nação Leão Coroado, nas memórias de maracatuzeiros e maracatuzeiras. Revista Diálogos, Disputas pela memória e a história na América Latina, v. 20 n. 2 (2016). p.162 - 178.

_____. As “origens” dos Maracatus-Nação do Recife: uma história linear e sem transformações? Tempo e Argumento, Florianópolis, v.11, n.27,p.255-282, maio/ago. 2019.

LODY, Raul. Brasileirismos e conexões em Gilberto Freyre. Recife: CEPE, 2020.

L’ODÒ, Alexandre L’Omi. Tio Paulo Braz - Ifátòógún - Um sacerdote indescritível, Recife, 2012.

Disponível

em:

<https://alexandrelo milodo.blogspot.com/2012/02/tio-paulo-braz-ifatoogun-um-sacerdote.html>

NERCOLINI, Marildo J., BEZERRA, Amilcar A. Embates e negociações: produção e consumo cultural na cena mangue. Revista FAMECOS Porto Alegre, v. 20, n. 1, pp. 147-162, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Trilogia da Ancestralidade. Volume 1. Coleção X (Organização: Rafael Haddock-Lobo) 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.

OLIVEIRA, Jailma Maria. “... QUEM MANDA AQUI SOU EU!” Rainhas Coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: inversões de papéis e rupturas nos espaços de poder. REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, Recife, v. 4, n. 1, p.: 132-152, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230029>

ORTIZ, Fernando. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar. Havana: ed. Ciencias Sociales, 1991.

PRANDI, Reginaldo “As religiões afro-brasileiras e seus seguidores”, em Civitas. Revista de Ciências Sociais, vol. 3, núm. 1, 2003, p. 16

SANSONE, Livio. Da África ao afro: Uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. Revista Afro-Ásia - 27, 2002, p. 249-269

SANTANA, John Kennedy Ribeiro de. ANÁLISE EVOLUTIVA DA OCUPAÇÃO DOS MORROS DA CIDADE DO RECIFE. v. 1 (2019): Anais do XVI SIMPURB Simpósio Nacional de Geografia Urbana. p. 3754 - 3768. disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26767>

SANTOS, Climério de Oliveira., REZENDE, Tarcísio Soares. Batuque Book Maracatu Baque Virado e Baque Solto. Ed. Lumiar. 2005. 154 páginas

SILVA, Leonardo Dantas. “A Corte dos reis do Congo e os maracatus do Recife”, em Ciências & Trópicos, vol. 27, núm. 2, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1999, pp. 363-384.

SILVA, Lucas Victor. O carnaval na cadência dos sentidos: Uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940. Recife : O Autor, 2009. 381 folhas. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2009. 439.

VAZ, Beatriz Accioly. IPHAN - Dicionário do Patrimônio Cultural. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/81/quilombo>

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014. p. 7-20.

ENTREVISTAS:

COSTA, Inês Felipe Gonzaga da. *Maninha*. Entrevista a Mirty Kátlhy da Silva Souza, Recife, 8 de dez. 2021. áudio. 20 minutos.

COSTA, Itaiguara Felipe da. *Itaiguara*. Entrevista a Mirty Kátlhy da Silva Souza, Recife, 8 de dez. 2021. áudio. 40 minutos.

COSTA, Itaiguara Felipe da. *Itaiguara*. Entrevista a Mirty Kátlhy da Silva Souza, Recife, 18 de dez. 2023. áudio. 30 minutos.

RIBEIRO, Ômega. Conversa sobre maracatus nação com a autora Mirty Kátlhy da Silva Souza, Recife, 12 de fev. 2024.

ANEXO A - IMAGENS

Imagem A - Da esquerda para a direita: Manuel Papai, Mãe Lídia, Gilberto Freyre, Babalorixá Malaquias Felipe da Costa e Vicentina Maria da Costa (Tia Vicência⁷⁸) - Festividade no Sítio de Pai Adão.



Fonte: Acervo do Sítio de Pai Adão

Imagem B - Calunga Vicentina - Apresentação na cidade de Vicência - Novembro de 2021



Fonte: Acervo da Autora

⁷⁸ Vicência, que foi importante lalorixá, é reverenciada e representada hoje em uma das calungas do Raízes de Pai Adão.

Imagem C - Maria do Bonfim (Tia Mãezinha) filha de Pai Adão



Fonte: Acervo do Sítio de Pai Adão

Imagem D - Pai Adão (Felipe Sabino da Costa)



Fonte: Acervo do Sítio de Pai Adão

Imagem E - Carro alegórico, mestre Leandro e batuqueiros do maracatu nação Raízes de Pai Adão, desfile no carnaval de 2019, categoria especial.



Fonte: Acervo do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão

Imagem F - Itaiguara, integrantes do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão e estudantes da rede pública estadual em visita ao Sítio de Pai Adão



Fonte: Acervo do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão

Imagem G - “Re-Batismo” de Paulo Braz em Solo Africano - Recebe o Título de “Ifã Muydê” - “o filho que retornou ao lar de origem”



Fonte: Acervo do Ilê Iemanjá Ogunté